

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

A BIBLIOTECA NA FORMAÇÃO HUMANA
Permanência e Metamorfose

LUÍS CARLOS PEREIRA

SÃO PAULO
2020

LUIS CARLOS PEREIRA

A BIBLIOTECA NA FORMAÇÃO HUMANA: PERMANÊNCIA E METAMORFOSE

Dissertação apresentada à Universidade Nove de Julho (Uninove), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cleide Rita Silvério de Almeida.

SÃO PAULO
2020

Pereira, Luís Carlos.

A biblioteca na formação humana: permanência e metamorfose /
Luís Carlos Pereira. 2020.

155 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho -
UNINOVE, São Paulo, 2020.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Cleide Rita Silvério de Almeida.

1. Biblioteca Universitária. 2. Acervo híbrido. 3. Uso. 4. Leituras.
5. Pensamento complexo.

I. Almeida, Cleide Rita Silvério de. II. Título.

CDU 37

LUÍS CARLOS PEREIRA

A BIBLIOTECA NA FORMAÇÃO HUMANA: PERMANÊNCIA E METAMORFOSE

Dissertação apresentada à Universidade Nove de Julho, junto ao Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, para obtenção do título de Mestre em Educação pela banca examinadora formada por,

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cleide Rita Silvério de Almeida
Universidade Nove de Julho - Uninove

Examinador I: Prof.^o Dr.^o Roberto Gimenez
Universidade Cidade de São Paulo – Unicid

Examinador II: Prof.^o Dr.^o Maurício Pedro da Silva
Universidade Nove de Julho – Uninove

Suplente: Prof.^a Dr.^a Elaine Teresinha Dal Mal Dias
Universidade Nove de Julho – Uninove

Suplente: Prof.^o Dr.^o Júlio Gomes Almeida
Universidade Cidade de São Paulo – Unicid

Mestrando _____

Aprovado em ____/____/____

*Dedico este trabalho aos meus pais que em
meio a humildade me ensinaram
responsabilidade e honestidade*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pois sem fé, esperança e perseverança eu não teria chegado até aqui.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Cleide Rita Silvério de Almeida, que acreditou na possibilidade de conduzirmos juntos este trabalho. Levarei comigo muitos ensinamentos para a vida.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) e à Universidade Nove de Julho (Uninove), que me possibilitaram a realização desta pesquisa. .

À banca de defesa, Prof.^o Dr.^o Roberto Gimenez, da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), e Prof.^o Dr.^o Maurício Pedro da Silva, da Universidade Nove de Julho (Uninove), que prontamente atenderam nosso convite e em muito contribuíram na qualificação da dissertação.

Aos Profs. Drs. Marcos Antônio Lorieri, Antônio Joaquim Severino, Elaine Teresinha Dal Mal Dias e José Eustáquio Romão.

Aos colegas que tanto compartilharam e contribuíram no desenvolvimento deste estudo: Saulo Pena, Agnaldo Geremias, Alexsandro Júnior, Diogo Rosado e, em especial, Roseli Nanni, junto a quem realizei o trabalho de campo da pesquisa – foram várias viagens para o interior de São Paulo... finalmente, a Matilde Antonelli, que se uniu a nós na formação de um trio.

Aos funcionários da Secretaria: Cristiane de Marco Soares e Jennifer Lopes.

A todos os funcionários das bibliotecas Florestan Fernandes e Octavio Ianni.

Aos demais que contribuíram direta ou indiretamente com a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o uso do acervo de duas bibliotecas universitárias – a do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). O objetivo da pesquisa foi verificar o uso do acervo a partir da percepção que os profissionais das referidas bibliotecas têm de seus usuários, considerando diferenças e afinidades entre o meio impresso e o meio digital como suporte para a pesquisa científica. A investigação, de abordagem qualitativa, recorre a fontes bibliográficas, documentais e de campo a partir da teoria do “pensamento complexo” de Edgar Morin. Para alcançar o que se propôs, foram levantados os referenciais teóricos sobre o tema, bem como se realizou uma entrevista semiestruturada com onze funcionários de ambas as bibliotecas. A partir da fundamentação teórica, da análise e da interpretação dos dados coletados, foi possível compreender de forma mais ampla o uso da informação em seus diferentes suportes por uma sociedade hiperconectada. Os resultados indicaram que os alunos de graduação utilizam mais os formatos impressos de leitura do que os de pós-graduação. Em relação aos docentes, a preferência pelos suportes impressos está diretamente ligada à faixa etária – professores mais jovens têm maior adesão aos formatos digitais. Apesar desses dados, os suportes digitais de leituras são bem vistos como recursos complementares. Esta pesquisa, portanto, apresenta potencial para ampliar as reflexões no que diz respeito aos estudos acerca da funcionalidade e do papel da biblioteca universitária no processo de formação do aluno, bem como pode proporcionar um melhor entendimento sobre o ato da leitura em seus variados suportes.

Palavras-chave: Biblioteca universitária. Acervo híbrido. Uso. Leituras. Pensamento complexo.

ABSTRACT

This dissertation has as object of study the use of the collection of two university libraries – the one from the *Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)* of *Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)* and the one from the *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH)* of *Universidade de São Paulo (USP)*. The main objective of the research was to verify the use of the collection starting from the perception that the professionals of the referred libraries have of their users, considering differences and affinities between the print medium and the digital medium as supports for scientific research. The research, with a qualitative approach, uses bibliographical, documentary and field sources based on the theory of “complex thought” by Edgar Morin. In order to achieve what was proposed, theoretical references were raised about the subject, as well as a semi-structured interview with eleven employees from both libraries. Considering the theoretical basis, the analysis and the interpretation of the collected data, it was possible to understand more widely the use of information in its different supports by a hyperconnected society. The results indicated that undergraduate students use print reading formats more than graduate students. In relation to professors, the preference for print media is directly linked to the age group – younger teachers have greater adherence to digital formats. Despite this data, digital readings are well regarded as complementary resources. This research, therefore, has the potential to broaden reflections regarding studies about the functionality and the role of the university library, as well as to provide a better understanding about the act of reading in its various supports.

Keywords: University library. Hybrid collection. Use. Readings. Complex thought.

RESUMEN

Esa disertación tiene como objeto de estudio el uso del acervo de dos bibliotecas universitarias – la del Instituto de Filosofía y Ciencias Humanas (IFCH) de la Universidad Estadual de Campinas (UNICAMP) y la de la Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras (FFLCH) de la Universidad de São Paulo (USP). El objetivo de la investigación fue averiguar el uso de la colección a partir de la percepción que los profesionales de las dichas bibliotecas tienen de sus usuarios, considerando diferencias y afinidades entre el medio impreso y el medio digital como soporte para la investigación científica. La investigación, de enfoque cualitativo, recurre a fuentes bibliográficas, documentales y de campo a partir de la teoría del “pensamiento complejo” de Edgar Morin. Para lograr lo que se propuso, se levantaron los referenciales teóricos sobre el tema, bien como se realizó una entrevista semi estructurada con once funcionarios de las dos bibliotecas. A partir de la fundamentación teórica, del análisis y de la interpretación de los datos recolectados, fue posible comprender de forma más amplia el uso de la información en sus diferentes soportes por una sociedad hiper conectada. Los resultados señalaron que los alumnos de graduación utilizan más las formas impresas de lectura de lo que los de posgrado. Cuanto a los docentes, la preferencia por los soportes impresos está directamente asociada a la franja etaria – profesores más jóvenes tienen una mayor adhesión a las formas digitales. A pesar de esos datos, los soportes digitales de lecturas son bien vistos como recursos complementares. Esta investigación, por lo tanto, presenta potencial para ampliar las reflexiones en lo que se refiere a los estudios acerca de la funcionalidad y del papel de la biblioteca universitaria en el proceso de formación del alumno, así como puede proporcionar una mejor comprensión sobre el acto de la lectura en sus variados soportes.

Palabras clave: Biblioteca universitaria. Colección híbrida. Uso. Lecturas. Pensamiento complejo.

Mafalda



Fonte: Sem Prévia¹.

Um livro importante revela-nos uma verdade ignorada, escondida, profunda, sem forma, que trazemos em nós, e causa-nos um duplo encantamento, o da descoberta de nossa própria verdade na descoberta de uma verdade exterior a nós, e o da descoberta de nós mesmos em personagens diferentes de nós. (MORIN, 1997, p. 19).

¹ Disponível em: <https://sempreviva.files.wordpress.com/>. Acesso em: 2 jan. 2020

***Toda história tem um fim,
mas na vida cada final é um novo começo***

É sempre um desafio falar sobre nós mesmos. Geralmente, expomos nossa narrativa pessoal como forma de mostrar nossa visão de mundo e comunicar os nossos objetivos.

Toda história tem um começo...

Nasci em 1969, na zona rural da cidade de Pombos, interior de Pernambuco. Éramos três filhos, sendo eu o caçula de um casal de pequenos agricultores. Não conseguíamos sobreviver daquilo que plantávamos e colhíamos. Era necessário trabalhar nos canaviais dos senhores de engenho para complementar nossa renda e assim conseguirmos sobreviver. Foi assim que iniciei minha vida no trabalho aos oito anos de idade.

Meu primeiro contato com o abecedário foi pelo esforço de minha irmã primogênita, que pouco sabia, mas o que sabia compartilhava comigo durante as noites, à luz do candeeiro. Ali não havia escola e morávamos bem distante da cidade, o que nos impossibilitou cursar o Ensino Fundamental I. Porém, isso não foi impedimento para o meu aprendizado. Quase todos os dias, nas horas vagas, eu juntava retalhos de jornais que embrulhavam os alimentos que meus pais compravam na cidade para melhorar meu aprendizado de leitura.

Era março de 1989 e eu estava com 19 anos. Meu pai havia falecido e faltava o básico para nossa sobrevivência. Inconformado com a situação em que vivíamos, com a crise financeira que assolava o País, após conversa com minha mãe e minhas duas irmãs, resolvi deixar minha terra natal rumo a São Paulo, lugar de grandes oportunidades e possibilidades.

No meu primeiro emprego, conheci uma pessoa que me motivou: Elizabete. Impossível esquecer suas palavras, capazes de mudar meu destino: “Eu tenho 43 anos e estou cursando a 8ª série. Você tem 19, terá muitas oportunidades pela frente. Vá até minha escola fazer sua matrícula”.

E assim fui para a Escola Estadual José dos Santos Novaes Jupira, atual CEMAB, na cidade de Itapevi/SP, e ali fiquei da 5ª série ao 2º ano do Ensino Médio, vindo a concluí-lo no Colégio Comercial Marechal Floriano Peixoto, já na capital paulista.

Recordo-me desse poema inscrito em uma viga da Escola José dos Santos Novaes:

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.
(Fernando Pessoa)²

Em 1995, dando continuidade aos meus estudos, fui cursar Administração de Empresas, mas não consegui terminar o curso. Naquela época, os valores das mensalidades eram elevados e, embora houvesse a possibilidade de se obter crédito estudantil, essa perspectiva não atendia a população de baixa renda. Foi necessário tomar a decisão de trancar a matrícula para pagar a pensão na qual eu morava.

Minha vontade de vencer era maior, e eu não desistiria de estudar. “Andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá.”³ (GILBERTO GIL).

Em 1998, com grande alegria, tive a oportunidade de cursar Biblioteconomia e Ciência da Informação na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

A partir de 1999, passei a trabalhar na área educacional e me sinto realizado, não pela remuneração que recebo, mas por contribuir com a educação brasileira e, conseqüentemente, com a existência humana. Uma boa remuneração é consequência da atuação de qualquer profissional, contudo, não é fator preponderante nesta área. O mais importante é assegurar o dever da humanidade, pensando a educação de modo que não se corra o risco do existir humano ficar desorientado, fragmentado e limitado; é ser um educador que reflète os valores sociais como subsídio da continuidade humana.

Devido à preocupação com o ser humano, senti a necessidade de me empenhar mais e decidi dar um passo à frente: busquei em 2004 uma especialização em Gerenciamento de Informação nas Faculdades Integradas Coração de Jesus, em Santo André. Tive um aprendizado que contribuiu no meu fazer profissional e ampliou meus conhecimentos.

No ano passado, para dar continuidade ao meu “andar com fé”, resolvi que era hora de ir mais longe e ajudar na construção da pólis educativa no percurso dos educandos. Como estudar ainda é o melhor caminho, saí em busca de uma pós-graduação.

Buscar um programa de pós-graduação não é uma tarefa simples, principalmente quando procuramos não apenas um certificado, mas nossa formação como ser social. Precisava de uma instituição que me acolhesse e me permitisse uma formação que fosse além

² Fernando António Nogueira Pessoa foi um poeta, filósofo, dramaturgo, ensaísta, tradutor, publicitário, astrólogo, inventor, empresário, correspondente comercial, crítico literário e comentarista político português.

³ Letra da música de Gilberto Gil

de uma simples grade curricular. Finalmente, encontrei o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, no qual me inscrevi. Sinto-me lisonjeado e agradecido. Serei o único membro da minha família a obter a titulação de mestre.

Simultaneamente, ingressei na Licenciatura em Pedagogia para me preparar da melhor forma possível para realizar um projeto de vida. Em breve voltarei a minha terra natal e irei dedicar-me à alfabetização de crianças, jovens e adultos. Quero oferecer àquelas pessoas que lá estão a oportunidade que não tive na minha infância e adolescência.

Em 2008, a Prefeitura de Pombos construiu uma escola de Ensino Fundamental I no sítio de minha família, que, in memoriam do meu pai, recebeu o nome de Escola Municipal Manuel Juvino Pereira, na qual pretendo lecionar voluntariamente.

Apesar de atuar em área de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão, o Programa de Pós-Graduação da Uninove foi um desafio. Na Biblioteca do campus Vergueiro, a Prof^a Dr^a Cleide Rita Silvério de Almeida, nossa orientadora, propôs ao grupo que seus integrantes se ajudassem mutuamente. Ao entrar num programa de pós-graduação, nem sempre o objeto de pesquisa está bem definido e, nesse sentido, o contato com os colegas e o entrosamento de todos funcionaram como incentivo nesta caminhada. Foi nos primeiros encontros que esta pesquisa foi tomando fôlego, fomos juntando cada ponto. Sem a ajuda da orientadora e dos pares, talvez este trabalho não fosse realizado.

Com todas essas inovações
Computador, tablet e celular
Os amigos não têm tempo nem para se olhar
Conversar cara a cara, dar boas risadas
Sem escrever somente KKK
O melhor de estar perto
É poder sentir um ao outro
Tocar em suas mãos
Saber se está feliz ou nervoso⁴ [...]. (Fran Araújo).

⁴ Poema de tecnologia. ARAÚJO, Fran. **Poema de tecnologia**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjAxMDM5MQ/>. Acesso em: 1 mar. 2019.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Profissão dos Entrevistados	91
Gráfico 2 – Experiência Profissional dos entrevistados	91
Gráfico 3 – Idade dos entrevistados.....	91
Gráfico 4 – Formação acadêmica dos Entrevistados	92
Gráfico 5 – Formação complementar dos Entrevistados	92
Gráfico 6 – Opinião sobre os cursos realizados.....	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Publicações selecionadas das bases de dados BDTD – IBICT	25
Quadro 2 - Artigos de Periódicos selecionados	29
Quadro 3 - Criação das primeiras universidades da Idade Média.....	56
Quadro 4 – Paradigmas da biblioteca atual e futura.....	70
Quadro 5 - Servidores e alunos da FFLCH - janeiro de 2019.....	84
Quadro 6 - Biblioteca Florestan Fernandes - FFLCH/USP/ 2018	84
Quadro 7 - Servidores e alunos do IFCH - janeiro de 2019.....	87
Quadro 8 - Biblioteca Octavio Ianni - IFCH/UNICAMP/ 2018	87
Quadro 9 - “A gente tem que ir aprendendo, se adaptando e se adequando”	93
Quadro 10 - “A gente não tem restrições”	95
Quadro 11 - “A nossa biblioteca é híbrida”	97
Quadro 12 - “Das humanidades é a Jstor Arts & Sciences”.....	98
Quadro 13 - “Nós fornecemos os cursos e eles vão tendo um pouquinho mais de facilidade”	101
Quadro 14 - “Os alunos da pós usam mais o digital”	103
Quadro 15 - “Os professores com mais idade se rendem ao digital pelas facilidades”	104
Quadro 16 - “Uma coisa é diferente da outra”	106
Quadro 17 - “O digital é uma segunda opção”.....	107
Quadro 18 - “Aqui não poderia ser uma biblioteca digital”.....	108
Quadro 19 - “Sem parceria com professores e alunos a coisa não funciona bem”	109
Quadro 20 - “sempre recebemos treinamento para treinar os alunos”	111

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Biblioteca de Nínive	34
Figura 2 - Interior da Biblioteca de Nínive	34
Figura 3 - Tabuinha	35
Figura 4 - Tabuinhas da Biblioteca de Ebla.	36
Figura 5 - Ruínas da Biblioteca de Alexandria	38
Figura 6 - Banhos públicos na Roma Antiga.....	39
Figura 7 - Vista externa da nova Biblioteca de Alexandria.....	41
Figura 8 - Parede de Granito da Fachada da Biblioteca de Alexandria	41
Figura 9 - Ruínas da Biblioteca de Pérgamo	42
Figura 10 - Rolo de pergaminho.....	43
Figura 11 - Tripétala Koreana	45
Figura 12 - Biblioteca Nacional	52
Figura 13 - Mosteiro de São Bento da Bahia	67
Figura 14 - Setor de encadernação da biblioteca do Mosteiro de São Bento - Bahia	67
Figura 15 - Cronologia dos suportes de informação	70
Figura 16 - Bíblia de Gutenberg.....	72
Figura 17 - Biblioteca Tianjin Binhai.....	73
Figura 18 - Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH/USP.....	83
Figura 19 - Biblioteca Octavio Ianni - IFCH/UNICAMP	86

LISTA DE SIGLAS

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação	ANPED
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	BDTD
Conselho Federal de Biblioteconomia	CFB
Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	CAPES
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas	IFCH/UNICAMP
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP	FFLCH/USP
Tecnologias da Informação e da Comunicação	TICs
Universidade de São Paulo	USP
Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP
Universidade Nove de Julho	UNINOVE

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Levantamento bibliográfico.....	25
1.1.1 Considerações sobre as teses e dissertações	27
1.1.2 Considerações sobre os artigos de periódicos.....	30
1.2 Sobre os capítulos.....	31
2 A TRAJETÓRIA DAS BIBLIOTECAS NA FORMAÇÃO HUMANA	32
2.1 Bibliotecas na Antiguidade.....	32
2.2 Bibliotecas medievais	45
2.3 Bibliotecas modernas.....	49
2.4 Um breve relato de bibliotecas brasileiras.....	50
3 O PAPEL DA BIBLIOTECA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	55
3.1 A universidade do ponto de vista histórico e social	55
3.2 Uso da informação impressa e digital	57
3.3 A biblioteca na preservação da memória.....	66
3.4 Hibridização da biblioteca universitária	69
4 UM OLHAR SOBRE O CAMPO DA PESQUISA	75
4.1 Um olhar inicial.....	75
4.2 Caracterizando a Universidade de São Paulo	81
4.2.1 A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	81
4.2.1.2 A Biblioteca Florestan Fernandes.....	82
4.3 Caracterizando a Universidade Estadual de Campinas	85
4.3.1 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH	85
4.3.1.2 Biblioteca Octavio Ianni.....	86
5 HIBRIDIZAÇÃO E PESQUISA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	89
5.1 Trechos das falas dos entrevistados.....	93
5.1.1 Uma reflexão no processo de formação do aluno.....	113
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	119
ANEXOS	127

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o contexto global sofreu perceptíveis mudanças tecnológicas, com uma série de transformações oriundas desse processo. Tais modificações refletem no comportamento social e estão intimamente ligadas ao uso da informação. Nesse sentido, as denominadas TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) são um fenômeno que parece abranger uma prática simbiótica no âmbito das relações humanas, o que, por conseguinte, faz com que a tecnologia integre cada vez mais o cotidiano das pessoas na medida em que atribui soluções práticas às nossas necessidades mais básicas.

Fato é que as tecnologias digitais⁵ modificaram as relações científicas, uma vez que aquelas têm alterado o comportamento de uso de informações nesse campo. Contudo, tais tecnologias deverão ser entendidas também como a possibilidade de imersão em um mundo novo, mas com riscos, os quais, nas palavras de Morin e Delgado Diaz (2016a), podem nos levar a uma espécie de catástrofe: “[...] emerja um mundo novo, quanto à possibilidade de que a humanidade se autodestrua. Vem acompanhada de riscos inéditos e incríveis oportunidades. Conduz à catástrofe provável e à improvável (ainda que possível) esperança de metamorfose.” (MORIN; DELGADO DÍAZ, 2016a, p. 13). Esses autores argumentam, ainda, que, a partir da década de 1950, desdobraram-se uma revolução científica e uma tecnológica que alteraram as relações entre as ciências, as tecnologias e a vida cotidiana.

A problemática da pesquisa aqui apresentada está justamente nos possíveis benefícios que essa complexidade tecnológica, que cresce sem precedentes, pode apresentar ao homem contemporâneo. Tomemos como exemplo o pensamento linear cartesiano: embora tenha deixado uma ampla herança à racionalidade ocidental moderna desde o século XVII, tal estruturação analítico-filosófica não mais corresponde às demandas sociais. Atualmente, os acontecimentos tendem a ser pensados a partir de sua complexidade enquanto fenômenos, o que ultrapassa as limitações e possíveis reducionismos de uma abordagem cartesiana para compreender relações humanas.

Nesse sentido, é preciso repensar estruturalmente os caminhos percorridos até a organização social contemporânea, considerando também os sentidos apontados por essa crescente complexificação tecnológica. No livro *Educação, Sujeito e História*, Antonio

⁵ Por “Tecnologias digitais”, segundo o Glossário Ceale, compreendem-se “o conjunto de tecnologias que permite a transformação de qualquer linguagem em números (0 e 1), uma imagem, um texto, som, ou a convergência de todos eles na forma final que aparece na tela.” Desse modo, entende-se, nesta dissertação, que as tecnologias digitais são as formas que criam e modificam textos, som, imagem, dentre outros, em contraposição à tecnologia analógica, que dependia de meios materiais diferentes para existir. Por um lado, ao digitalizar um livro, ele não depende mais do suporte material; por outro, este mesmo livro poderá ser criado diretamente na forma digital. Logo, tecnologias digitais se criam e se modificam.

Joaquim Severino afirma que “em cada etapa de sua História, a humanidade precisa refazer-se, pois não assegura seu devir histórico caso não se reaprenda continuamente” (SEVERINO, 2012, p. 83).

Essa abordagem busca exemplificar, como motor principal deste trabalho, uma espécie de “necessidade de reaprendizagem da humanidade”, partindo do pressuposto de que, mesmo sem saber o que está por vir, reaprender poderá ser a sustentação para um futuro que é inevitavelmente incerto. Assim, um novo enfrentamento dos desafios e realidades pode propiciar a continuidade da vida sustentável sob outras perspectivas.

Morin (2000) aponta que há inúmeros progressos com as tecnologias e que a comunicação triunfa com o planeta, que é continuamente atravessado por tais tecnologias outrora desconhecidas.

Dentre os exemplos significativos surgidos de forma gradual com o avanço tecnológico, podemos citar os telefones com fio, logo após os telefones celulares e os computadores em suas versões e variações. Contudo, nenhuma tecnologia ganhou mais destaque que a internet e o sistema global de redes interligadas, oportunizando, em velocidade altamente progressiva, o aumento de seus usuários no mundo inteiro.

Para Silva e Ribeiro (2004), o envolvimento da sociedade com o fenômeno da informação, em plena simbiose com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), determina comportamentos e atitudes, e fomenta práticas de organização e pesquisa da informação designadamente provindas da internet. Ainda assim, entendemos que é preciso enfatizar e chamar a atenção para as mudanças abruptas no que diz respeito aos métodos organizacionais corriqueiros da história humana conhecidos por suas tradições.

Esse conceito de domínio sobre o que deve ou pode ser reorganizado e/ou substituído pelas tecnologias ainda é muito discutível ao se considerar sua complexidade, que pode se tornar sem precedentes, devido principalmente à dinamicidade que a envolve. A palavra de ordem seria factualmente “controle” – a questão, contudo, é saber quem deve controlar. Vale lembrar as palavras de Morin, a ideia é:

[...] ligar o homem razoável (*sapiens*) ao homem louco (*demens*), ao homem produtor, ao homem técnico, ao homem construtor, ao homem ansioso, ao homem gozador, ao homem extático, ao homem cantante e dançante, ao homem instável, ao homem *subjectivo*, ao homem imaginário, ao homem mitológico, ao homem crítico, ao homem neurótico, ao homem erótico, ao homem úbrico, ao homem destruidor, ao homem consciente, ao homem inconsciente, ao homem mágico, ao homem racional, numa cara com muitas faces, em que o hominídeo se transforme definitivamente em homem (MORIN, 1973, p. 145).

Certamente, a educação se mostra como a única forma capaz de causar ruptura de fronteiras na mente humana em prol do novo, não permitindo distanciamento entre as nossas

origens e o tempo, seja ele passado, presente ou futuro, levando em consideração a necessidade de correlação dessas três instâncias cronológicas. É nesse contexto híbrido de formação educacional que as universidades vêm se transformando através de estímulo e implementações, por meio de modificação de valores e geração de conhecimento.

A interdiscursividade, necessária à defesa de nosso tema, diz respeito também à trajetória das instituições de ensino superior no âmbito em que a universidade esteve sempre alicerçada: a biblioteca. Nesse departamento, a informação, através de seus respectivos acervos⁶, preserva a memória e o conhecimento da civilização:

Em todas as épocas, as bibliotecas sempre foram dependentes da tecnologia da informação. A passagem dos manuscritos para a utilização de textos impressos, o acesso à base de dados bibliográficos armazenados nos grandes bancos de dados, o uso do CD ROM e o advento da biblioteca digital, no final dos anos 90, altamente dependente das diversas tecnologias de informação, demonstram que, nos últimos 150 anos, as bibliotecas sempre acompanharam e venceram os **novos paradigmas tecnológicos**. (CUNHA, 2000, p. 75, grifo nosso).

Seria contraditório ignorar os benefícios tecnológicos em prol de uma perspectiva de comunicação mais abrangente dos acervos que compõem as bibliotecas, considerando que hoje podemos levar Dostoiévski, Freud ou Machado de Assis instantaneamente a qualquer lugar do planeta em que haja internet. Dessa maneira, as bibliotecas vivem o devir digital na composição de seus acervos, se considerarmos os *e-books*, *PDFs*, *DOCs* e *ePUBs*. Em contrapartida, o formato impresso continua sendo adquirido, isto é, há movimentos opostos funcionando como complementares nesse processo. Morin afirma que “seja suscitar uma hibridização ou, melhor, uma síntese criadora entre ideias contrárias” (2011, p. 35). Há, então, uma espécie de impacto⁷ entre os polos da mecanização tecnológica, em contraponto às metodologias tradicionais de uso de acervos. Isso ocorre porque, ainda segundo Morin, “esse encontro antagônico cria uma zona de turbulência que abre uma brecha no determinismo [...] pode estimular, entre indivíduos ou grupos, interrogações, dúvidas, insatisfações, reticências, busca.” (MORIN, 2011, p. 35).

Em face da hibridização das bibliotecas, abriram-se novas possibilidades de uso dos acervos estimuladas pelas tecnologias. Atualmente, por exemplo, o usuário diante da tela acessa a informação conforme suas necessidades e de qualquer lugar – outrora, ele

⁶ O termo “acervo” é definido no Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2010, p. 788) como “conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição, de uma nação.” Aqui, é entendido como qualquer tipo de material que compõe as coleções da biblioteca universitária, independentemente do suporte destinado à pesquisa científica.

⁷ “impacto”, segundo o mesmo dicionário, na p. 1200, significa “choque ou colisão de dois ou vários corpos”. Tal definição evidencia que dessa colisão resultou algum tipo de modificação.

necessariamente deveria comparecer à biblioteca para usar o material impresso. Como relata Manguel, “nossa leitura da internet de amplitude mundial, justamente por assumir-se de amplitude mundial, parece não requerer tal deslocamento: tudo, segundo nos dizem, está aqui o tempo todo, ao toque de um dedo” (MANGUEL, 2017, p. 10).

Em razão dessas novas possibilidades, a presente dissertação tem como objeto de estudo o uso do acervo de duas bibliotecas universitárias: a do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). O intuito da pesquisa é compreender, de maneira mais ampla, como o usuário está usando a informação em seu estado tradicional, transitando entre o físico e o digital, a partir da percepção que os profissionais das referidas bibliotecas têm de seus usuários. Desde 1999, atuando como bibliotecário, observo de perto a incessante busca dos profissionais na modernização das bibliotecas; por isso, parto do pressuposto de que elas têm a função de contribuir para a finalidade de formação acadêmica nas universidades, mesmo na conjuntura atual, em que a informação circula na internet em larga escala.

Por isso, é importante que haja cooperação entre professores, alunos e biblioteca. Esta poderá propiciar um ambiente no qual os alunos sejam capazes de desenvolver uma formação apta a pesquisar, analisar e empregar a informação disponível em qualquer suporte, além de, e sobretudo, empregá-la com eficiência na construção do conhecimento – conhecimento este que, por sua vez, não é necessariamente constituído pelo mero acúmulo de informações, mas sim de um potencial criativo suscitado pela formação educacional. É nesse sentido que a parceria é importante nas ações educativas.

Cabe pensar, aqui, a ideia de “pirâmide informacional” teorizada por Nilson José Machado (1995), segundo a qual há uma distinção entre dados, informações e conhecimento. Para o autor, é a partir da apropriação deste último que subjaz a inteligência. No primeiro nível da pirâmide, está o banco de dados; uma vez que o indivíduo tem contato com os dados tratados, cabe a ele filtrar aqueles que lhe despertem maior interesse. Após esse tratamento, chega-se ao segundo nível: a informação. O conjunto de informações, por sua vez, permite uma assimilação crítica – também devendo ser filtrado, portanto –, que levará o indivíduo ao terceiro nível da pirâmide, isto é, o conhecimento. A parceria entre bibliotecas e professores atua nessa passagem, na medida em que estimula o aluno a absorver a informação e, a partir daí, gerar conhecimento.

Obviamente, se considerarmos à finalidade principal da biblioteca, que é fornecer o acesso à informação no desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão sem deixar de buscar

respostas a questionamentos das reais implicações da revolução tecnológica no uso do acervo. No entanto, o propósito da biblioteca continua inalterado. Com isso, não podemos ignorar a figura até então fundamental nesse processo: os profissionais de bibliotecas. A eles, sempre coube o papel de coletar, registrar, preservar, disseminar, capacitar usuários e não usuários para que a informação tenha um uso mais eficiente e eficaz, “na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana.” (Conselho Federal de Biblioteconomia, 2019, n.p).

No que se refere ao uso das bibliotecas, sempre houve preocupação com os serviços que elas oferecem, tanto que, no discurso inaugural do Congresso Internacional de Bibliotecários, em 20 de maio de 1935, em Madri, assim se manifestou Ortega y Gasset, ao falar da profissão de bibliotecário, especificamente:

As carreiras e profissões são tipos de atividade humana, de que, pelo visto, a sociedade necessita. E um deles, há cerca de dois séculos, é o do bibliotecário. [...] ao exercer essa profissão, compromete-se a fazer o que a sociedade necessita. E esta necessidade [...] propriamente humana não consiste em uma magnitude fixa, mas é, essencialmente, variável, migratória, evolutiva; em suma, histórica. (ORTEGA y GASSET, 2006, p. 11-16).

Na mesma ocasião, à frente de seu tempo e 10 anos antes da invenção do primeiro computador, Ortega y Gasset apontou para a necessidade de se “criar uma nova técnica bibliográfica de um **automatismo** rigoroso para alcançar a potência máxima que vosso ofício iniciou há séculos com a figura da catalogação”. (ORTEGA y GASSET, 2006, p. 43, grifo nosso).

Para muitos teóricos, como Murilo Bastos da Cunha, a fala do filósofo espanhol foi intuitiva no sentido de uma ordenação rigorosa e rápida da bibliografia, felizmente conseguida com a utilização, cada vez mais crescente, do computador e da internet. Mas, mesmo com essas tecnologias em ascensão, os profissionais de bibliotecas ainda são responsáveis por possibilitar que a biblioteca seja um lugar autônomo de divulgação de informação. Ao questioná-los como sujeitos fundamentais, expandimos a oportunidade de conhecer melhor o uso do acervo.

Não podemos ainda deixar de mencionar que, mesmo antes de todo esse aparato tecnológico digital, sempre houve, de forma analógica, o esforço concentrado na modernização de bibliotecas. Para esse entendimento, cabe pensar que as tecnologias se condicionam ao emprego de métodos distintos; ou seja, mudamos a forma como fazemos, mas a essência da biblioteca permanece. Assim, dentre os inúmeros temas para os quais se volta, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura afirma:

Uma área que deve receber uma atenção particular são as bibliotecas. O termo

“biblioteca” tomou um significado novo nas modernas instituições acadêmicas. Não é mais somente um lugar onde livros e outros materiais escritos, relevantes para o ensino e a pesquisa, são regularmente colecionados, catalogados e preservados. Está se tornando, cada vez mais, o centro nervoso para a interação entre aqueles que providenciam as informações e seus usuários, dos quais o ensino moderno e a pesquisa dependem. Juntamente com arquivos e museus, as bibliotecas providenciam não somente um local físico, mas também um contexto intelectual para a guarda, a preservação e troca de conhecimento. (UNESCO, 1999, p. 73)

Em entrevista, Morin coloca a biblioteca como símbolo da memória e cita a última parte d’A *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, sobre o Paraíso, descrevendo a imagem de Deus: “Num simples volume esconde-se a ideia do universo.” (MORIN apud LEITE, 2018, n.p.). Veja-se que Morin apresenta a ideia de Deus como a biblioteca das bibliotecas.

É certo que “os países subdesenvolvidos continuam a sofrer exploração econômica” (MORIN, 2003c, p. 79), o que afeta, de certa forma, o desenvolvimento da ciência e tecnologia em vários setores, talvez até mesmo nas nossas bibliotecas. Nesse sentido, é possível indagar sobre as reais implicações das tecnologias digitais nas bibliotecas universitárias:

- como os usuários estão se comportando perante esses suportes de leitura?
- há preferências de suporte de leitura por alunos e professores diante dos vários modelos disponíveis?

As respostas para essas questões podem abrir espaço para um melhor conhecimento dos fatos numa sociedade interconectada, que se pressupõe a valorização da informação, uma vez que sua utilização gera conhecimento, formando um ciclo de produção e uso, em que textos lidos e comentados podem reproduzir-se em novos (MANGUEL, 2004).

Nesta pesquisa, o objetivo principal é verificar o uso do acervo em suas múltiplas possibilidades de ocorrência em uma sociedade hiperconectada, a partir da percepção dos profissionais das duas bibliotecas sobre o uso do acervo pelos usuários. Nesse sentido, o trabalho pretende, especificamente:

- averiguar, por meio da percepção do profissional da biblioteca, o comportamento do usuário em relação ao uso do acervo nos vários formatos;
- verificar dificuldades de manuseio das plataformas digitais;
- identificar preferências por categorias de usuários quanto ao acervo impresso ou digital;
- conhecer a mediação do profissional da biblioteca no auxílio ao usuário para a utilização dos acervos.

Para tanto, fundamentaremos a pertinência dessas questões buscando nas aspirações do

pensamento complexo de Edgar Morin contribuições para um possível esclarecimento da problemática do uso do acervo nas condições apresentadas na atualidade. Nas palavras do autor, “a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não quer dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões.” (MORIN, 2005, p. 177).

A respeito dessas complexidades, em que os sujeitos são considerados incompletos e inacabados, embora vão se construindo ao longo da vida, diz Morin:

Acontece que o problema da complexidade não é o de estar completo, mas o da incompletude do conhecimento. Num sentido, o pensamento complexo tenta dar conta daquilo que os tipos de pensamento mutilante desfazem, excluindo o que eu chamo de simplificadores, e por isso ele luta não contra a incompletude, mas contra a mutilação. Por exemplo, se tentamos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos estes aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa estes diferentes aspectos ou unifica-os por uma redução mutilante. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é prestar conta das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento [...] Não devemos esquecer que o homem é um ser biológico-sociocultural, e que os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, econômicos, culturais, psicológicos etc. Dito isto, ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza. (MORIN, 2005, p.176-177).

A partir dessas reflexões, espera-se a indicação de procedimentos que tornem o ato de pesquisa um processo progressivo, dinâmico e pautado na complexidade. Assim, faz-se necessária a compreensão do todo e das partes envolvidas, e, simultaneamente, também o entendimento da complexidade no que diz respeito às inúmeras dimensões que afetam a vida dos usuários, os quais se deparam com muitas possibilidades de acesso e uso da informação nas suas investigações científicas.

O levantamento bibliográfico realizado para dar fundamento a esta pesquisa se constitui de 3 teses, 9 dissertações e 12 artigos de periódicos. A análise do material nos mostra que muitas pesquisas têm sido feitas nas últimas décadas sobre o uso de acervos digitais, tecnologias nas bibliotecas universitárias, leituras em ambientes digitais e outras, abordando as bibliotecas universitárias nas ciências humanas. Entretanto, o levantamento indica que os sujeitos pesquisados foram os próprios usuários, ou seja, nenhuma delas trata especificamente do objeto desta pesquisa – o uso do acervo a partir da percepção que os profissionais de bibliotecas possuem sobre os usuários, tampouco à luz do pensamento complexo, o que nos instiga a um olhar mais apurado sobre ele, levando-nos a crer que o estudo poderá contribuir com outras pesquisas que tratem de bibliotecas universitárias no contexto da universidade, mesmo que com outras dimensões sobre o usuário.

Para o uso de técnicas e de instrumentos metodológicos que permitam a aproximação com o objeto de estudo, foram escolhidas duas importantes bibliotecas universitárias situadas no Estado de São Paulo: a Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), e a Biblioteca Octavio Ianni, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP).

Para tal escolha, considerou-se, a priori, o perfil dos usuários, que, juntos, marcam uma direção em comum pela heterogeneidade sob muitos pontos de vista, como a faixa etária, por exemplo. “Enquanto em outros cursos a faixa é de cerca de 20 anos, aqui nós temos alunos na faixa dos 30, 40 e 50 anos, o domínio da linguagem e o interesse em estudar o homem do ponto de vista social, cultural e histórico, predomina uma visão mais crítica diante das instituições e da vida de uma maneira geral”, segundo Florenzano (2012, n.p), vice-diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Considerou-se, também, a convergência dos acervos de ambas as bibliotecas como fonte de pesquisa para tais usuários; a história dos patronos das duas bibliotecas — Florestan Fernandes e Octavio Ianni —, as quais se entrelaçam e envolvem pensadores voltados à compreensão das diferenças sociais, das injustiças a elas associadas e dos meios de superá-las; e, por fim, na realização da pesquisa de campo, consideramos os profissionais de ambas as bibliotecas pela vivência em relação ao objeto abordado e sua experiência prática no contexto dos fatos supracitados.

Parte da metodologia da análise desta pesquisa consistiu na realização de 11 entrevistas semiestruturadas com profissionais de ambas as bibliotecas, a partir de um roteiro de perguntas previamente elaborado, dividido em duas partes: a primeira conteve seis questões básicas sobre formação, idade e tempo de atuação profissional; e a segunda, 12 questões referentes à percepção dos profissionais quanto ao comportamento dos usuários no uso do acervo, definidas antecipadamente e complementadas, no decorrer das gravações, por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Ou seja, embora de posse do roteiro, as interferências foram feitas no sentido de responder concretamente ao objetivo proposto no estudo. “Esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre, e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas” (MANZINI, 1991, p. 154). Com uma abordagem qualitativa — embora o uso desse método não signifique rejeitar dados quantitativos, pois eles não são excludentes, mas complementares —, a metodologia não se reduz a procedimentos rígidos, mas às concepções teóricas da própria avaliação e de seu objeto.

Já a pesquisa documental pretendeu explorar os sites eletrônicos e também as

dependências das bibliotecas da FFLCH/USP e do IFCH/UNICAMP, com a intenção, primeiro, de entender como as respectivas bibliotecas estão inseridas nas estruturas educacionais das faculdades, para, depois, entender o uso do acervo das duas. Essa pesquisa documental foi feita em sentido amplo, com a utilização de materiais diversificados, dentre eles jornais, fotos, estatísticas, filmes e gravações, além de documentos legais, como normas, políticas e regulamentos que ainda não tiveram tratamentos analíticos. Ainda em relação às fontes que nortearam esta pesquisa, a Teoria do Pensamento Complexo serve de base para a discussão presente no referencial teórico.

1.1 Levantamento bibliográfico

[...] o desenvolvimento da ciência segue este princípio espantoso: nunca encontramos o que buscamos. Até mesmo encontramos o contrário do que procuramos. Acreditamos ter encontrado a chave, acreditamos encontrar o elemento simples e encontramos alguma coisa que relança ou reverte o problema [...]. É preciso, pois, fazer considerações novas a cada nível (MORIN, 2015a, p. 107).

Após as inquietações que originaram o objeto deste estudo, busquei auxílio em estudos anteriores que já dissertaram sobre o assunto, visando resgatar dados e aspectos pertinentes para o trabalho, além de observar também as lacunas sobre o tema, a partir do registro disponível, delimitando inicialmente as contribuições dos autores dos estudos acadêmicos (SEVERINO, 2016). Dessa maneira, procurei, nas bases de dados, trabalhos que pudessem trazer alguns subsídios para esta pesquisa, sem privilegiar os lugares de sua produção, e sim percebendo a representatividade e a diversidade de textos de diferentes lugares. (SILVA, 2016).

Para teses e dissertações, utilizamos a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), por reunir toda a produção científica brasileira dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. É oportuno ressaltar que a busca nos repositórios se restringiu ao idioma português e ao espaço temporal dos últimos 10 anos (janeiro 2010 a janeiro 2020), com algumas exceções. Sintetizamos o levantamento no quadro 1.

Quadro 1 - Publicações selecionadas das bases de dados BDTD – IBICT

Autor (ano)	Programa de Pós-Graduação	Base	Título	Palavras-Chave	Resultado
Brasil, Heloisa (2011)	Dissertação Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal do Ceará	BDTD	Avaliação do processo de modernização da Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas	Biblioteca Modernização Tecnologia	1

Carvalho, Luciana (2013)	Tese Programa de Pós- Graduação Informação Comunicação Universidade do Porto em conjunto com a Universidade de Aveiro, Portugal	BDTD	As bibliotecas universitárias de Portugal e do nordeste do Brasil: estudo sobre o impacto e mediação das tecnologias	Bibliotecas universitárias Tecnologias digitais Acervo	1
Barrocas, Amélia (2014)	Dissertação Programa de mestrado em políticas públicas da universidade Federal do Ceará	BDTD	Avaliação do uso dos livros eletrônicos do acervo da Universidade Federal do Ceará nos cursos de pós-graduação	Acervo eletrônico Uso	1
Hübner, Marcos (2014)	Dissertação Programa de Pós- Graduação em Educação Universidade de Caxias do Sul	BDTD	A biblioteca universitária na formação acadêmica: história da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul e sua relação com a aprendizagem e o sucesso acadêmico	Biblioteca Formação acadêmica	1
Silva, Edna Candida (2014)	Dissertação Programa de Pós- Graduação em Educação Universidade Católica de Goiás.	BDTD	A biblioteca: o livro e as novas tecnologias: práticas de leituras, memória e conhecimento	Biblioteca universitária Novas tecnologias	1
Silva, Rose Mendes (2015)	Dissertação Programa de Pós- Graduação em Comunicação Universidade Federal de Goiás	BDTD	Comunicação, cultura e biblioteca: uma reflexão sobre o modelo de comunicação do Sistema de Bibliotecas da UFG	Pensamento complexo Cultura Biblioteca universitária	1
Araújo, Mônica (2016)	Tese de doutorado do Programa de Pós- Graduação em Educação da UFMG	BDTD	Compreender as práticas de leitura de literatura de jovem de 15 a 17 anos.	Leitura digitais	1

Reis, Juliani (2017)	Dissertação Programa de Pós-Graduação em Educação UNILASALL	BDTD	O uso dos e-books por professores de universidades federais: novos olhares sobre as bibliotecas	Biblioteca digitais	1
Pinheiro, Lilian (2017)	Doutorado Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Universidade Federal de Santa Catarina	BDTD	O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva dos desafios das pós-modernidade diretrizes sob o olhar da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio	Pensamento complexo Bibliotecas universitárias	1
Jesus, Deise (2018)	Dissertação Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade de Brasília	BDTD	Adoção de tecnologias nas bibliotecas universitárias do Distrito Federal	Tecnologia digitais	1
Silva, Ana Celedônio(2018)	Dissertação Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Universidade Federal do Ceará.	BDTD	Biblioteca e memória: interlocuções com a comunidade	Biblioteca – Memória coletiva	1
Sousa, Maria do Socorro (2018)	Dissertação Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação UNB.	BDTD	Memória institucional em bibliotecas universitárias federais	Biblioteca universitária Memória institucional	1
Total					12

Fonte: o autor, com base nos dados levantados (2020)

1.1.1 Considerações sobre as teses e dissertações

Em sua dissertação de mestrado, Heloísa Brasil (2011) pesquisou o processo de modernização da Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no campus Palmas com a intenção de avaliar se a modernização da biblioteca está articulada aos anseios da comunidade acadêmica. A autora traz como principal análise que a questão do processo de

modernização seja ampliada e que os discentes participem das decisões do Comitê Gestor das Bibliotecas da instituição.

Já Carvalho (2013) analisa, em sua tese, as práticas desenvolvidas pelos bibliotecários diante das tecnologias digitais, estabelecendo uma análise comparativa entre 12 universidades públicas portuguesas e 10 universidades públicas do Nordeste brasileiro. Como resultado, a autora detectou que tanto os bibliotecários portugueses quanto os brasileiros consideram as tecnologias digitais positivas; no entanto, ela observou também uma diferença sentida em escala maior pelos bibliotecários brasileiros quanto aos aspectos sociais, econômicos e educacionais.

A investigação acerca dos fatores que determinam o uso do livro eletrônico entre os alunos e professores da pós-graduação da UFC foi feita por Barrocas (2014). Barrocas constatou que as principais causas de não utilização foram falta de motivação; não constarem nas bibliografias; falta de uma divulgação mais expressiva; necessidade de uma ferramenta para o acesso; a resistência a mudanças; e, por último, o público parece não querer trocar o prazer de folhear um livro impresso pela rigidez de um eletrônico.

Hübner (2014), por sua vez, analisa o papel da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul como um espaço de aprendizagem e propõe uma reflexão sobre a contribuição da biblioteca na formação acadêmica. Após análise da nota média dos alunos com o número de empréstimos de materiais na biblioteca, o autor verificou que há uma relação entre as duas vertentes, sugerindo que a biblioteca contribui para a formação acadêmica, uma vez que os discentes com maiores notas são aqueles que usam mais a biblioteca.

Ao analisar as diretrizes de compras de acervo bibliográfico nas bibliotecas universitárias, Pinheiro (2017) chega à conclusão de que o “pensar sobre as diretrizes para o desenvolvimento de coleções” em bibliotecas universitárias, numa perspectiva social, com base no anel tetralógico de Morin, contribui para o processo. A interação de elementos provenientes da ordem/desordem/organização indica que a aquisição de acervo bibliográfico pode constituir a identidade dessas bibliotecas reforçando sua importância como instituições do saber e como participantes ativas no processo de aprendizagem nas universidades. Além disso, as bibliotecas ainda podem corresponder aos anseios da comunidade e ao mesmo tempo preservar a herança cultural e científica da humanidade.

No que se refere às bases de dados para as publicações periódicas, foram escolhidos o Portal de periódicos da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o *SciELO - Scientific Electronic Library Online* –, o Google Acadêmico, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e o repositório de

universidades, também com espaço temporal dos últimos 10 anos (janeiro de 2010 a janeiro de 2020), nos idiomas português e inglês. Destacam-se, no quadro 2, alguns artigos relevantes para esta pesquisa.

Quadro 2 - Artigos de Periódicos selecionados

Autor (ano)	Base	Título	Palavras-Chave	Resultado
Chartier (2010)	SciELO	Escutar os mortos com os olhos.	Memória Cultua Preservação	1
Furtado, Cassia (2010)	CAPES	Educação e bibliotecas digitais.	Bibliotecas digitais Educação	1
Anglada, Lluís (2012)	Google Acadêmico	Bibliotecas universitarias: cabalgando la tecnología, siguiendo al usuario.	Tecnología Servicios	1
Cunha e Jesus (2012)	SciELO	Produtos e serviços da Web 2.0 no setor de referências das bibliotecas.	Internet Interação	1
Santos, Josiel (2012)	CAPES	O processo evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento	Bibliotecas Antiguidades Evolução	1
Jan e Sheikh (2014)	CAPES	Impacto of emerging technologies on university libraries of Pakistan.	Impacto Technologies Libraries - University	1
Universidade de Coimbra (2014)	Google Acadêmico	Congresso Internacional em Comemorações aos 500 anos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra	Tecnologias Ciência - Pesquisa	1
Nunes e Carvalho (2016)	CAPES	As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável.	História das bibliotecas	1
Ribeiro, Ana (2016)	SciELO	Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: um diálogo com Roger Chartier.	Leitura Tecnologia Chartier	1
Chartier (2017)	Google Acadêmico	Novas tecnologias e a história da cultura escrita. Obra, leitura, memória e apagamento.	Leitura Escrita Tecnologi	1
Saldanha (2017)	CAPES	O que é nuvem? Carta à biblioteca que vem	Futuro das bibliotecas Tecnologias digitais	1
Dias Sobrinho (2018)	SciELO	Universidade em tempos de precarização e incertezas	Universidade Incerteza	1

Total	12
-------	----

FONTE: o autor, com base nos dados levantados (2020)

1.1.2 Considerações sobre os artigos de periódicos

Cunha e Jesus (2012) buscam demonstrar a web 2.0 como uma possibilidade de auxiliar os profissionais de bibliotecas no atendimento ao usuário e, ao mesmo tempo, promover as melhorias nos serviços, principalmente no setor de referências, indicando, como conclusão, a importância dessa ferramenta.

Os autores dedicados aos estudos de tecnologias nas bibliotecas paquistanesas Jan e Sheikh (2014) relatam que as tecnologias digitais criaram espaços para si mesmas. Nesta era contemporânea, as bibliotecas universitárias armazenam vídeos, e-books e outras fontes. Após levantar dados sobre 91 bibliotecas universitárias naquele país, os autores constataram que as implementações de tecnologias emergentes têm impacto positivo nos serviços e nos recursos das bibliotecas nas universidades do setor público do Paquistão. Foi identificado que o financiamento inadequado para automação de bibliotecas, a falta de profissionais capacitados e a falta de programas de educação de usuários sobre tecnologias de bibliotecas são as principais barreiras na implementação de tecnologias nas bibliotecas universitárias do país. Esses obstáculos podem ser erradicados dando-se a devida atenção e o máximo de oportunidades às bibliotecas do país.

Ribeiro (2016) fundamenta seu artigo dialogando com as obras de Chartier para discutir a leitura em tempos de tecnologias digitais, correlacionando a cultura escrita à digital. A autora relata que o leitor é afetado desde o momento em que decide comprar um livro impresso ou digital até suas sensações com os aspectos dos suportes, visto que são tecnologias completamente novas.

Chartier (2017), por sua vez, no *III Colóquio de Pesquisa Educação e História Cultural: leituras da história e da cultura*, realizado entre os dias 13 e 15 de 2016, na Unicamp, apresenta em sua conferência o artigo intitulado “Novas tecnologias e a história da cultura escrita: obra, leitura, memória e apagamento”. Neste artigo, o autor reflete sobre as novas tecnologias, mudanças das formas herdadas da cultura escrita, e, por fim, a conexão entre memória e apagamento. Chartier vale-se de Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010) para sustentar a ideia de que, no futuro, coexistiriam as diversas culturas escritas – isto é, o impresso e o digital. São as ações de ler e de escrever que serão decisivas para permanência ou morte do livro, ou seja, o apagamento do passado ou sua presença perpetuada.

1.2 Sobre os capítulos

Para o desenvolvimento do estudo proposto, a presente dissertação está estruturada em seis capítulos, como segue:

No primeiro capítulo, é apresentado o caminho pelo qual este trabalho foi estruturado, bem como, metodologia, objetivos gerais e específicos e levantamento bibliográfico.

No segundo capítulo, é apresentada a trajetória das bibliotecas na formação das sociedades, desde a origem da escrita em Urak, na Mesopotâmia Antiga. Nessa perspectiva, expõe-se sua gênese evolutiva dentro do contexto social da época, resgatando sucintamente sua história, mas também as contribuições que trouxe para a formação humana.

No terceiro capítulo, a biblioteca é apresentada no contexto das universidades como órgão de apoio à articulação da tríade ensino, pesquisa e extensão, bem como se coloca em pauta sua contribuição para a formação acadêmica e o impacto das tecnologias sobre os suportes de leitura que compõem o acervo da biblioteca universitária.

O quarto capítulo parte de um olhar inicial sobre o campo de pesquisa, integrado pelas bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

No quinto capítulo, são expostas as análises das entrevistas, como também as discussões de trechos das falas dos entrevistados de forma entrecruzada com autores que amparam nossas reflexões no decorrer desta investigação.

Por fim, o sexto capítulo traz as considerações finais deste trabalho, em que fazemos nossas reflexões acerca dos referenciais teóricos adotados, como também o resultado das análises das entrevistas a que chegou esta pesquisa.

2 A TRAJETÓRIA DAS BIBLIOTECAS NA FORMAÇÃO HUMANA

Fundar bibliotecas era construir celeiros públicos, aprovisionar reservas contra o inverno do espírito cuja aproximação eu podia prever mesmo contra minha vontade.
(YOURCENAR, 1980, p. 131).

Neste capítulo, fazemos um apanhado da história das bibliotecas, em nossa formação como indivíduos, como também na formação de nossas sociedades. As bibliotecas são os receptáculos dos arquivos históricos das novas pesquisas, assim, arquivam as memórias da evolução humana. Há, nessa ideia, a perspectiva do pensamento complexo, registrado por Morin, que se vale de uma famosa metáfora, a da tapeçaria:

Consideremos uma tapeçaria contemporânea. Comporta fios de linho, de seda, de algodão, de lã, com cores variadas. Para conhecer esta tapeçaria, seria interessante conhecer as leis e os princípios respeitantes a cada um desses tipos de fio. No entanto, a soma dos conhecimentos sobre cada um destes tipos de fio que entram na tapeçaria é insuficiente, não apenas para conhecer esta realidade nova que é tecido (quer dizer, as qualidades e as propriedades próprias para esta textura), mas, além disso, é incapaz de nos ajudar a conhecer a sua forma e a sua configuração. (MORIN, 2015a, p. 85).

A metáfora de Morin, ao representar a tapeçaria, serve-me de referência para a primazia de que a biblioteca é esta grande tapeçaria, em que cada fio é como um livro composto de cores, tamanhos, formatos, cadernos e folhas. Juntando cada tira de tecido, tecemos uma rede de conhecimento, tapete de saberes sobre o qual caminham as gerações, sendo a humanidade sua tecelã, vez que produz tramas de cultura. Cada fio é renovado pela linha do tempo, então a biblioteca cresce, se renova no tear da evolução do próprio homem. O passado, presente e futuro das bibliotecas são representações de fatores socioculturais que se modificam no decorrer do tempo.

2.1 Bibliotecas na Antiguidade

Etimologicamente, a palavra *biblioteca* tem sua origem no grego *Bibliothēke*, derivada das palavras *Biblion* – papel ou rolo com escrita – e *THECA* – depósito. Dessa forma, podemos conceituá-la como um local ou depósito em que papéis escritos (livros) são armazenados. Hoje, podemos afirmar que lhe é atribuído um novo significado: a reunião de registros em diferentes suportes.

A região que ocupa a estreita faixa de terra entre os rios Eufrates e Tigre, desde a

Antiguidade, é chamada pelos gregos de Mesopotâmia (atual Iraque). Essa região é caracterizada pela ocupação por diversos povos, como os sumérios, os acádios, babilônios, assírios, caldeus, povos que deram origem às bibliotecas:

A História nasce há talvez dez mil anos na Mesopotâmia, há quatro mil anos no Egito, há dois mil e quinhentos anos no vale Indo e no vale do Haung Po na China. Numa formidável metamorfose sociológica, as pequenas sociedades sem agricultura, sem Estado, sem cidade, sem exército, dão lugar a centros urbanos, reinos e impérios de várias dezenas de milhares, depois centenas de milhares e milhões de súditos, com agricultura, cidades, Estado, divisão do trabalho, classes sociais, guerra, escravidão, mais tarde grandes religiões e grandes civilizações. (MORIN, 2003c, p. 15).

Historicamente, o surgimento das primeiras bibliotecas remonta ao século 7 a.C., na Assíria (atual Iraque), na cidade de Nínive (figuras 1 e 2). O rei Assurbanipal II ergueu a primeira biblioteca do mundo de que se tem notícia, localizada em seu palácio à margem do Rio Tigre. Nela, foram armazenadas aproximadamente 30 mil tabuletas escritas com caracteres cuneiformes, a mais antiga forma de escrita de que se tem conhecimento, que nasceu da necessidade de se fazer registros financeiros. A data exata dessa invenção é incerta, contudo é aceita como data provável entre 3.400 a 3.000 a.C. Esses são os primeiros registros nas tabuletas de argila que resistiram ao tempo e à ação humana contendo informações sobre movimentações econômicas, “quem pagou o quê, para quem e quando”. (CAMPBELL; PRYCE, 2016, p. 37).

No que diz respeito a esses registros financeiros, sua grande importância se deu na medida em que, ao serem lidas pelos escribas mesopotâmicos, as tabuletas eram suficientes para cessar qualquer discussão ou possíveis dúvidas em relação às movimentações monetárias e às leis vigentes. Segundo Manguel, “aqueles escolhidos para se tornarem escribas recebiam instrução, desde a tenra idade, numa escola privada, uma ‘e-dubba’ ou ‘casa das tabuletas’” (MANGUEL, 2004, p. 80). Lá, ensinavam-se religiões, história, matemática e escrita.

Ainda segundo Manguel (2004), livros e textos (tabuletas escolares) foram encontrados na maioria das casas abastadas de Urak. Se considerarmos que a leitura e a escrita têm sua história estritamente ligadas, nesse contexto, é possível compreender que ambas as práticas eram consideradas atividades para a nobreza.

Figura 1 - Biblioteca de Nínive

Fonte: Escola de Humanidades⁸

Os escritos foram criados por uma necessidade cultural: as civilizações da Mesopotâmia Antiga se desenvolveram em torno de um paradigma mítico a partir do qual se acreditava que o rei e o sacerdote eram escolhidos dos deuses para ter posse das terras. Em vista disso, os súditos tinham permissão de arar o terreno em troca de comida. A função dos escritos, aqui, era a de comprovar que os súditos estavam honrando suas obrigações financeiras para com seus patronos. Um dado interessante é o de que, com o passar do tempo, esses documentos foram descartados ou não resistiram ao tempo.

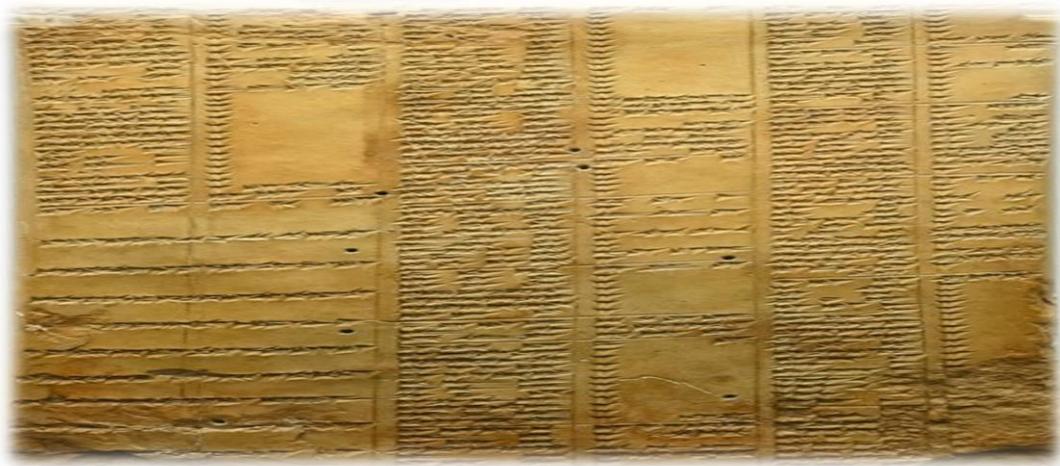
Figura 2 - Interior da Biblioteca de Nínive

Fonte: Escola de Humanidades

⁸ Disponível em: <https://escoladehumanidades.com.br/bibliotecas/>. Acesso em 20. Jan. 2020.

Segundo Midori (2017) e Martins (2001), a figura 3 mostra o primeiro modelo de biblioteca na Antiguidade. Descoberta em 1850 por arqueólogos ingleses que levaram seu acervo para o Museu Britânico, a biblioteca de Nínive continha itens sobre assuntos estudados na época, como geografia, matemática, astrologia, medicina e literatura – inclusive a *Epopéia de Gilgamesh*. Esse modelo de biblioteca possuía obras classificadas em lista; assim, Nínive foi uma das primeiras a indexar e catalogar coleções dos escritos na Antiguidade. Lá, as tabuinhas eram classificadas e identificadas por sinais que definiam sua posição, e, em seguida, eram incorporadas dentro da coleção para servir como fonte de estudos. (Figura 3).

Figura 3 - Tabuinha



Fonte: British Museum

Desde a Antiguidade, os livros foram pensados visando a melhor adaptação por seus leitores, dado que as tabuinhas, especificamente as mesopotâmicas, usualmente eram feitas de blocos de argila quadrados, ocasionalmente alongados, com cerca de 7,5 centímetros de largura; portanto, cabiam adequadamente na mão. Manguel, ao se referir às tabuletas mesopotâmicas, relata que “Um livro consistia de várias dessas tabuletas, mantidas talvez numa bolsa ou caixa de couro, de forma que o leitor pudesse pegar tabuleta após tabuleta numa ordem predeterminada” (MANGUEL, 2004, p. 58).

Ao falar da leitura em voz alta que permaneceu desde a invenção da escrita até o século X, Manguel questiona “[...] como era ler nas grandes bibliotecas antigas? O erudito assírio consultando uma das 30 mil tabuletas da biblioteca do rei Assurbanipal, no século VII a.C., [...]” (MANGUEL, 2004, p. 24). O autor depreende que, pelo contexto apresentado, o trabalho devia ser realizado em meio a um “alarido retumbante”. Parte dessa herança é o fato de que, até os dias atuais, poucas bibliotecas tenham o “silêncio proverbial”; na Ambrosiana de Milão e na *British Library*, por exemplo, os leitores falam uns com outros, enquanto que

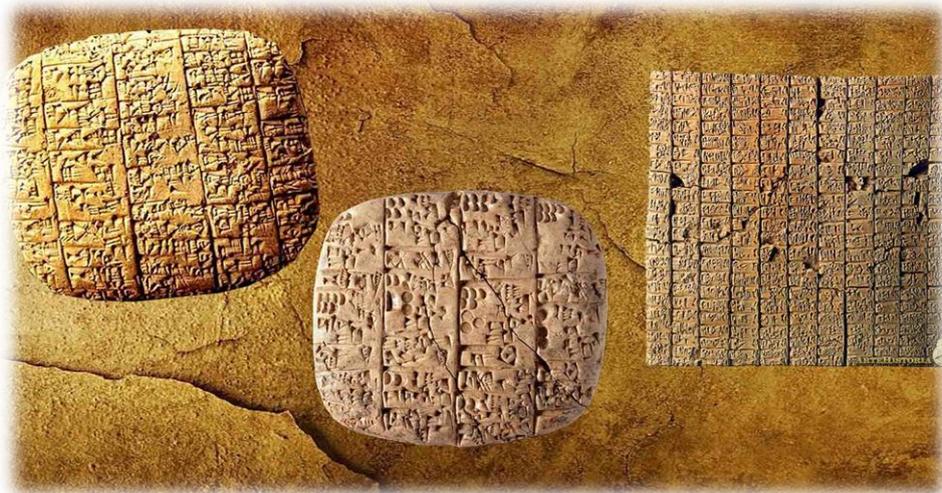
bibliotecários puxam um carrinho de livros chacoalhando em meio aos corredores.

Prossegue o autor fornecendo elementos essenciais para compreender a história da leitura ao longo do tempo. Sua cronologia é organizada a partir de duas transformações: a primeira delas tem como destaque o aspecto corporal, ou seja, a oralidade, que era indispensável no século VII; a segunda, por sua vez, diz respeito à leitura silenciosa e visual por volta do século X, momento em que são abertas as possibilidades de se ler com rapidez inclusive textos mais complexos. Esses elementos, aliás, também são encontrados em Chartier (1994).

Biblioteca de Ebla

A Biblioteca de Ebla fica localizada ao norte da Síria e foi descoberta tardiamente por arqueólogos italianos no ano de 1975, apesar de as escavações terem sido iniciadas no ano de 1964 pela equipe chefiada pelo Prof. Epigrafista Giovanni Pettinato. Sobre essa descoberta, Manguel (2004) e Chartier (1998) apontam que arqueólogos encontraram arquivos antigos que comprovam o interesse da elite pela leitura desde a Antiguidade, pelas escavações realizadas na Acrópole de Tell Mardik, na Síria Setentrional, no palácio de Ebla (2400-2250 a.C.), com aproximadamente 17 mil tabuletas (conforme figura 4), as quais estavam cuidadosamente guardadas.

Figura 4 - Tabuinhas da Biblioteca de Ebla.



Fonte: Seminário Mayor San José⁹

⁹ Disponível em: <http://seminariomayorvigo.com/es/2016/10/ebla-una-gran-biblioteca-de-la-antiguedad/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

As tabuinhas encontradas versam sobre uma diversidade de textos: documentos administrativos, financeiros, políticos, teológicos, comerciais e outros, em um idioma denominado pelos pesquisadores como eblaita. Ebla, segundo Campbell e Pryce (2016), não deve ser a biblioteca mais antiga, mas ainda hoje é a que mais se assemelha às bibliotecas mesopotâmicas. As tabuinhas já eram armazenadas em prateleiras de madeira, com o dobro da altura de cada tabuinha, em fileiras até o chão (não estavam organizadas como os livros hoje estão), com a face esculpida voltada para o leitor. Tal disposição levou os estudiosos a considerar a biblioteca de Elba como a que mais fornece informações para pesquisadores dentre as bibliotecas da Antiguidade.

Biblioteca de Alexandria

A Biblioteca de Alexandria (Figura 5), aqui considerada por sua fama, foi construída no início do terceiro século a.C. pelo bem-sucedido Ptolomeu Filadelfo, em um estado egípcio governado por uma dinastia grega. Seu objetivo era reunir os livros de todos os povos da Grécia. Entre seus acadêmicos, estavam Euclides, Arquimedes e Erastóstenes, que recebiam alimentos e tinham a biblioteca à sua disposição para investigação científica. Segundo Chartier (1998), Alexandria representou o sonho da biblioteca universal nas imaginações ocidentais, pela ambição de um ambiente no qual estivessem todos os textos e livros em suas coleções, sejam elas reunidas por príncipes ou particulares. Contudo, essa é apenas uma imagem mutilada e decepcionante da ordem do saber. Nesse sentido, Manguel (2004) complementa que a Biblioteca de Alexandria era “tão famosa” que Ateneu de Náncratis considerou *fútil* detalhá-la aos seus leitores, mesmo 150 anos depois de ela ter desaparecido. Para o autor, Alexandria deveria ter tomado medidas distintas em vez de imortalizar a imensidão de registros. Por exemplo, poderiam ter sido criadas oficinas nas quais textos lidos e analisados gerariam novos textos sucessivamente:

Para assegurar que fosse usada, os ptolemaicos convidaram os estudiosos mais aclamados de muitos países – Euclides e Arquimedes – a fixar residência em Alexandria, pagando-lhes bons honorários sem exigir nada em troca, exceto que utilizassem os tesouros da Biblioteca. Assim, cada um desses leitores especializados poderia entrar em contato com um grande número de textos. Eles leriam e resumiriam o que lessem e produziriam compêndios críticos para as gerações futuras, que por sua vez condensariam essas leituras em novos compêndios (MANGUEL, 2006, p. 33).

Figura 5 - Ruínas da Biblioteca de Alexandria



Fonte: Biblioteca em Foco

Até o momento, há muitas dúvidas sobre o incêndio que causou sua destruição, bem como a quantidade de livros do acervo. Contudo, parece provável que a biblioteca contasse com um total em torno de meio milhão de livros (manuscritos) em rolo de papiro¹⁰. Sobre isso, Manguel (2004) faz alguns questionamentos acerca de quem teria incendiado o lugar, atentando para o fato de que não temos respostas para essa pergunta até o momento.

Um dos diretores da biblioteca de Alexandria foi o astrônomo, historiador, geógrafo, filósofo, poeta, crítico teatral e matemático Erastóstenes de Cirene, primeiro a medir a circunferência da Terra em 40 mil km. Apesar dessa direção Alexandria continuava restrita ao público.

Na Antiguidade, o conceito de biblioteca pública foi criado pelos romanos, sendo a primeira biblioteca de Roma fundada em 30 a.C. por Gaio Asínio Polião Asinius, no Atrium Libertatis. Lá, as bibliotecas eram instaladas em templos ou banhos públicos (Figura 6) e continham acervos originados da luta contra gregos e fenícios. É importante frisar que o conceito de “público” para os romanos não significava “livre”, “democrático”; na verdade, esse conceito estava limitado a uma elite intelectual.

¹⁰ Originalmente, o papiro é uma planta perene da família das ciperáceas cujo nome científico é *Cyperus papyrus*.

Figura 6 - Banhos públicos na Roma Antiga



Fonte: Biblioteca em Foco

Há indícios de que a Biblioteca de Alexandria tenha sido projetada e construída nas adjacências do palácio real pela persistência de Demétrio de Falera, um talentoso filósofo que tinha o intuito de fazer com que Ptolomeu tornasse Alexandria uma rival cultural de Atenas. E assim o fez:

Ptolomeu do Egito, desejando manter como segredo nacional a produção do papiro, a fim de favorecer sua biblioteca de Alexandria, proibiu a exportação do produto, forçando assim seu rival Eumenes, soberano de Pérgamo, a descobrir um outro material para os livros de sua biblioteca. (MANGUEL, 2004, p. 58)

Entre os séculos XV e XVIII, as bibliotecas, segundo Chartier (2003), além de serem espaços de guardar arquivos, apresentavam também certa ostentação social. Além disso, ter livros em casa indicava altas condições financeiras e intelectuais. Dessa forma, ter e exhibir uma estante bibliográfica ampla indicava certo *status*, mesmo que as obras ali presentes não fossem efetivamente lidas. Fato é que os indivíduos se apropriaram da literatura desviando sua função social inicial, que é a de informação.

Sendo parte de uma instituição de ensino superior conhecida como Museu Alexandrino e tendo sido planejada como um recurso para os acadêmicos pesquisarem no museu¹¹ — já que muitos intelectuais eram convidados para trabalhar e viver em Alexandria

¹¹ Disponível em: <https://www.laoliphant.com.br/literaria/10-fatos-biblioteca-alexandria>. Acesso em: 28 ago.

—, eles teriam à disposição um imenso tesouro de livros.

Os ptolomeus transformaram a biblioteca num aparato de assessoramento sobre o controle da casa real. Para manter o monopólio do conhecimento, especialmente em medicina, engenharia e teologia, áreas em que Alexandria se destacava, os ptolomeus confiscavam livros de todos os visitantes que chegavam à cidade e copiavam para a biblioteca – em muitos casos, os originais ficavam retidos com uma etiqueta identificada com os dizeres “dos navios”, em uma tentativa de impedir o crescimento de suas rivais, Biblioteca de Rodas e Pérgamo. Esta última, inclusive, sofria embargo dos governantes de Alexandria no fornecimento de papiro, até que “o feitiço, virou contra o feiticeiro”: os habitantes de Pérgamo inventaram o pergaminho¹², material resistente e de alta durabilidade, que ficou sendo usado nos mil anos seguintes. Fato é que, do século IV até a chegada do papel na Itália, oito séculos depois, o pergaminho tinha preferência na Europa para fazer livros, não somente pela resistência que apresentava, mas também pela maciez e pelos custos de produção quando comparado aos do papiro. (BATTES, 2003, MAGUEL, 2004).

Muitas áreas “civilizadoras da Antiguidade mediterrânea e do Islã, assim como os grandes impérios modernos, viram o desabrochar de metrópoles cosmopolitas como Alexandria” [...] (MORIN, 2003c, p. 120). Esse império nacionalista moderno obcecado pelo poder impõe obstáculo e expulsa a diversidade.

Alexandria detinha o poder do conhecimento, que era bem avançado para sua época; contudo, era também egocêntrico: o acesso à informação era restrita e sem preocupação com o outro, com a evolução do coletivo. Prática como essas nos parecem corriqueiras até os dias atuais. Porém, buscamos um saber pleno sem fronteiras e sem pátria. (MORIN, 2000).

A Biblioteca de Alexandria (Figuras 7 e 8) foi reconstruída e aberta ao público em outubro de 2002 e contém cerca de 400 mil livros (acervo com obras antigas preservadas em diversas salas que podem ser visitadas mediante horário agendado). Atualmente, ela conta com uma biblioteca digital que permite acesso a outras bibliotecas e diversas salas de leitura, além de cursos periódicos (BIBLIOTHECA DE ALEXANDRIA, 2019). A coleção principal destaca as civilizações do Mediterrâneo oriental. Com espaço para 8 milhões de livros, a Biblioteca de Alexandria procura realçar ainda mais a importância dessa cidade antiga.

2019.

¹²Pergaminho é o nome dado a uma pele de animal, geralmente de cabra, carneiro, cordeiro ou ovelha, preparada para nela se escrever.

Figura 7 - Vista externa da nova Biblioteca de Alexandria



Fonte: Biblioteca em Foco

Edgar Morin, em entrevista concedida em 2016 a Juremir Machado da Silva, do *Correio do Povo*, disse que “o planeta marcha para prováveis catástrofes, mas, às vezes, o improvável acontece e muda o destino das coisas” (MORIN, 2016b). Nessa perspectiva, a Biblioteca de Alexandria reergueu-se, embora tenha tido perdas culturais irreparáveis – obras de valores inestimáveis jamais serão recuperadas. Que este seja um exemplo para aprendermos com o passado: “(...) somente quando nos tornarmos de fato cidadãos do mundo, isto é, cosmopolitas, que seremos vigilantes e respeitosos das heranças culturais, bem como compreensivos das necessidades de retorno às fontes” (MORIN, 2003c, p. 120).

Figura 8 - Parede de Granito da Fachada da Biblioteca de Alexandria



Fonte: Biblioteca em Foco

Biblioteca de Pérgamo

A Biblioteca de Pérgamo (Figura 9), por sua vez, foi criada no século II a.C.,

durante o reinado de Átalo I, grande apreciador das ciências e das artes, com acervo entre 200 e 400 mil volumes, atraindo diversos eruditos encarregados de estudos linguísticos e literários. A expectativa era a de que essa instituição fizesse com que a cidade de Pérgamo se tornasse um centro de cultura helenística, competindo diretamente com a Biblioteca de Alexandria. Entretanto, essa competição acabou quando Pérgamo doou seu acervo para Alexandria: o conjunto de obras foi doado a Cleópatra por Marco Antônio como presente de casamento. A Biblioteca de Pérgamo ficou totalmente vazia. Mais tarde, acabou sendo destruída pelas guerrilhas. (SILVA, 2014).

Figura 9 - Ruínas da Biblioteca de Pérgamo



Fonte: Biblioteca em foco

Localizada na região da Mísia, a noroeste da Anatólia, na Ásia Menor (atual Esmirna, na Turquia), a Biblioteca de Pérgamo foi criada com a intenção de fazer com que a cidade fosse o grande centro literário. Embora não tenha alcançado a mesma reputação de Alexandria, a Biblioteca de Pérgamo teve grande importância histórica: reuniu obras de pensadores como Aristóteles e foi responsável pela invenção do pergaminho, um avanço significativo para os escritos da época, que se tornaram o suporte preferido para a escrita e leitura tirando o lugar do papiro, por sua vez, considerado frágil e caro. (MARTINS, 2001; BIBLIOTECA EM FOCO, 2014).

A invenção do pergaminho (Figura 10) tornou-se preferencial pelas autoridades e padres, viajantes e estudantes devido às facilidades de manuseio e locomoção para transportar seu material de leitura com facilidade. Outra vantagem significativa foi a possibilidade de inclusão de comentários, “[...] permitindo ao leitor pôr seu dedo na história — participação que era muito mais difícil na leitura de um rolo”. (MANGUEL, 2004, p. 58).

Figura 10 - Rolo de pergaminho



Fonte: BortN66 / Shutterstock.com¹³

Vimos, portanto, que a história das bibliotecas na Antiguidade está estritamente relacionada aos contextos sociais e culturais. Morin revela que:

A cultura é, repitamos, constituída pelo conjunto de hábitos, costumes, práticas, *savoir faire*, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, idéias [sic], valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social. A cultura acumula o que é conservado, transmitido, aprendido e comporta vários princípios de aquisição e programas de ação. (MORIN, 2012, p. 35).

Em síntese, as bibliotecas na Antiguidade tiveram importante destaque, pois transmitiram à humanidade uma herança cultural incalculável, ainda que dentro do conceito representativo dos valores culturais e sociais da época. Nesse sentido, a pesquisadora Sônia de Conti, ao investigar a criação das bibliotecas, mostra a relação existente entre estas e a sociedade: “o conceito de biblioteca está sempre estreitamente relacionados ao conceito de cultura, em sua acepção tradicional, como toda manifestação intelectual de uma sociedade” (GOMES, 1983, p. 2).

Na Antiguidade, portanto, residem contribuições significativas de algumas bibliotecas até os dias atuais. Para recapitular as que consideramos relevantes neste trabalho: a Biblioteca de Nínive, por exemplo, foi a primeira a indexar e catalogar os dados de sua coleção, com o objetivo de localizar pontualmente a informação no catálogo. Evidentemente, com o passar do

¹³ Disponível em: <https://www.shutterstock.com/pt/g/bortn66/sets>. Acesso em: 21 fev. 2020.

tempo, esses catálogos foram evoluindo; atualmente, com as novas tecnologias, eles são representados pelo *catálogo online de acesso público*, que substituiu o antigo fichário. Cabe mencionar que muitas das informações que temos hoje sobre a Mesopotâmia existem por causa dessa biblioteca. A Biblioteca de Alexandria, em especial, destaca-se pelo patrimônio cultural e científico na Antiguidade com seu imenso acervo. Sua principal contribuição foi incentivar as investigações científicas, no entendimento de “sociedade” da época. Já a Biblioteca de Pérgamo, apesar dos embargos aplicados pelos dirigentes de Alexandria no fornecimento do papiro, atinge notoriedade devido à invenção do pergaminho, cujo uso permaneceu em voga pelos mil anos seguintes, graças à alta qualidade e a sua longa duração. Por fim, mencionamos a Biblioteca de Ebla, descoberta em 1975. Há dúvidas se ela seria a biblioteca mais antiga, mas, pelas recentes descobertas, o local traz grandes semelhanças com as bibliotecas atuais pelo fato de, por exemplo, as tabuinhas serem organizadas em fileiras. Os últimos estudos indicam, ainda, que Ebla, em função das constantes descobertas que tem sido feitas em seu “sítio arqueológico”, poderá tornar-se uma das fontes de pesquisa mais importantes para as futuras gerações.

Conforme mencionado anteriormente, é sabido que as bibliotecas na Antiguidade eram restritas; poucos podiam adentrar e usar a informação, dada a premissa de demonstração de poder pelos imperadores nas regiões em que se encontravam. Esse fato também foi constatado por Gomes: “[... é] evidente o caráter elitista que predomina na história da biblioteca como agência social, não só a nível de sociedade como a nível de indivíduo” (GOMES, 1983, p. 14). Conseqüentemente, o objetivo da época estava longe de ser oportunizar a todas as camadas da sociedade o acesso à leitura.

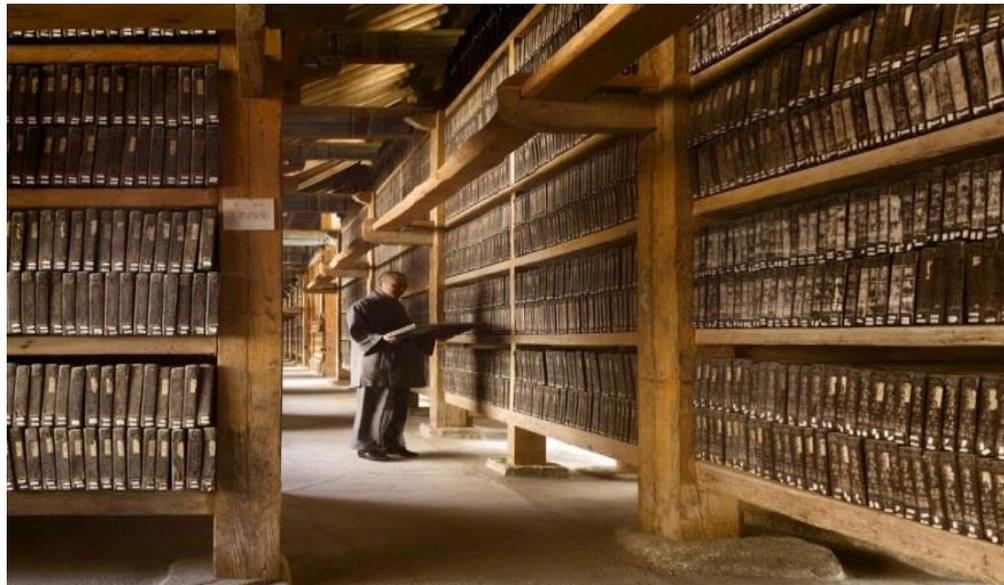
A classe sacerdotal, detentora do saber, responsável pela educação que formava os escribas, era quem se encarregava basicamente de ler textos religiosos e copiá-los. Além disso, eram eles os responsáveis pelas transações comerciais. Nesse contexto, é possível auferir que a educação sempre esteve sob domínio das classes privilegiadas. Apesar dos avanços sociais nesse sentido nos dias atuais, a educação ainda traz consigo a nítida herança elitista de sua trajetória. Gomes (1983) afirma que as circunstâncias negativas do desenvolvimento educacional atuam nas mesmas proporções nas bibliotecas. Portanto, para entender o ato de ler como ação social, histórica e cultural, é inegavelmente necessário compreender as estruturas sociais que compõem a sociedade. Tendo em vista as alterações sociais inerentes à temporalidade – isto é, à cronologia –, continuaremos a analisar genealogicamente a biblioteca, passando agora ao período medieval.

2.2 Bibliotecas medievais

A Idade Média é um período da história da Europa que teve início com a Queda do Império Romano do Ocidente entre os séculos V e XV. Nessa época, as bibliotecas que tiveram destaque não estavam na Europa cristã, mas no mundo árabe e no sudeste asiático. Elas cumpriam um papel não somente cultural, mas também econômico, considerando que o custo de um livro era alto, e somente pessoas muito abastadas conseguiam obtê-los. Assim, prevaleciam as bibliotecas particulares, as imperiais e as coleções dos templos, o que nos permite inferir que, conforme visto no capítulo anterior, essas bibliotecas eram similares às da Antiguidade.

A tecnologia para a produção de papel não foi inventada no Oriente Médio, mas na China, onde o uso e a impressão dos livros eram bem diferentes daqueles dos europeus, local em que tal tecnologia não havia chegado. Isso posto, é na Biblioteca Tripitaka Koreana (Figura 11), criada em 1251, a mais importante biblioteca da Idade Média, localizada num ponto alto da Coreia do Sul e considerada pela UNESCO como “o *corpus* mais importante e completo de textos da doutrina budista no mundo”, que se iniciam as bibliotecas medievais (CAMPBELL E PRYCE, 2016, p. 61).

Figura 11 - Tripétala Koreana



Fonte: RDDIT¹⁴.

A *Tripitaka Koreana* é um exemplo desse avanço tecnológico. A esse respeito, afirma Morin: “A atrelagem de tiro, depois o uso da pólvora, da bússola, do papel, da imprensa

¹⁴ Disponível em: <https://www.reddit.com/>. Acesso em: 22 fev. 2020.

chegam da China à Europa e fornecem os conhecimentos e instrumentos necessários para seu progresso e em particular para o descobrimento da América” (MORIN, 2003c, p. 18).

A civilização chinesa espalhava conhecimento para o progresso de outras civilizações; por isso, não era fechada ou fragmentada entre seus povos, tendo um papel fundamental no desenvolvimento das bibliotecas na Europa. Desse modo, de acordo com Campbell e Pryce (2016), não era de se esperar outra atitude chinesa em relação às suas tecnologias, que rapidamente chegavam a seus vizinhos, assim como aos países que faziam fronteira com o oeste chinês. Pouco se pesquisa, todavia, sobre as bibliotecas asiáticas e islâmicas. Portanto, não se devem ignorar as civilizações não-ocidentais pela relevância de suas contribuições para o desenvolvimento de outros povos. São várias as bibliotecas asiáticas que fazem parte da história.

O Ocidente europeu descobre grandes civilizações, tão ricas e desenvolvidas quanto as suas, que ignoram o deus da Bíblia e a mensagem do Cristo. A China deixa de ser uma exceção estranha. A Europa deve reconhecer a pluralidade dos mundos humanos e a provincialidade da área judeu-islamo-cristã. Assim como a Terra não é o centro do cosmos, a Europa não é o centro do mundo. (MORIN, 2003c, p. 22).

As bibliotecas universitárias, por sua vez, têm início no final do século XV: começam a aparecer as primeiras bibliotecas públicas, com várias classificações. As bibliotecas principescas eram de certa forma públicas, pois pelo menos os familiares do soberano, seus visitantes e conselheiros políticos tinham acesso a elas. As bibliotecas das catedrais, dos mosteiros e dos conventos, que eram compostas por obras religiosas, estavam disponíveis aos frades e cônegos.

As bibliotecas dos conventos mendicantes eram utilizadas por estudantes e pregadores que compartilhavam do espaço em colégios e universidades. Essas bibliotecas universitárias eram bem adaptadas aos homens do saber e continham livros de estudo, destacando-se as disciplinas tradicionalmente ensinadas nas universidades. Os estatutos conservados do período medieval apontam que visitantes externos não eram admitidos com muita facilidade nas bibliotecas de colégios, e o mesmo padrão era notado nas bibliotecas universitárias. Por ser tão complicado o acesso ao livro, os estudiosos buscavam outros meios de agregar o conhecimento. Nesse caso, a biblioteca era usada como última alternativa para consulta de obras na versão original.

O conteúdo das bibliotecas medievais oscilava entre aquele que atendia ao gosto particular do proprietário e um conteúdo diversificado, como manuscritos relevantes das disciplinas da cultura erudita, gramática, lógica, filosofia, direito, teologia, obras literárias, históricas ou políticas, sendo a maioria dos textos escritos em língua vernácula.

Algumas bibliotecas do período medieval têm características bem tradicionais; outras já acolhiam novos exemplares com mais facilidade. Algumas parecem bastante neutras; outras deixam claro uma orientação doutrinária mais particular. Era vasta a existência de livros religiosos, tratados de espiritualidade e outros que deixavam claras a devoção e a influência de ordens religiosas. Mas também havia outras bibliotecas que eram marcadas pelo interesse histórico dos usuários: obras de crônicas universais, história antiga, entre outros. Enfim, o conteúdo era bastante amplo, no entanto, pouco acessível, como dito a princípio.

Sabe-se que a Idade Média foi um período marcado predominantemente pela Igreja Católica, que sustentava o poder. A instituição religiosa se tornou a mais poderosa dessa era, porque controlava a vida econômica e social da sociedade, que era dividida em três camadas sociais: clero, nobreza e plebe. Em uma destas “castas” sociais, no clero, vê-se a importância das bibliotecas para a manutenção do poder da época, que estava nas mãos de ricos, os “escolhidos” por Deus. Também a nobreza tinha livre acesso aos escritos encontrados nas bibliotecas. Por fim, a plebe tinha pouco ou nenhum acesso à alfabetização e muito menos aos escritos. Além disso, as bibliotecas medievais eram vistas como mantenedoras da informação, não como difusoras, uma vez que à plebe não era permitido tal conhecimento como membro da coletividade.

A informação, portanto, deveria ficar ao conhecimento do clero e da nobreza, e não da plebe:

(...) a produção de conhecimento desse período foi reduzida e as bibliotecas tornaram-se espaços limitados, direcionados aos monges, que zelavam pelas coleções produzidas pelos filósofos. Nota-se que a atividade de leitura, de pesquisa e de produção de conhecimento era restrita a pessoas autorizadas pela igreja, tendo os monges o papel essencial na guarda e preservação das obras existentes no acervo. (SANTA ANNA, 2015, p.140).

Dessa forma, as bibliotecas medievais não se diferenciavam muito daquelas da Antiguidade, porquanto continuavam a ser locais de armazenamento de escritos, contando ainda com sistemas de localização e acesso rudimentares e precários. A premissa da biblioteca durante esse período era armazenar o maior número de rolos de papiro (MARTINS, 2001), que posteriormente foram substituídos por folhas também de papiro, todavia costuradas em sua margem, dando um aspecto semelhante ao do livro físico conhecido na atualidade.

Essas bibliotecas eram geralmente administradas por monges e localizavam-se, principalmente, nas dependências dos mosteiros, restringindo e limitando o acesso à população em geral. Por causa disso, a educação da população era feita pela tradição oral, principalmente por padres durante as missas, no momento de leitura e interpretação de escritos bíblicos, conforme o entendimento da instituição religiosa dominante. A esse

respeito, Umberto Eco, por meio do romance *O nome da rosa*, de 1980, retrata as características das bibliotecas monacais como local de congregação de culto a Deus, nas quais monges copistas, notáveis estudiosos de textos religiosos, passavam a maior parte do tempo.

Havia ainda as bibliotecas medievais de cunho particular, criadas e preservadas por imperadores que as transportavam em suas viagens, podendo ser vistas, conseqüentemente, como um símbolo de grande *status* (MARTINS, 2001).

O controle era rígido, aplicado sobre a produção, a transcrição e a tradução dos escritos: o trabalho dos escribas passava por um rigoroso filtro da Igreja. As bibliotecas monásticas também podiam ser encontradas no Oriente, com destaque para o Império Bizantino, que seguia o mesmo padrão de cuidados do Ocidente: elas eram “igualmente mantidas por monges, mas nas quais, segundo parece, a contaminação profana era muito maior e mais fácil.” (MARTINS, 2001, p. 86).

É no fim da Idade Média que surgem as primeiras bibliotecas universitárias, que, no princípio, ainda estavam sob a organização e os cuidados da Igreja, mas que, aos poucos, começaram a expandir os conteúdos do seu acervo, só que com os dogmas religiosos. Agora, as bibliotecas começavam a tomar formas próximas ao conceito atual de biblioteca que temos; em outras palavras, um espaço em que o acesso e a disseminação da informação é “democrático”.

Com a expansão das universidades, temos, conseqüentemente, o aumento no número de estudantes e assim um maior acesso à leitura dos escritos, o que também ocasionou o crescimento da produção intelectual. Como barreira, ainda se percebiam o frágil material do manuscrito, a sua difícil distribuição e a baixa taxa de alfabetização da população. Isso tudo dificultava a reprodução dos livros para estudo e posteriormente a produção intelectual.

A decadência da Idade Média e a ascensão a ideais renascentistas dão espaço às novas tecnologias, dentre as quais a mais importante para a disseminação da leitura é a imprensa. Criada no Oriente há séculos, ela foi aperfeiçoada por Gutenberg com a divulgação pela criação da prensa e dos tipos móveis. Dessa forma, foram possíveis uma maior agilidade e a rapidez no processo de impressão dos livros, fazendo com que a tiragem aumentasse, revolucionando, assim, os métodos de divulgação. Para Campos (1994), à medida que certas cidades se mostravam especialmente receptivas, o agente (comerciante) a elas retomava amiúde, acabando, não raro, por ali se instalar com uma loja por sua conta, ou de propriedade do editor, seu patrão, que, além de vender livros, ia vender papel, pergaminho, tinta e fazer encadernações. Os grandes editores, naturalmente, logo procuravam as grandes capitais.

A respeito dos métodos de leitura, segundo Manguel (2004), na Idade Média se

estabelecia “quando e como ler”, observando, por exemplo, a diferença entre o texto a ser lido em voz alta e aquele a ser lido em silêncio. Isso perdura até boa parte da Idade Média, uma vez que os escritores previam que seus leitores preferiam escutar em vez de ver o texto – eles mesmos pronunciavam em voz alta as palavras à proporção que as compunham. Isso se deve ao fato de que poucas pessoas sabiam ler, e as leituras públicas no período medieval imploravam à plateia que prestasse a atenção na história. Mesmo que possam ser encontrados exemplos de leitura silenciosa anteriores ao século X, esse método não era usual.

No próximo tópico, como prosseguimento do nosso estudo trataremos das bibliotecas na Idade Moderna.

2.3 Bibliotecas modernas

Com a Idade Moderna, há um maior acesso à leitura, principalmente por parte das elites. Inicia-se uma produção maior de registros, aumentando a expansão de novos campos de estudos. A relação entre biblioteca, universidade e leitores cresce cada vez mais. No entanto, há de se lembrar que, nas primeiras décadas da era moderna, a Igreja Católica ainda tinha muito poder, o que dava às bibliotecas um aspecto eclesiástico, como mostra Martins ao descrever uma delas:

Ao longo das paredes, as prateleiras com os livros, que consultavam em estantes alinhadas no meio da sala. Estas últimas, em número de vinte e oito, acompanhavam-se de cadeiras, assinaladas com letras do alfabeto. Os livros, na maior parte, têm uma corrente fixada na encadernação, suficientemente longa, entretanto, para permitir o seu transporte. À grande sala de consulta, sucede uma outra mais modesta, que serve de depósito. A meia-altura, tal como uma capela, abrem-se trinta e seis janelas, através das quais a luz filtrada anima e colore os retratos dos benfeitores do colégio. (MARTINS, 2001, p. 90)

Com o descobrimento de novas terras e novos povos além do território já conhecido, os países europeus começam a investir cada vez mais no desenvolvimento da ciência. E a concepção de biblioteca começa a mudar lentamente. Permitindo que os seres humanos passassem a desmitificar posições impostas pela Igreja durante séculos. O homem passa a ser o centro das preocupações humanas, rompendo com a antiga concepção teocêntrica. Com o feudalismo entrando em colapso, cada vez mais pessoas começam a se juntar em centros urbanos, ocasionando um crescimento demográfico que, ao lado da difusão da escrita e do papel, impulsiona a tradição escrita, expandindo a alfabetização para um maior número de pessoas. Contudo pobres e escravos ainda continuavam com pouco ou nenhum acesso à tradição escrita; em outros termos, ainda não se contemplavam as pluralidades e os possíveis

caminhos para o desenvolvimento.

As funções da biblioteca se transformam conforme as condições sociais que a influenciam ao longo do tempo e do espaço, ou seja, é sempre um reflexo de cada momento cultural. Na contemporaneidade, o sonho da biblioteca universalizada parece mais próximo, porém ainda persistem alguns desafios. Ao nosso ver, um dos maiores deles diz respeito exatamente a promoção do papel das bibliotecas junto a seus leitores no processo de construção do conhecimento – obviamente, isso poderá ocorrer com estabelecimento de parceria.

Ao falar do sonho da biblioteca universal a partir da modificação do meio impresso para o meio digital, há de se notar uma transformação a que os textos são submetidos e exibidos para leitura a fim de constituir uma biblioteca sem muros, ou seja universal. Porém os textos não são mais iguais àqueles dos leitores do passado. Para exemplificar esse sonho Chartier (2010) recorre à “biblioteca de Babel” de Jorge Luis Borges, onde estariam reunidos todos os escritos da humanidade. Seguramente, essa é uma ambição inigualável, mas que existe na ficção borgiana. De todo modo, como afirma Manguel (2006), nem todas as bibliotecas imaginárias contêm livros imaginários.

2.3.1 Um breve relato de bibliotecas brasileiras

As instalações de bibliotecas são parte integrante do contexto social e histórico das nações, partindo dos pressupostos de que elas são criadas para servir às aspirações individuais ou à sociedade em geral (GOMES, 1983). No nosso país, a primeira biblioteca toma forma no início do século XIX: a Biblioteca Nacional nasceu de obras trazidas da Real Biblioteca de Lisboa, por João Maria Francisco Xavier de Paula Luis António Domingos Rafael, o Dom João VI. Cabe mencionar que a Biblioteca de Lisboa era conhecida entre os sábios como uma das mais prestigiadas da Europa até o terremoto que devastou Portugal.

A pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz, que pesquisou a Biblioteca Nacional desde seus primórdios em Portugal, relata que “era o dia de Todos os Santos, 1.º de novembro de 1755. A manhã se anunciava promissora: o céu límpido, a temperatura amena de 17,5 graus e o ar tépido – nada fazia entrever a catástrofe que se aproximava” (SCHWARCZ, 2002, p. 17). A autora explica o percurso da Biblioteca Nacional partindo de sua criação em Portugal por João I, o “da boa memória” (1385-1453), mesmo antes do terremoto que devastou parte do país.

Nos anos de 1807 a 1808, devido à invasão de Portugal pelas tropas francesas chefiadas por Napoleão Bonaparte, D. Maria I vivia tempos de aflição. Por meio de uma

manobra política de D. João, a família real transferiu sua corte para o Brasil e juntos trouxeram alguns caixotes de livros, incunábulo¹⁵, estampas, desenhos, mapas e outros objetos. Após a instalação da corte, os demais itens da biblioteca vieram em três etapas seguintes, sendo a primeira em 1810 e as duas últimas em 1811. Essas peças trazidas, além da grande quantidade, merecem destaque por sua qualidade. (SCHWARCZ, 2002).

Arte e cultura para a família real eram consideradas bens maiores. Schwarcz (2002) menciona a criação da Escola Real de Ciências e Artes e Ofício e o Museu Real, que tinha como aspiração ser um museu de etnografia. Entretanto, ele acabou transformado em “gabinete de curiosidades” devido à preciosidade das peças, o que representava bem o município pelo ideal de civilização. Devido ao movimento de artistas e cientistas, a Real Biblioteca teve sua inauguração atrasada, ocorrendo apenas em 1814.

Conquanto, por um lado, a criação de bibliotecas nacionais pelo mundo se diferencie de um país para outro, bem como o contexto histórico e social sempre esteja ligado ao desenvolvimento de cada sociedade, por outro lado, em linhas gerais, a missão da criação de bibliotecas não se diferencia: é a de *garantir o direito à memória bibliográfica e documental do país*. A esse respeito, Fonseca coloca como objetivos básicos de uma biblioteca nacional:

- a) Reunir, preservar e difundir a documentação bibliográfica e audiovisual produzida no território nacional (ela se vale do chamado depósito legal e para difundir a bibliografia nacional corrente);
 - b) reunir o que em qualquer parte se publica a respeito da nação;
 - c) coordenar a permuta nacional e internacional de publicações;
 - d) coordenar programas nacionais de publicações estrangeiras;
 - e) coordenar a rede nacional de bibliotecas;
 - f) manter catálogos coletivo nacional de livros e periódicos.
- (FONSECA, 2007, p. 54).

A Biblioteca Nacional do Brasil (Figura 12) está localizada na Avenida Rio Branco, n. 219, Praça da Cinelândia. O edifício da Biblioteca Nacional é um exemplo tardio do estilo eclético, com uma mistura do neoclassicismo e da *art nouveau* assinado pelo engenheiro Souza Aguiar (SCHWARCZ, 2002; CAMPBELL e PRYCE, 2016).

¹⁵ **Incunábulo** é um livro impresso nos primeiros tempos da imprensa de Gutenberg. Refere-se às obras impressas entre 1455, data aproximada da publicação da Bíblia de Gutenberg, até 1500.. Essas obras imitavam os manuscritos.

Figura 12 - Biblioteca Nacional

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Um fato importante que merece destaque é que, na Biblioteca Nacional, foi criado o primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil, no ano de 1911, curso este destinado aos próprios funcionários para sanar dificuldades na organização do acervo. Porém, por desistência dos inscitos – que, na sua maioria, eram funcionários da própria Biblioteca –, o curso só foi iniciado em 1915 e funcionou até 1922 (CASTRO, 2000).

No que se refere às bibliotecas públicas, a Unesco, durante reunião no dia 29 de novembro de 1994, em Paris, aceitou e aprovou o Manifesto da Biblioteca Pública preparado pela seção de bibliotecas públicas da *The International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA)¹⁶, segundo a qual a “liberdade, prosperidade e desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais” (IFLA, 1994). Esses valores somente serão alcançados por meio da “capacidade de cidadãos, bem informados, para exercerem seus direitos democráticos, e terem papel ativo na sociedade” com participação construtiva. O desenvolvimento da democracia depende tanto de educação adequada, como do livre e irrestrito acesso ao conhecimento, pensamento, cultura e informação (IFLA, 1994).

São responsáveis pela manutenção financeira das bibliotecas públicas os governos nacionais e locais. A biblioteca é a “porta de entrada para o conhecimento, proporciona condições básicas para a aprendizagem permanente, autonomia de decisão e desenvolvimento dos indivíduos e grupo sociais”. (IFLA, 1994).

Esse manifesto aclama a crença da Unesco na biblioteca pública como força viva para a educação, cultura e informação, e como agente essencial para a promoção da paz e bem-

¹⁶ IFLA. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 2 set 2019.

estar espiritual da humanidade. Segundo Morin, são inseparáveis “cérebro, cultura e espírito. Uma vez que o espírito emergiu, retroage sobre o funcionamento cerebral e sobre a cultura. Forma-se um circuito entre cérebro – espírito – cultura, no qual cada um desses termos necessita dos outros” (MORIN, 2012, p. 38).

A biblioteca pública é o centro local de informação, disponibilizando prontamente para os usuários todo tipo de conhecimento. Os serviços fornecidos pela biblioteca pública baseiam-se na igualdade de acesso para todos, independentemente de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou status social. Serviços e materiais específicos devem ser fornecidos para usuários inaptos, por alguma razão, a usar os serviços e materiais regulares, por exemplo, minorias linguísticas, pessoas deficientes ou pessoas em hospitais ou prisões. Todas as faixas etárias devem encontrar material adequado às suas necessidades. Coleções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte apropriados e tecnologia moderna, bem como materiais convencionais. Alta qualidade e adequação às necessidades e condições locais são fundamentais. O acervo deve refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, assim como a memória das conquistas e imaginação da humanidade. Coleções e serviços não podem ser objeto de nenhuma forma de censura ideológica, política ou religiosa, nem de pressões comerciais. (IFLA, 1994, p.1).

São missões da Biblioteca Pública:

1. Criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças desde a mais tenra idade;
2. Apoiar tanto a educação individual e autodidata como a educação formal em todos os níveis;
3. Proporcionar oportunidades para o desenvolvimento criativo pessoal;
4. Estimular a imaginação e criatividade da criança e dos jovens;
5. Promover o conhecimento da herança cultural, apreciação das artes, realizações e inovações científicas;
6. Propiciar acesso às expressões culturais das artes em geral;
7. Fomentar o diálogo intercultural e favorecer a diversidade cultural;
8. Apoiar a tradição oral;
9. Garantir acesso aos cidadãos a todo tipo de informação comunitária;
10. Proporcionar serviços de informação adequados a empresas locais, associações e grupos de interesse;
11. Facilitar o desenvolvimento da informação e da habilidade no uso do computador;
12. Apoiar e participar de atividades e programas de alfabetização para todos os grupos de idade e implantar tais atividades se necessário. (IFLA, 1994, p. 2).

No Brasil, em 4 de agosto de 1811, foi inaugurada, no Estado da Bahia, a primeira biblioteca pública. Fato curioso é sua criação não ter sido pela iniciativa governamental, mas pelos cidadãos, entre eles o Sr. Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco, que encaminhou o projeto da biblioteca em 5 de fevereiro de 1811 ao Conde dos Arcos, então governador da Capitânia da Bahia. Este último foi o responsável pela anuência ao plano contendo as ideias do projeto, intitulado *Plano para o estabelecimento de huma bibliotheca pública na cidade de S. Salvador Bahia de todos os Santos*, oferecido à aprovação do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde dos Arcos, Governador, e Capitão General desta Capitania. (SUAIDEN, 1980).

O projeto enviado ao governo solicitava apenas um aceite, porque seu financiamento e

sua manutenção seriam realizados pelos cidadãos que desejassem participar. O Conde dos Arcos aprovou o Plano e, elogiando a iniciativa do seu autor, deu-lhe a direção de todos os objetos, trabalhos intermediários e até a perfeição daquele estabelecimento. Em 4 de agosto de 1811, a biblioteca foi instalada no Colégio dos Jesuítas.

Em São Luís, aos 29 de setembro de 1829, foi fundada a Biblioteca Pública do Estado do Maranhão, cuja abertura oficial ao público se deu no dia 3 de maio de 1831, ocupando a parte superior do Convento do Carmo, na Rua do Egito (SUAIDEN, 1980). Assim foi iniciada a expansão das bibliotecas públicas no Brasil.

Com o tempo, a biblioteca universitária ganha espaço e autonomia, não obstante os processos de laicização, democratização e especialização ocorram de forma vagarosa. Aos poucos, a biblioteca rompe os laços com a Igreja Católica e passa a estender a possibilidade de acesso ao conhecimento produzido a todos os homens. Dessa forma, foi preciso que houvesse uma especialização para que as necessidades dos leitores fossem atendidas. Nesse período, alerta Morin, “a separação dos saberes cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados [...] de fato, a hiperespecialização impede de ver o global que ela fragmenta” (MORIN, 2003a, p. 13).

Com a expansão e o maior acesso por parte da população, a biblioteca se adapta, busca entender o leitor e trazê-lo para dentro de seus muros, antes “protegidos” por instituições religiosas.

O surgimento da concepção moderna de biblioteca trouxe consigo um novo profissional responsável pela organização e preservação de seu acervo: o bibliotecário. Até o século XIX, a maioria dos responsáveis por essa função eram os eruditos e escritores, mas, com o aumento das variadas bibliotecas e do seu público frequentador, sentiu-se a necessidade de um profissional com formação adequada para nelas trabalhar.

Como visto, a concepção de biblioteca começa a se transformar, e a ideia de um local de depósito de livros trancados e acessados por poucos é afastada. Agora, passa-se a entender a biblioteca como um ambiente de acesso à informação, preocupado com a inserção da comunidade e a divulgação científica – estes aspectos serão tratados no próximo capítulo, quando estudaremos as bibliotecas universitárias e seu entrelaçamento com o ensino, a pesquisa e a extensão.

3 O PAPEL DA BIBLIOTECA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Neste capítulo, trataremos da biblioteca no contexto da universidade. Para tanto, primeiro vamos situar a universidade do ponto de vista histórico e social na sociedade como geradora de conhecimento científico e inovações para evolução da sociedade. Nesse sentido, uma breve explanação nos permitirá compreender melhor a ambientação em que o objeto deste estudo está situado. Contudo, é importante salientar que as datas de criação dessas instituições são imprecisas, assim como os motivos que levaram à sua criação.

3.1 A universidade do ponto de vista histórico e social

Universidades foram criadas por todos os tipos de motivos: para preservar uma velha fé, para granjear prosélitos para uma nova fé, para treinar trabalhadores habilitados, para melhorar o padrão de profissões, para expandir as fronteiras do conhecimento e mesmo para educar os jovens. (WOLFF, 1993, p. 25).

O ensino universitário não significa apenas “transmitir o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (MORIN, 2003a, p.11). As universidades têm importância fundamental na produção do conhecimento e na geração de tecnologia. Seu princípio é a transformação social, já que a educação é um dos pilares dos direitos e do desenvolvimento humano, além da função de preservar a paz entre os povos. Por isso, o conhecimento deve estar acessível a todos no decorrer da vida, como bem defende a Unesco sobre “tornar a educação superior igualmente acessível a todos segundo sua capacidade individual”. (UNESCO, 2016).

Na Itália, a Universidade de Bolonha, na cidade homônima, remonta ao final do século XI. Embora haja discórdia de qual seja a primeira universidade no mundo, e ainda que as datas sejam bastante conturbadas, a Universidade de Bolonha se destaca nas previsões e tem como data comumente aceita o ano de 1088. Naquela época, Bolonha vivia uma efervescência cultural devido à Escola de Artes Liberais; a partir dela, surgiram outras escolas de ordem episcopal, monástica e particular, nas quais se ensinava Direito. Daí emerge a Universidade de Bolonha, que atraía alunos de toda a Europa.

A criação das bibliotecas universitárias está intimamente relacionada ao surgimento das universidades. Durante os séculos XI a XII, além de Bolonha, outras universidades e bibliotecas surgiram, por exemplo, as de Paris, Oxford e Montpellier.

Embora não se tenha muitos dados concretos sobre sua criação, sabe-se que a universidade era um local em que mestres e alunos mantinham contatos, assegurando ao

discente o cumprimento de determinada quantidade de disciplinas. As possíveis datas de criação das universidades, bem como o tipo de formação que apresentavam quando criadas estão destacadas no quadro 3 deste trabalho.

Quadro 3 - Criação das primeiras universidades da Idade Média

Tipo de formação	Universidade	Criação
	Bolonha (Itália)	1088
Espontânea	Oxford (Inglaterra)	1214
	Montpellier (França)	1220
	Paris (França)	1250
Por migração	Pádua (Itália)	1222
	Cambridge (Inglaterra)	1318
Instituídas por autoridades religiosas ou da nobreza	Nápoles (Itália)	1224
	Salamanca (Espanha)	1218
	Valladolid (Espanha)	1250
	Lisboa (Portugal)	1290
Criadas por decreto real	São Domingos (América Espanhola)	1538
	Lima (América Espanhola)	1551
	México (América Espanhola)	1551

Fonte: Veiga (2007)

No Brasil, a criação das universidades, segundo Severino, pode ser compreendida e “vista da perspectiva de sua experiência sócio-histórica, a universidade brasileira é ainda muito jovem, adolescente mesmo!” (SEVERINO, 2017, p.15). Quando comparadas às de outros países da América Hispânica, as universidades brasileiras foram criadas tardiamente.

A criação do primeiro curso no Brasil foi pela Decisão de número 2, de 18 de fevereiro de 1808, em que é criado o Curso de Cirurgia no Hospital Real da Bahia, atendendo ao pedido do médico José Correia Picanço. Cirurgião desse hospital, foi ele quem ficou responsável pela escolha dos professores¹⁷. Em novembro do mesmo ano é instituída, no Hospital Militar do Rio de Janeiro, a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica¹⁸.

No que diz respeito à criação da universidade com todo o seu aparato acadêmico, isso só veio a acontecer em 7 de setembro de 1920, através do Decreto de nº 14.34319, do então

¹⁷ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/projetos/expo/djoaovi/cronologia.html>. Acesso em: 2 jan. 2020.

¹⁸ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/projetos/expo/djoaovi/cronologia.html>. Acesso em: 2 jan. 2020.

¹⁹ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11530-18-marco-1915->

Presidente da República Epitácio Pessoa. Esse decreto deu origem, assim, à Universidade do Rio de Janeiro (URJ), por sua vez cumprindo o Decreto de nº 11.530, de 18 de março de 191520, reunindo a ela a Escola Polytechica do Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Talvez pelo atraso do governo federal, alguns estados federativos se anteciparam na criação de suas universidades, por exemplo: a atual Universidade Federal do Amazonas, data de 1909.

É justamente com criação das universidades que surgem as bibliotecas universitárias, conforme já dito. Estas são mantidas pelas instituições de que originam e visam à tríade *ensino, pesquisa e extensão*. A biblioteca universitária deve estar acessível a todos como um processo dinâmico, visto que seus produtos são fundamentais para a aquisição e manutenção do conhecimento.

Saindo do contexto brasileiro e voltando à perspectiva global, a partir do século XIV, com o aumento de alunos e professores, bem como a necessidade de atender às demandas por carreiras profissionais, além do fortalecimento dos estados monárquicos, surgiram as bibliotecas vinculadas aos mosteiros e às congregações religiosas. As bibliotecas universitárias passam a atender diretamente às necessidades de bibliografia descrita nos currículos dos cursos superiores. Essa necessidade por leitura marca também a evolução bibliográfica, vista, a partir do século XV, como o advento do movimento renascentista. Chartier relata que foi criada no Collège de France a cátedra dedicada “[...] ao estudo das práticas do escrito, não nos mundos antigos ou medievais, mas no longo tempo de uma modernidade que se desfaz, talvez, diante de nossos olhos”. (Chartier, 2010, p. 7).

No período barroco, do final do século XVI a meados do século XVII, a biblioteca passou a ser o local marcado pela presença de usuários, bibliotecários e pelos leitores que trocavam informações e conselhos. Em meados do século XVIII, houve uma explosão dos impressos nas bibliotecas, aumentando o número de volumes nos acervos (NUNES e CARVALHO, 2016).

3.2 Uso da informação impressa e digital

Apesar do aumento da circulação de informação em larga escala através da internet, isso não se traduz, necessariamente, em aquisição ou absorção de conhecimento. Como

522019-republicacao-97760-pe.html. Acesso em: 2 jan. 2020.

²⁰ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11530-18-marco-1915-522019-republicacao-97760-pe.html>. Acesso em 2 jan. 2020.

assegura Morin, “[...] todo conhecimento comporta necessariamente: a) uma competência (aptidão para produzir conhecimentos); b) uma atividade cognitiva (cognição), realizando-se em função da competência; c) um saber (resultante dessas atividades)” (MORIN, 2015b, p. 18).

Morin coloca que o conhecimento é, ao mesmo tempo, atividade e produto desse processo, ou seja, o indivíduo com conhecimento tem capacidade de projeção. O conhecimento também é compreendido por Machado (1995) como antecedente da *inteligência*, que representa o último dos quatro níveis da “pirâmide informacional” composta por dados, informações, conhecimento e inteligência. A seguir, detalharemos cada um dos níveis propostos pelo autor.

No primeiro nível, na base da sociedade, encontram-se os *dados* — aqui, é possível pensar no banco de dados marcado pela acumulação. O dado é pouco; ele nos entope, nos satura, nos soterra. Podemos dizer que os computadores estão diretamente ligados aos bancos de dados, por exemplo, em formas de quadros, gráficos, planilhas, ou mesmo observações “desinteressadas” (que, embora sejam relevantes, são isoladas e praticamente sem significação). É um potencial que pode ser acessado ou não de acordo o interesse das pessoas. Os dados necessariamente precisam de pessoas que atuem em sua organização e atribuam-lhes significados.

O segundo nível é marcado pela *informação*, que designam os dados relevantes, com importância ou propósito para o indivíduo que navega nos meios de comunicação de massa, como as revistas, jornais, televisão, dentre outros. Para se chegar a este nível, é preciso tratar os dados. Como exemplo, podemos pensar a constituição de um banco de dados com o nome de toda a população mundial, o endereço e a profissão. O que isto representa? Um potencial. Uma pessoa pode resolver se mudar do Brasil para a França amanhã e precisa localizar um dentista em Paris. Ela vai até esse banco de dados e consegue a informação. Se ela não precisasse do banco de dados, ele seria inerte, não seria nada. A informação, pelo contrário, é carregada de propósito. Portanto, a vida de um banco de dados depende do interesse que ele possa despertar nas pessoas – daí, as informações começam a circular.

Na sequência, chegamos ao terceiro nível, *o conhecimento*, que denota mais do que a informação em si. O conhecimento tem história e evolui de forma organizada, levando à compreensão. Segundo Machado, para se atingir esse nível, [...] “é fundamental a capacidade de estabelecer conexões entre elementos informacionais aparentemente desconexos, processar informações, armazená-las, avaliá-las segundo critérios de relevância” (MACHADO, 1995, p. 68-69). É uma interpretação errônea o senso comum a partir do qual se entende que o

conhecimento de um indivíduo é equivalente à quantidade de informações de que ele dispõe. Acerca disso, vale citar a primeira finalidade do ensino formulada por Montaigne e explicado por Morin:

“uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: – uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; – princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido. (MORIN, 2003a, p. 21).

Por fim, alcançamos o último nível da pirâmide informacional: a *inteligência*, que nada mais é que a capacidade de um “indivíduo, uma empresa, uma organização social, um governo etc. – para administrar conhecimentos disponíveis, construir novos conhecimentos, organizar-se para produzir novos dados e informações, sempre em razão de uma ação intencional [...]”. (MACHADO, 1995, p. 68).

Quando se fala de inteligência, fala-se de pessoas com projetos. A ideia de inteligência está diretamente associada à capacidade de projetar, de se lançar para frente de forma intencional. Portanto, há mesmo uma relação intrínseca entre informações e dados/inteligência e conhecimento. Porém, vale ressaltar que os conhecimentos são legitimados quando mobilizados para a realização dos projetos das pessoas.

O indivíduo que detém o conhecimento tem a capacidade de, a partir de suas ações, construir novos dados, informações e mais conhecimento. O conhecimento humano é, em sua origem e em seu desenvolvimento, inseparável da ação: ele organiza as informações recebidas e os dados disponíveis, “[...] associa reflexivamente atividade computante e atividade cogitante (pensante); e produz correlativamente representações, discursos, ideias, mitos, teorias [...]”. (MORIN, 2015b, p. 225).

No tocante às tecnologias, elas são importantes na manutenção dos bancos de dados e na circulação da informação pela internet. Entretanto, no que diz respeito ao conhecimento e à inteligência, a tecnologia não possui tanta relevância (MACHADO, s.d.)²¹. Fato é que vêm se sucedendo profundas mudanças sociais, em escala global, que são tanto de cunho político como econômico e cultural. Um dos desdobramentos dessas transformações foi a inserção do meio digital na vida das pessoas, uma vez que a sociedade passa a conviver rotineiramente com diversas inovações tecnológicas de uso bastante frequente — em alguns casos, esses recursos e instrumentos já se tornaram indispensáveis.

A disseminação dos computadores e a popularização da *web*, que ocorreu nos anos de

²¹ Palestra do Professor Nilson José Machado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RQewpOmatoo>. Acesso em: 20 dez. 2019.

1990, provocaram alterações visíveis nas formas de se ler e no próprio conteúdo, que passa a ser produzido também em meio digital, diferentemente dos suportes anteriores que caracterizavam o formato físico de livros e periódicos.

Alguns autores têm trazido à baila reflexões que se estendem desde a história do livro impresso e sua importância para a história da ciência até os argumentos de democratização absoluta do livro e da leitura que esses novos formatos proporcionam. Assim explica Umberto Eco:

Na última cúpula de Davos, em 2008, a propósito dos fenômenos que irão abalar a humanidade nos próximos 15 anos, um futurólogo consultado propunha deter-se apenas nos quatro principais, que lhe pareciam inexoráveis. O primeiro é um barril de petróleo a 500 dólares. O segundo diz respeito à água, fadada a tornar-se um produto comercial de troca exatamente como o petróleo. Teremos uma cotação da água na Bolsa. A terceira previsão refere-se à África, que se tornará seguramente uma potência econômica nas próximas décadas, o que todos desejamos. O quarto fenômeno, segundo esse profeta profissional, é o desaparecimento do livro. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 9).

Sobre o quarto fenômeno, o “desaparecimento do livro”, Chartier (2007) não acredita que as tecnologias possam ameaçar o livro impresso; ao contrário, ele as vê como aliadas para manter a cultura escrita. Além disso, os recursos tecnológicos auxiliam no processo de aprendizado, uma vez que contribuem para a circulação de textos de forma mais abrangente em vários aspectos, como em conteúdo e facilidade de acesso, o que, evidentemente, aumenta o alcance de leitores. Dessa maneira, as tecnologias digitais são mais efetivas, pois não se trata apenas de uma nova técnica de composição e apropriação da escrita, pois, além de permitir digitalizar textos em formato impresso, é possível também produzi-los em formatos digitais.

Ainda a respeito do desaparecimento do livro nas previsões do futurólogo, ao comparar à escassez de água ou de um petróleo inacessível, diz Eco:

Na realidade, há muito pouca coisa a dizer sobre o assunto. Com a Internet, voltamos à era alfabética. Se um dia acreditamos ter entrado na civilização das imagens, eis que o computador nos reintroduz na galáxia de Gutenberg, e doravante todo mundo vê-se obrigado a ler. Para ler, é preciso um suporte. Esse suporte não pode ser apenas o computador. Passe duas horas lendo um romance em seu computador, e seus olhos viram bolas de tênis. Tenho em casa óculos polaroides que protegem meus olhos contra os danos de uma leitura contínua na tela. A propósito, o computador depende da eletricidade e não pode ser lido numa banheira, tampouco deitado na cama. Logo, o livro se apresenta como uma ferramenta mais flexível. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 9).

O autor discute que ainda não fizeram uma reinvenção que substitui o suporte escrito do livro. “Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia.” (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 9). Ou seja, os diferentes suportes não modificaram a função do

livro, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos.

O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher. Designers tentam melhorar, por exemplo, o saca-rolhas, com sucessos bem modestos, e, por sinal, a maioria nem funciona direito. Philippe Starck tentou inovar do lado dos espremedores de limão, mas o dele (para salvaguardar certa pureza estética) deixa passar os caroços. O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 9).

Estudioso das ciências humanas, Chartier (1998) foi aos poucos expandindo seus interesses de pesquisa para a leitura enquanto prática histórica e cultural. O autor nos oferece uma análise da prática histórica da leitura em longa duração, característica da segunda geração dos *Annales*. Ele discorre, ainda, sobre os usos da tecnologia nos dias atuais e os efeitos disso na leitura, estabelecendo uma sutil comparação entre a contemporaneidade — uma sociedade absolutamente informatizada — e a descoberta da imprensa no final da Idade Média, com a revolução de Gutemberg.

Em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita. O custo do livro diminuiu, através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem, muito modesta, aliás, entre mil e mil e quinhentos exemplares. Analogamente, o tempo de reprodução do texto é reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica. (CHARTIER, 1998, p. 7).

Ao entrar na questão da leitura do livro impresso, Chartier (2017) vê uma relação entre autor e leitor fundada na confiança, porque, via de regra, o leitor não poderá consultar imediatamente as referências bibliográficas que o autor utilizou no desenvolvimento da obra e nem as citações podem ser relacionadas no momento da leitura. Entretanto, no caso do livro digital, a relação estabelecida entre autor e leitor é completamente transformada, pois ao leitor é permitido também o acesso às referências e às citações que o autor utilizou. Por isso, o livro digital pode dar mais segurança ao leitor na medida que o aproxima do autor.

Já que as tecnologias digitais possibilitam o acesso à informação, elas proporcionam também ao leitor uma melhor argumentação para acolher ou repelir as fundamentações teóricas de determinada obra, uma vez que os vínculos contidos na leitura podem levá-lo à consulta dos originais. Sendo assim, podemos dizer que a relação entre autor e leitor estreitou-se devido às oportunidades que o digital traz para este último.

A conjuntura é de revolução da técnica de produção ou reprodução textual. Na verdade, trata-se de uma transformação da materialidade, da reconfiguração do suporte e da ação da leitura. A esse respeito, já afirmava Benjamin: “[...] a reprodução técnica da obra

representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente”. (BENJAMIN, 1985, p. 166). O autor discute que a reprodutibilidade técnica pode aproximar o indivíduo da obra à medida que o espectador se identifica com ela por meio do objeto reproduzido. Assim, se constitui uma mudança no progresso da humanidade, visto que a tradição de posse e de autoria da obra é quebrada. Desse modo, as tecnologias digitais permitem ao leitor usufruir do texto pelo alcance da obra.

Chartier relembra que a evidente continuidade entre a cultura do manuscrito quando surgiu o meio impresso era vista com desconfiança no momento de seu aparecimento. Para alguns, a cultura impressa levaria a um rompimento da proximidade entre o autor e seus leitores, além de corromper a correção dos textos, colocando-os em mãos “mecânicas” e do mercado.

De certo modo, sim. De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores. Ao mesmo tempo, é mais livre. (CHARTIER, 1998, p. 7).

Para Chartier, o texto eletrônico traz uma estruturação diferente daquela com a qual se defrontava o leitor da Antiguidade, que lia livros em formato de rolo, e daquela vista pelos leitores dos livros manuscritos e impressos dos períodos posteriores, organizados em cadernos, folhas e páginas. Na tela, alteram-se o fluxo sequencial do texto e a continuidade que lhe é dada, bem como surge a possibilidade de o leitor embaralhar, entrecruzar, reunir textos inscritos na mesma memória eletrônica. A revolução do livro eletrônico se dá não apenas nas estruturas do suporte material do escrito, mas também nas maneiras de ler.

O texto eletrônico permite ao leitor um distanciamento em relação ao texto escrito, já a tela é o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. O leitor do livro tradicional coloca-o diante de si, geralmente sobre uma mesa, vira suas páginas e segura-o com as mãos. Já o texto eletrônico promove uma relação mais distanciada e menos corporal.

O mesmo processo ocorre com aquele que escreve: quando se escrevia com uma pena, produzia-se uma grafia diretamente ligada aos gestos corporais. Já com o computador, impõe-se um afastamento entre o autor e seu texto. Chartier relata que as novas posições de leitura acoplam técnicas, posturas e possibilidades ao longo da história dos escritos e da leitura (CHARTIER, 1998).

A leitura é sempre apropriação e invenção como parte da história da humanidade, mas

cercada por limitações relativas às capacidades, convenções e hábitos que individualizam as práticas da leitura e de sentido que os leitores atribuem àquilo que leem.

Da mesma forma é a leitura em tela: “ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado, nem dos artigos que o acompanham, e ler o ‘mesmo’ artigo no número da revista na qual apareceu, não é a mesma experiência” (CHARTIER, 1998, p. 128). Portanto, no segundo caso, dependendo do conjunto que está reunido no mesmo número, o texto terá outro sentido para o leitor.

A internet dispõe de vasto acervo, e ela mesma incumbiu-se de propiciar uma nova forma de consumo; é um tipo de comunicação que articula, agrega e vincula textos a imagens e sons. O texto virtual implica os significados que o leitor constrói de forma subjetiva enquanto recebe e se apropria do material lido. Para Chartier (1998), não se deve falar em maneiras certas ou erradas de ler, porém em diferentes formas de apropriação.

Chartier (2010), ao referir-se à revolução digital, se questiona sobre os efeitos disso para a história da escrita. O autor busca responder quais os benefícios da digitalização da cultura para a historiografia. Para isso, ele parte de uma crise ocorrida nas décadas de 1980 e 1990 e que tinha a ver com a dimensão da história. Nos anos 70, colocou-se o problema do “regime específico do conhecimento” e da verdade na história.

Todas as tentativas de refundação epistemológica do regime próprio da cientificidade da história, distinto, por sua vez, das verdades da ficção e da linguagem matemática das ciências da natureza, compartilharam essa afirmação [...]. Todas essas perspectivas, por mais diferentes que sejam, se inscrevem em uma intenção de verdade que é constitutiva do próprio discurso histórico. (CHARTIER, 2009, p. 13-14).

No final dos anos 90, as críticas se voltam para a própria instituição histórica, para a prática dos historiadores, para o lugar social de onde se exerce tal atividade. Chartier (2009) recorre a Michel de Certeau e a seu conceito de “lugar social” da produção do saber histórico; trata-se dos limites do que é ou não possível dizer no interior de uma disciplina, em dado momento, considerando o lugar que essa disciplina ocupa no campo social.

Assim, reconhecia-se, dessa forma, que a história era apenas uma dentre outras relações que estabelecemos com o passado, o que nos coloca o problema das diferenças entre história e memória, exploradas por Paul Ricoeur. Mas, ao mesmo tempo, acabávamos por reconhecer também que as obras de ficção “conferem uma presença ao passado”, mais ainda nos dias atuais, marcados pela “tentação de criar histórias imaginadas e imaginárias” (CHARTIER, 2009, p. 31). Essas reflexões, diz Chartier, resultam “do longo processo de emancipação da história em relação à memória e em relação à fábula” (CHARTIER, 2009, p. 31).

Toda história, portanto, seria cultural no momento em que se volta para a produção de significados? Mas se tudo é histórico, a história não existe. Então onde se encontra a singularidade do trabalho do historiador cultural? Chartier nos diria que está na oposição ao estruturalismo e à semiologia, já que ela aborda a materialidade das formas em que os textos foram inscritos, os sentidos que ali se produzem e as circunstâncias e modalidades concretas do ato de ler. Escritores não escrevem livros, mas sim textos; portanto, as formas edição, impressão e produção material das obras acabam por mediar a relação entre o leitor e texto. A isso, o autor dá o nome de “práticas de leitura”. (CHARTIER, 2010).

O conceito de representação, frequentemente acionado na análise de Chartier, ganha respaldo na cultura moderna, principalmente após a crítica radical de Michel Foucault e Gilles Deleuze nas décadas de 1960 e 1970. Nessa nova acepção, as representações se inscrevem nas estruturas cognitivas e objetivas do campo social.

O contexto atual também coloca para os historiadores culturais uma nova relação com a filosofia, tanto por conta da crítica à ideia de representação como também pela preocupação com o conceito de *acontecimento* abordado por Foucault, Deleuze, Rancière e Delaporte. Mas as questões abordadas pelos historiadores culturais no que tange aos livros, a seus suportes e às práticas de leitura aproximaram-se principalmente de questões relativas aos efeitos do poder das obras e ao acesso à leitura. Como diz Steiner (2017), aqueles que queimam livros, que os banem, matam poetas. Sabem muito bem por que estão fazendo isso, pois seu poder de transformação é incalculável.

Nesse sentido, lembra o filme “Fahrenheit 451”, dirigido por François Truffaut, que trata de uma sociedade do futuro dominada pelo totalitarismo do Estado, em que o agente tem total domínio sobre as pessoas. Nesse filme, a ficção simula o futuro, mas com a intenção de denunciar o passado e o presente, pois naquela sociedade fictícia os fatos eram contraditórios: por exemplo, enquanto livros eram considerados nocivos e ilegais pelo Estado totalitário, os bombeiros, em vez de combaterem as chamas, incendiavam livros a uma temperatura de 451 graus. A produção cinematográfica representa bem o contexto atual de banalização e o desprezo pelas artes a ponto de controlar professores quanto àquilo que deve ou não ser lido em sala de aula.

Em *A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam* (1989), o internacionalmente conhecido educador Paulo Freire aborda a “importância do ato de ler” e prega a recuperação da humanidade do oprimido. Aprender a ler, escrever, alfabetizar-se, é, para Freire, aprender a ler o mundo. É preciso, antes, compreender o seu contexto.

Na visão crítica do educador brasileiro, o ato de ler não se esgota na simples

decodificação da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Essa leitura se dá antes da leitura da palavra. Linguagem e realidade, para Freire, ligam-se dinamicamente, e uma leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Logo, o ato de ler vem primeiramente por meio da leitura do mundo (FREIRE, 1989).

Essa elaboração não pode ser feita pelo educador de modo vertical; esta é justamente sua tarefa criadora. A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo. Freire nos diz se tratar de escrita ou reescrita do próprio mundo, num movimento dinâmico imprescindível no processo de alfabetização. Portanto, não seria possível pensar a educação separadamente da questão do poder (FREIRE, 1989).

Nessa acepção inovadora da ideia de escrita e leitura de Freire, cabe aos educadores fazer uma opção política e ser coerente a ela, já que não é o discurso que ajuíza a prática, mas sim a prática que ajuíza o discurso. O que se deve pretender, com o processo de alfabetização, é desenvolver e estimular a capacidade crítica dos alunos enquanto sujeitos do conhecimento. A leitura de Freire nos leva a crer que a luta pela libertação é, principalmente, uma luta pela liberdade na educação (FREIRE, 1989).

Nesse sentido, vale recorrer a Morin no que diz respeito à relação com os livros, mais especificamente no primeiro capítulo do livro chamado *Meus demônios* (1997), uma autobiografia intelectual na qual a vida profissional e a vida pessoal aparecem, inevitavelmente, imbricadas. É o próprio Morin que nos recorda que a vida intelectual é inseparável da vida de experiências (MORIN, 1997).

Morin se define como um “onívoro cultural”. Essa fome de cultura começou ainda na infância, no seio da família, quando já manifestava seu gosto mediterrâneo pelo azeite ou pela berinjela. Do pai, herdou uma cultura de canções, de café-concertos, de operetas, enquanto que, da mãe, veio o gosto pelas óperas italianas (MORIN, 1997).

O amor pela leitura foi despertado ainda nos primeiros anos escolares, quando devorava os contos de Ségur, a coleção Nelson, os romances cujos heróis são animais, como *Michael Chien de cirque* ou *Croc blanc*. Na Rua Ménilmontant, após a saída das aulas, em companhia de seu primo Fredy, parava no sebo para trocas e compras de livros. O proprietário desse estabelecimento era chamado por eles de “Alberto I, rei dos belgas”, devido a uma semelhança assegurada por um pequeno bigode (MORIN, 1997). Ali, eles negociavam os livros de segunda mão. Livros de aventuras de Gustave Aimard, Jack London, Alphonse Daudet e de Dickens. “Pelo romance e pelo livro, cheguei ao mundo.” (MORIN, 1997, p. 20).

Livros constituem “experiências de verdade”, quando nos desvendam e configuram uma verdade ignorada, escondida, profunda, informe, que trazemos em nós, o que nos proporciona o duplo encantamento da descoberta de nossa verdade na descoberta de uma verdade exterior a nós, que se acopla a nossa verdade, incorpora-se a ela e torna-se a nossa verdade. (MORIN, 1997, p. 190).

Foi também através dos livros que se constituiu seu ceticismo, principalmente pelas obras de Jean Barois e Roger Martin du Gard. Depois, veio a *Ressurreição*, de Tolstói. Porém, aquele que marcou e permanece sendo o mais revelador, o mais presente e íntimo é Dostoievski, que lhe revelou o sofrimento, a tragédia, o escárnio e o delírio. Descobrir *Crime e Castigo* foi um momento de inflexão em sua vida, pois essa leitura marcaria profundamente suas ideias. Segundo o próprio Morin, “os irmãos Karamazov são heróis que realizam as virtualidades contraditórias de todo o ser humano como eu” (MORIN, 1997, p. 21).

Fazendo uma contextualização histórico-cultural sobre o papel da leitura, sabe-se que, ao longo das eras, foi sempre conflituosa e revolucionária a passagem de uma época a outra, ou de uma sociedade a outra, por exemplo, o final do século XX, foi marcado tanto por transformações tecnológicas quanto culturais. Tanto que, os suportes que serviam de mediação de nossa leitura, viram-se desafiados pelas perspectivas tecnológicas. Caracterizando o que vem sendo chamado de pós-modernidade.

Os autores aqui abordados parecem concordar que o livro ocupa um papel central não só na história da humanidade, mas também no dia a dia das pessoas. As mudanças nos contextos históricos causaram modificações na materialidade do livro, mas algo ainda é preservado: o poder de transformação das mentes individuais e do imaginário coletivo. Pelo contexto apresentado, é difícil fazer qualquer previsão futurista sobre os impressos ou digitais.

3.3 A biblioteca na preservação da memória

A biblioteca universitária deve ter o compromisso com a formação do indivíduo, registrando a memória individual e institucional. Assim, preserva-se e forma-se a memória coletiva, tornando-a também acessível como herança cultural, uma vez que esse é seu papel na sociedade ao transmitir e preservar a história do livro, a história dos textos, a história da cultura escrita como representação do passado (CHARTIER, 2010).

Esse autor, ao referir-se à história como memória individual ou coletiva do passado que nos guia no presente, indica que, em muitos casos, não é uma tarefa fácil, tendo em vista a representação que ela tem ao se opor às forças autoritárias nos tempos presentes, podendo levar ao mal-estar. Por isso mesmo é necessário reconhecer o papel que lhe é particular pela representatividade no enfrentamento das ideias opositoras.

Na verdade, as forças autoritárias desconfiam muitos dos escritos e esforçam-se muitas vezes para censurá-los ou destruí-los. Sobre a preservação dos textos, nota-se que as bibliotecas de instituições religiosas têm se esforçado durante séculos para essa finalidade, embora, em alguns casos, os eclesiásticos se esforcem para não deixar ultrapassar os limites da ortodoxia. (CHARTIER, 2010).

A esse respeito, no Brasil, o acervo da Biblioteca do Mosteiro São Bento, fundada em 1582, representa um exemplo de preservação da memória (figuras 13 e 14). Há um importante patrimônio de obras religiosas, talvez um dos mais antigos do Brasil.²²

Figura 13 - Mosteiro de São Bento da Bahia



Fonte: Lose, 2010

Figura 14 - Setor de encadernação da biblioteca do Mosteiro de São Bento - Bahia



Fonte: Lose (2010, p.15).

²² A preocupação de preservar o legado cultural é uma característica dos mosteiros beneditinos.

A revitalização do acervo objetiva restaurar, através de processos tecnológicos de ponta, realizados por especialistas, obras raras dos séculos XVI, XVII e XVIII; melhorar a condição de todas as obras dos acervos da biblioteca, mantendo-as sob condições adequadas de temperatura, umidade e claridade; intensificar a higienização e desinfecção de todas as obras do acervo; e fazer a divulgação, através do site da biblioteca do Mosteiro, das obras raras disponíveis para leitura on-line. (LOSE, 2010).

Em seus projetos de inventariação dos Setores de Obras Raras e do Arquivo do Mosteiro, essa biblioteca também tem como propósito:

- melhorar o acondicionamento das Obras do Setor de Obras Raras e do Arquivo do Mosteiro, através da manutenção das condições ambientais;
- inventariar livros mais antigos e documentos utilizando descritores básicos;
- editar inventário dos documentos, deixando-o disponível aos pesquisadores interessados;
- classificar, por critério de raridade, os documentos, selecionando os mais relevantes para estudos posteriores;
- categorizar por estado de conservação das obras, juntamente ao Setor de Restauro da Instituição, aquelas que deverão ser submetidas a algum procedimento;
- traçar uma política de acesso ao acervo, a partir da inventariação feita, dando acesso controlado a pesquisadores previamente cadastrados e autorizados pelo Regulamento da Instituição (LOSE, 2010, p.31).

Hoje há uma preocupação na preservação dos dois formatos. Quanto à proteção do impresso, geralmente há nas bibliotecas pessoas com conhecimento para fazer intervenções – em alguns casos, existe um setor para isso. Porém, sobre a preservação do digital, há uma discussão entre bibliotecários, uma vez que há instâncias que envolvem outros profissionais de diferentes áreas (por exemplo, a área de Tecnologia da Informação). Assim sendo, os conhecimentos dos bibliotecários não são mais suficientes ou são limitados, daí a necessidade de parcerias entre profissionais da informação e analistas de sistemas, dada a dificuldade humana em reunir todas as habilidades, conhecimentos e competências necessárias para interagir e equacionar os problemas decorrentes dos fluxos de informação, principalmente em uma sociedade altamente especializada. (ALMADA DE ASCENCIO, 2000).

A preservação documental deve ser uma preocupação de todos, incluindo a sociedade civil. A Constituição estabelece a quem compete a responsabilidade pela proteção dos documentos gerados pelos órgãos públicos. O Art. 235 diz que “é competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: (...) proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos.” Já o artigo 216, § 2º 6, diz que “cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem” (BRASIL, 1988).

Fato é que viveremos na expectativa de que os textos digitais venham a substituir os impressos. No entanto, o mais provável, para Chartier, (1998) é que pelos próximos decênios uma complementação de textos impressos e digitais permaneça. Isso nos leva a pensar sobre a importância de preservação da memória de textos impressos em consonância com as novas modalidades digitais. Entender, por exemplo, o sentido que os leitores tiveram dos textos com que se depararam é imprescindível para protegê-los e conservá-los, bem como para compreender a importância histórica de cada escrito.

Nesse sentido, é pertinente mencionar que muitas bibliotecas, inclusive algumas que conheci na minha trajetória profissional, destruíram originais impressos sem análise prévia após a digitalização de coleções inteiras de periódicos, como jornais, revistas científicas, dentre outros. A justificativa, nesses casos, foi a de que “não temos espaço físico”. Chartier preconiza, que:

Num momento em que se discute a possibilidade de as bibliotecas digitalizarem suas coleções (particularmente os jornais e revistas) tal observação lembra que, por mais fundamental que seja esse projeto de digitalização, ele nunca deve conduzir à rejeição ou à destruição dos objetos impressos do passado (CHARTIER, 2002a, p. 28).

São várias as razões que levam as bibliotecas à exclusão de acervos importantes. O próprio Manguel diz que muitas bibliotecas “[...] deixa para fora de suas paredes incontáveis prateleiras de literatura que, por razões de gosto, conhecimento, espaço e tempo, não foram incluídas nas coleções” (MANGUEL, 2006, p. 102).

Nessa perspectiva, sobre a importância da preservação do passado, ao falar especificamente da universidade, Morin (2003a) descreve que o caráter de “conservação” dessas instituições pode ser vital ou estéril. A conservação é vital quando ela garante, ampara e previne, já que só se pode conceber um futuro preservando o passado (considere-se, como exemplo oposto, o período atual, em que forças dominantes de desagregação cultural estão em atividade). Pelo contrário, a conservação se torna estéril quando passa a ser dogmática, cristalizada e rígida. A exemplo disso, é possível citar a Universidade de Sorbonne, que, no século XVII, condenou os avanços científicos de sua época até o século seguinte.

3.4 Hibridização da biblioteca universitária

Ao longo da História, as bibliotecas foram constantemente evoluindo, chegando ao estágio atual compostas por diferentes tecnologias que sempre introduzem novos suportes. Morin aponta que “uma síntese criadora entre ideias contraditórias suscita esta hibridização”

(MORIN, 2011, p. 35). As bibliotecas universitárias têm diversos tipos de informação, em variados meios, criando uma hibridização que, ao mesmo tempo que a faz evoluir, preserva e dissemina a informação.

O *Dicionário Brasileiro de Biblioteconomia e Arquivologia*, de Cavalcanti e Cunha, define suporte de escrita como o “material empregado pelo homem para fixar e transmitir seu pensamento” (CAVALCANTI E CUNHA, 2008, p. 351). Isso mostra que o homem, de modo geral, sempre se preocupou em registrar o conhecimento para as gerações futuras, porque a disseminação pela forma oral poderia se perder com o passar do tempo. Não bastava passar os costumes; era necessário também registrá-los. Nesse cenário de evolução estrutural, o livro tem se transformado (Figura 15) e chegado mais perto de quem procura uma variedade de suportes e de informação.

Figura 15 - Cronologia dos suportes de informação



Fonte: Viana, 2013, p. 16.

A biblioteca híbrida, que é aquela composta de materiais impressos e crescentes recursos eletrônicos, tem seu funcionamento como uma ponte entre as bibliotecas tradicionais e as digitais, uma vez que há o compartilhamento desses dois recursos a partir do crescimento da web. No quadro 4, temos exemplos de modelos da biblioteca no contexto atual e projeções futuras de possíveis hibridizações.

Quadro 4 – Paradigmas da biblioteca atual e futura

Contexto atual	Contexto futuro
1 – A maioria dos serviços somente disponíveis quando ela está “aberta”	Muitos serviços disponíveis 24 horas, sete dias por semana (24/7).
2 - A tecnologia é limitada para uso local por do	Grande expansão da tecnologia a ser utilizada por

usuário individuais	usuários individuais.
3 –As necessidades de informação e os níveis de aprendizado e conhecimento são facilmente identificáveis. A Biblioteca pode identificar estes padrões e planejar produtos/serviços para atender estas necessidades.	Os usuários apresentam diferentes necessidades e diversos níveis de aprendizado e conhecimento. Os padrões são de difícil identificação e mudam rapidamente.
4 - Os usuários gastam tempo com os documentos impressos e leituras, anotações são feitas a partir destes documentos, uso de cópias.	Os usuários utilizam bastante os equipamentos interligados à biblioteca, pouca ou nenhuma anotação, crescimento maciço de cópias, <i>downloads</i> e arquivamento digital.
5 - Treinamento de usuário oferecido de forma tradicional, visita orientada, pequenas classes de treinamento.	Continuação do treinamento tradicional mais o ensino à distância, tutorial online, treinamento maciço.
6 – Grande apoio do público e do <i>staff</i> às fontes impressas.	Grande apoio nas fontes eletrônicas e impressas. Muitos usuários não querem as impressas.
7 – Muitas fontes disponíveis impressas; catálogos e índices disponíveis eletronicamente.	Catálogos e índices disponíveis eletronicamente; a maioria dos textos completos disponíveis eletronicamente e crescente a quantidade fontes somente no formato eletrônico.
8 - Serviço de referência face a face (pessoalmente).	Referência em todos os lugares: pessoalmente, e-mail, <i>chat</i> , telefone, etc.
9 - Oferece acesso aos usuários e treinamento para uso dos documentos que foram adquiridos.	Oferece acesso a recursos selecionados, disponíveis livres e “gratuitamente”.
10 - Os usuários têm em mente o “perfil” da biblioteca e o que pode ser oferecido por ela.	Os usuários podem não saber o que a biblioteca tem a oferecer. “Tudo não está disponível gratuitamente na internet”.

Fonte: Cunha (2008)

De modo geral, sempre nos dedicamos a registrar nossos pensamentos e a disseminar os conhecimentos adquiridos. Como já afirmado, não basta transmitir os costumes e os aprendizados de geração a geração oralmente: é necessário eternizá-los materialmente. Os povos antigos “valeram-se das paredes das cavernas, da pedra, do barro, do chumbo, do ouro, do bronze e escreveram livros minerais. Com o papiro, a madeira, o pano e o papel, tivemos os livros vegetais. O couro, o pergaminho e até os intestinos de serpentes serviram de feitura de livros animais” (OLIVEIRA,1984, p.28).

No ano de 105 d.C., surge na China uma descoberta que inova os suportes da escrita: o papel. Foi criado por T’sai Lun, a partir de uma mistura umedecida de casca de amoreira, cânhamo, restos de roupas e outros produtos com base de fibras vegetais, e que era colocada sobre peneiras para secar. O que sobrava era uma fina camada, quer dizer, o papel. Em 751 d.C., os chineses tentam conquistar uma cidade sob o domínio árabe e são derrotados. Nessa ocasião, alguns artesãos são capturados e a tecnologia da fabricação de papel deixa de ser um monopólio chinês. Mais tarde, os mouros invadem a Europa, mais precisamente a Espanha, e lá deixam uma forte influência cultural e tecnológica.²³

⁸ Disponível em: https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Origami/Documentos/ indice_origami_papel.htm
Acesso em: 7 ago. 2019.

Muitos séculos depois da invenção do papel, surge outra que revolucionou e dinamizou a forma como os livros eram produzidos: a imprensa. Até aquele momento, para imprimir e compor um livro, eram usadas práticas manuais e artesanais, que tornavam o processo dispendioso e lento e, consequentemente, aumentavam o valor do livro. No século XV, Johannes Gutenberg inventa moldes manuais para a fundição de tipos metálicos avulsos – letras ou símbolos gráficos –, que são colocados numa tábua para formar palavras e frases do texto, tornando a produção do livro mecanizada. Segundo Brito (2010), a possibilidade de se obter muitas cópias a partir de uma mesma matriz, de que resultava baixo custo, associada à clareza dos caracteres, facilitando extraordinariamente a leitura, viria a ser o principal trunfo do novo sistema de escrita para leitura.

As primeiras obras impressas por Gutemberg são um calendário astronômico e uma gramática latina. Seu trabalho mais importante é a impressão de uma bíblia em latim (Figura 16), com letra gótica, duas colunas de 42 linhas, em três volumes. As figuras e a letra inicial da primeira palavra de cada parágrafo são pintadas à mão, ligando-se assim à tradição dos copistas e iluminadores medievais.

Figura 16 - Bíblia de Gutenberg



Fonte: Biblioteca em Foco

A partir de meados do século XX, a tecnologia, através da eletrônica e da informática, amplia os suportes de informação. Do uso do papel, passamos para os computadores, notebooks, tablets e celulares, que revolucionam as formas de escrita e de comunicação, encurtando as distâncias e o tempo.

Instantaneamente, as informações são enviadas através de mensagens nos celulares, de imagens nas redes sociais e de vídeos na televisão e no cinema. O conteúdo das grandes

bibliotecas mundiais e dos arquivos está sendo digitalizado e disponibilizado na internet. Como mostra Chartier:

A revolução do nosso presente é, com toda certeza, mais que a de Gutenberg. Ela não modifica apenas a técnica de reprodução do texto, mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores. O livro impresso tem sido, até hoje, o herdeiro do manuscrito: quanto à organização em cadernos, à hierarquia dos formatos, do livro da banco ao libellus; quanto, também, aos subsídios à leitura: concordâncias, índices, sumários etc. Com o monitor, que vem substituir o códice, a mudança é mais radical, posto que são os modos de organização, de estruturação, de consulta do suporte do escrito que se acham modificados. Uma revolução desse porte necessita, portanto, outros termos de comparação. (CHARTIER, 1994, p.187).

Não podemos prever como será o futuro das bibliotecas. Entretanto, o que se sabe é que os livros impressos continuam sendo produzidos e construções de novas bibliotecas pelo mundo não param de crescer (fenômeno observado na China, por exemplo), embora adaptadas aos novos tempos. (CAMPBELL; PRYCE, 2016). A Biblioteca Tianjin Binhai (Figura 17), com as obras iniciadas no ano de 2015 e concluídas em 2017, possui 33.700 m² com um luminoso auditório globular. Em volta dele, ficam as estantes do chão ao teto em forma de cascata, apropriadas à contemporaneidade.

Figura 17 - Biblioteca Tianjin Binhai



Fonte: Editora Leader²⁴

A hibridez das bibliotecas pela integração dos suportes tradicionais e digitais levaram Eco e Carrière a fazer algumas reflexões sobre a possibilidade de o livro eletrônico se impor em detrimento do livro impresso, como demonstra a citação abaixo:

[...] há poucas razões para que seja capaz de tirá-lo de nossas casas e de nossos hábitos. Portanto, o e-book não matará o livro — como Gutenberg e sua genial invenção não suprimiram de um dia para o outro o uso dos códices, nem este, o

²⁴ Disponível em: <http://jornal.editoraleader.com.br/china-constroi-a-maior-biblioteca-do-mundo-com-capacidade-para-12-milhao-de-livros/>. Acesso em: 2 jan. 2020

comércio dos rolos de papiros ou volumina. Os usos e costumes coexistem e nada nos apetece mais do que alargar o leque dos possíveis. O filme matou o quadro? A televisão, o cinema? Boas-vindas então às pranchetas e periféricos de leitura que nos dão acesso, através de uma única tela, à biblioteca universal doravante digitalizada. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 6).

No Brasil, no ano de 2018, apesar da crise econômica, houve um aumento de 4,6% na produção de livros impressos, totalizando 44,4 milhões de exemplares (SNE, 2019²⁵). No mesmo ano, porém, a venda de livros digitais contrariou previsões futuristas, com suas vendas representando apenas 1,9% do total. Nos EUA, onde as vendas de livros eletrônicos chegaram a alcançar 20% do total, houve uma queda de 10% em 2014 e em 2015. Já no Reino Unido, a produção de materiais digitais não ultrapassa os 5%²⁶. Apesar disso, Chartier (2017) afirma que há uma crise dos impressos.

O cenário descrito acima nos sugere que parecer estar havendo, no mundo, um ocaso da cultura impressa. Como exemplo, podemos pensar o caso dos jornais impressos, que vêm atravessando dificuldades financeiras em todo o mundo, muitos deles chegando a encerrar suas atividades.

Esse ambiente antagônico de suportes da escrita e da reprodução, assim como a ação da leitura, parecem apresentar um longo caminho a se percorrer. É também o que sentimos por meio das instigantes reflexões de Manguel, Chartier e Eco. Em uma perspectiva complexa, Morin e Le Moigne (2010) descrevem a dualidade de suportes como completude, na medida em que a união das partes representa o todo. “A preservação de um antagonismo numa complementariedade é uma condição de fecundidade em matéria de complexidade. O conhecimento complexo necessita de diálogo [...] aptidões complementares/concorrentes/antagônicas [...]”. (MORIN, 2015b, p.103).

Nesse contexto, o próximo capítulo apresenta uma conversa inicial com duas profissionais de bibliotecas. Além disso, buscou-se também situar o campo de pesquisa que percorremos.

²⁵ Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

²⁶ CHARTIER, Roger. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/628/397>. Acesso em: 31 dez. 2019.

4 UM OLHAR SOBRE O CAMPO DA PESQUISA

Buscando uma apresentação mais ampla do campo de pesquisa, optamos por conversar com as gestoras de duas bibliotecas: Adriana Cybele Ferrari da Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP e Valdinéa Sonia Petinari da Biblioteca Octávio Ianni, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Nesse contexto, vamos apresentar as duas universidades e as duas faculdades nas quais estão inseridas as bibliotecas.

4.1 Um olhar inicial

O contato inicial visou conhecer o campo de pesquisa e as interações que envolvem o saber, sem pretender desvendar integralmente a realidade, porém como um caminho, uma vez que o “universo da entrevista é [...] muito mais rico e difícil do que parece à primeira vista” (MORIN, 1966, p. 60, tradução nossa).

As bibliotecas Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade São Paulo (USP), e Octávio Ianni, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), estão entre as mais importantes das Ciências Humanas no Brasil em número de itens no acervo e pela quantidade de calouros que recebem anualmente. Isso convalida a ideia de conveniência e do propósito das bibliotecas, cujos acervos em tempo algum se tornarão obsoletos, principalmente se tomarmos como pressuposto seu enquadramento em uma área de informação que não se invalida (por exemplo, Aristóteles será sempre Aristóteles). Nesse sentido, não há como descartar obras que regem uma filosofia, principalmente se elas têm uma ligação íntima com a história.

As bibliotecas por si já são uma história. A título de exemplo, a Biblioteca de Filosofia e Teologia do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, contém obras raras, traduzidas de línguas “mortas” e com exemplares únicos, com datas anteriores ao próprio descobrimento do País. Nas palavras de Adriana Cybele Ferrari, Diretora da Biblioteca Florestan Fernandes, o acervo da biblioteca sobre sua direção já traz, por si, sua própria história. Essa opinião é também compartilhada por Valdinéa Sonia Petinari, Diretora da Biblioteca Octavio Ianni, ao falar do acervo das histórias das artes, que considera ser único no Brasil, mesmo em época de tecnologia. Aliás, talvez nunca tenhamos essa coleção em formato eletrônico, pois ele

funciona como um centro de pesquisa e memória, não apenas para a Unicamp, mas para toda a sociedade brasileira – há inclusive pesquisadores que digitalizam as fotografias das obras desse acervo com o intuito de ampliá-las para compreender melhor o que o artista quis dizer na imagem.

Os acervos de ambas as bibliotecas são formados por artes, demografia, literatura, sociologia, ciências políticas, filosofia e línguas (russo, alemão, inglês, português, japonês, coreano e hebraico). Juntamente com essas áreas, vêm suas histórias como fonte de pesquisa.

Mesmo que todas essas obras estivessem em formato digital, nada justificaria qualquer desfazimento, porque as tecnologias não tiram os valores desses acervos; funcionam, sim, como complementares. São, de acordo com Morin e Delgado Díaz (2016a), espirais sucessivas, uma alimentando a outra pela sua influência.

As coleções digitais também formam um rol de acervo eletrônico, se assim cabe chamar. Nesse âmbito, quando se trata das humanidades, embora haja alguma representatividade digital, não se justifica a anulação de obras impressas, ainda que o impresso também “morra”, da mesma forma que o digital – a dúvida é se há como medir a vida útil de ambos.

A preocupação com o acervo bibliográfico contempla os cuidados pelo impresso e digital, e as bibliotecas têm muito zelo quanto ao uso e à proteção. Esses dois suportes exigem engajamento de equipes, mas, quando se trata especificamente da proteção do digital, o processo remete necessariamente à parceria com profissionais da área de tecnologias. A esse respeito, Morin (2015b) deixa claro que é necessário avançar para um conhecimento que ultrapasse as fronteiras das áreas do saber, dentro de uma leitura transdisciplinar, para estremecer nossas “verdades positivas” sobre as bases do conhecimento.

Bibliotecas com acervo impresso já foram dizimadas por questões políticas e religiosas, como na Alemanha Nazista de Hitler. Lá, em 10 de maio de 1933, foram queimadas dezenas de livros, considerados “impuros” e “nocivos” ao nazismo, pelo Ministério da Propaganda, chefiado por Joseph Goebbels. Hoje, com o armazenamento em nuvens, há uma segurança maior, que poderá evitar um dano irreparável, ainda que a segurança tecnológica também apresente falha. Como exemplo prático, Adriana Cybele Ferrari nos desafia a imaginar uma biblioteca com uma coleção de obras em alguma mídia de que o usuário possa vir a necessitar. Pensemos agora que essa mídia falhe. Sua consulta pode se tornar inviável. Também se faz necessário pensar em formas de proteger os acervos digitais de ataques cibernéticos, o que exige dos órgãos responsáveis altos investimentos.

Atualmente, há uma discussão muito grande sobre como preservar a informação

digital, a adoção de ferramentas de proteção e a garantia de sua manutenção. É necessário planejar, principalmente com recursos humanos e financeiros, para aplicar e assegurar que a informação digital permaneça na íntegra, sem alteração, e dê acessibilidade para a comunidade acadêmica e demais cidadãos que dela necessitem. Por esse motivo, entendemos que a biblioteca deva cumprir seu papel e utilidade, que é dar acesso à informação sem restrição e/ou censura.

Neste cenário, a informação se dissemina em proporções nunca antes imaginadas. Como disse Wurman há três décadas:

Um dia da semana contém mais informações do que um mortal comum poderia receber durante toda a vida na Inglaterra no século XVII; nos últimos 30 anos produziu-se um volume maior de informações novas do que nos 5.000 anos precedentes. Nesse contexto, pode-se afirmar que “o conhecimento é ‘moeda’ de nosso tempo, e a velocidade de mudanças é a ‘taxa de inflação’”. Quanto mais alta for essa taxa, mais rapidamente essa moeda perde seu valor. (WURMAN, 1989, p. 32).

É notável, portanto, que esse intenso volume de informação disponível nas redes tende a influenciar a sociedade como um todo. Não obstante, cabe uma questão: será que estamos preparados para reconhecer que tipo de informação nos chega no momento dessa velocidade tecnológica? As *fake news* têm causado catástrofes na vida de cidadãos e até mesmo do País, degradando-o e desintegrando-o. É um lado maléfico das tecnologias. Ainda assim, outro lado pode ser revelado, capaz de promover o bem e gerar um metassistema que trate problemas vitais. É o lado benéfico. (MORIN; DELGADO DIAZ 2016a).

É interessante que na biblioteca, os usuários parecem gostar muito do contato humano, se levarmos em conta que, no IFCH, há um terminal automático para empréstimos que quase não é utilizado. Tal situação pode se dar porque, no balcão, os estudantes têm informações extras, transmitidas por um ser humano, algo que o autoatendimento jamais proporcionaria. Aliado a isso está o fato de que a equipe da biblioteca não insiste para que o aluno use um determinado procedimento em detrimento de outro, ou, ainda, a preferência pode estar ligada aos valores, às crenças e ao estilo como a biblioteca é gerida, tendo em vista que a tecnologia e o humanismo deveriam caminhar juntos, evitando transformar as relações humanas em uma sociedade robotizada.

Parece haver uma espécie de falácia por parte dos humanistas, nas palavras de Adriana Cybele Ferrari. Para ela, esses indivíduos podem até dizer que não gostam de tecnologia ou de inovações tecnológicas, mas não há como negar as facilidades do uso 24 horas do acervo digital, disponível noite e dia, sete dias por semana; se entrarmos no campo da logística, observaremos que, no caso da coleção impressa, teremos como contraponto o

deslocamento. Quem não gosta desta comodidade?

Uma obra digital alcança maior número de usuários e não temos a inconveniência de chegar à biblioteca e o material de que precisamos estar emprestado. Ressalte-se que nenhuma biblioteca universitária tem condições de ficar esse período (24/7) aberta, mesmo porque não existiriam funcionários para tanto, tampouco possibilidades logísticas, administrativas, entre outras questões.

É fato que as áreas das humanidades precisam avançar muito nos acervos digitais. Todavia, isso depende também dos editores, já que, inicialmente, outras áreas de conhecimento tiveram maior atenção. Muito disso se deve ao fato de que o mercado visa o lucro de quem paga mais (como é o caso das ciências biológicas, por exemplo). Em outras palavras: o mercado impõe suas regras, em vista disso somos submetidos às suas vontades. Além disso, a aquisição de acervo digital para pessoa jurídica tem alguns entraves, porque é mais fácil o usuário como pessoa física conseguir comprar uma obra.

Consideremos que, no momento da compra de obras, a versão digital seja mais vantajosa e não haja barreiras para adquiri-la. Certamente, essa versão facilitaria uma cobertura do maior número de usuários, enquanto que, na versão impressa, a cobertura seria mais restrita. Não podemos ignorar que há ainda uma dependência de outros fatores, como se os docentes estarão de acordo com o digital ou não. No IFCH, quando as obras digitais são muito consultadas pelos alunos – e aí a biblioteca se vale de estudos estatísticos –, aquelas obras que tiveram maior número de acesso terão compras perpétuas²⁷, para não prejudicar alguma pesquisa em andamento, completa Valdinéa Sonia Petinari.

É pertinente citar o que diz Sanfelice: “as instituições não são recortes autônomos, entretanto, de uma realidade social, política, cultural, econômica e educacional. Elas são fruto dos laços de determinações externas a elas [...]” (SANFELICE, 2007, p. 83). Por sua vez, a biblioteca está inserida nessa realidade. Por isso, não poderá atuar solitária, fragmentada, mas sim articulada com a instituição e com o contexto social no compartilhamento da informação.

Nas palavras de Adriana Cybele Ferrari, de muitas formas a biblioteca universitária pública poderá contribuir com a sociedade, tais como: em medidas judiciais com finalidades pedagógicas, “[...] não tanto por formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar”. (MORIN, 2003a, p.15).

O IFCH recebe alunos das escolas municipais e estaduais de Campinas, oferecendo o

²⁷ Notas do autor: a instituição mostrou-se preocupada com a continuidade da pesquisa, pois o número de acesso de obras digitais é fator determinante para a aquisição perpétua, para que não haja interrupção nos estudos. Há diversas modalidades de assinatura e em algumas delas, ao término do contrato, a biblioteca perde o acesso às obras, daí a preocupação da compra perpétua.

acesso à cultura, às artes e às exposições, inclusive com treinamento para que as comunidades saibam usar os acervos impressos e digitais do IFHC²⁸. Essa ação é um meio de integração da vida em sociedade, conclui Valdinéa Sonia Petinari.

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar as exposições culturais que são feitas por toda a comunidade dentro dos espaços da biblioteca, fato constatado tanto na da FFLCH quanto na do IFCH. Neste, a amostra *Mulheres Penetrando suas Histórias* do Mo.Le.Ca (Movimento Lésbico de Campinas), estava sendo realizado nas dependências da biblioteca.

Não poderíamos dar continuidade ao nosso raciocínio e à pesquisa sem mencionar a mais moderna e potente ferramenta de buscas já criada: o Google. É fato que fica difícil viver sem ele hoje – mas é claro que nem tudo poderá ser encontrado numa simples busca, pois muitas bases são fechadas; por meio dele, também não temos acesso gratuito às bases de dados que são comercializadas. Embora se trate de um buscador que nos ajuda muito, principalmente quando precisamos de uma informação imediata, corremos, por outro lado, o risco de ter uma informação não segura²⁹. Por isso, a importância de bases de dados com materiais avaliados pelos pares no que concerne às pesquisas científicas.

As tecnologias digitais trouxeram alterações significativas às bibliotecas como entidade de informação e formação. De acordo com Morin e Delgado Díaz (2016a), há necessidade de compreender a magnitude desse conjunto de mudanças fundamentais que tiveram lugar na ciência, nos conhecimentos, nas tecnologias, no planeta e no cotidiano das pessoas nessa emergência de novos saberes. Outra necessidade é a de reformulação do problema do conhecimento com nova sociabilidade entre bibliotecários e usuários, o que anteriormente existia apenas em relação ao acervo impresso; muitos desafios à ciência vieram das tecnologias.

É evidente, pelos dados estatísticos apresentados, um leve declínio no uso do acervo impresso. Contudo, notam-se ainda preferências dos usuários do IFCH por este suporte. Amaro (2016), ao ressaltar as “humanidades digitais”³⁰, aponta um novo conceito para tratar da interseção entre as tecnologias e as ciências humanas. Lembrando que, quanto mais digital, mais a informação atenderá ao usuário das bibliotecas, o autor declarou: “o que nós temos são

²⁸ Percebe-se que a biblioteca, pelo seu acervo das humanidades, artes e cultura, tem grande preocupação com o outro. Esses alunos poderão ser os futuros alunos e docentes da Unicamp e têm um olhar de que foram acolhidos pela biblioteca. Não é uma obrigação da equipe de bibliotecários, mas eles demonstram muita preocupação com a sociedade e contribuem dentro de suas limitações para o bem da comunidade externa à Unicamp.

²⁹ O Google tem interesse em digitalizar acervos. É muito importante esse interesse, mas ele quer digitalizar os acervos e ao mesmo tempo vender as informações para a própria instituição que o cedeu. No caso da biblioteca da Universidade de Harvard, eles querem o acervo e querem cobrar o acesso das pessoas às coleções, inclusive da própria universidade. Talvez seja por isso que ele não tem coleções significativas de obras.

³⁰ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27315. Acesso em: 2 ago. 2019.

profissionais que estão, já há muito tempo, dentro dessas comunidades digitais e profissionais que ainda, de alguma forma, resistem a entrar neste que é o universo da informação hoje em dia e que cada vez mais pauta o mundo”. (AMARO, 2016, n.p).

Em ambas as bibliotecas, o aceite pelo digital tem, grosso modo, a comodidade logística. Particularmente, as bibliotecárias revelaram, durante a conversa, que preferem uma informação impressa em vez da digital. Fato importante: as equipes demonstram muita preocupação com treinamento dos usuários, pois, segundo elas, os usuários ainda têm algumas dificuldades nas buscas nas bases de dados e nos catálogos on-line da biblioteca. Há a ideia de que tais bases não são amigáveis, já que, muitas vezes, eles não conseguem encontrar obras que a biblioteca detém, sejam impressas, sejam digitais. Por isso, há treinamento constante oferecido pela equipe para que o usuário possa encontrar informações de qualquer lugar desde que esteja conectado à internet. Embora não haja servidores suficientes, há um esforço constante dos profissionais para sanar o problema.

O Portal de Periódicos CAPES não permite a busca integrada pelos buscadores das duas universidades, ou seja, ele não se integra às ferramentas utilizadas por ambas. Por causa disso, ao fazerem suas buscas, os alunos não localizam o material no Portal CAPES, tendo que fazê-las isoladamente, de forma direta, o que para o usuário é prejudicial. Provavelmente, isso se deve à questão de controle estatístico.

Também nas duas bibliotecas, há uma preocupação quanto à preservação dos dois formatos – o digital e o impresso. Quanto à proteção do impresso, há servidores específicos para isso e sala destinada para essa finalidade, porém a preservação do digital está em discussão nas Reitorias das duas instituições, já que envolve outros profissionais além dos da biblioteca.³¹

Os dois requerem atenção, mas nossa impressão é a de que, no meio impresso, os bibliotecários podem contribuir, enquanto no digital há dependência de outros profissionais envolvidos; nesse sentido, nossos conhecimentos não são mais suficientes na gestão dos acervos e, evidentemente, no desenvolvimento de coleções de natureza digital. Daí surge a necessidade de parceria com outros profissionais reunindo novos conhecimentos em decorrência do fluxo informacional.

Pelo que se constata, o trabalho solitário, fragmentado, especializado não se sustenta na complexidade, pois um especialista, na sociedade atual, é aquele que entende muito de pouco. Efetuaram-se progressos gigantescos no âmbito das especializações disciplinares durante o século XX. Porém, esses progressos estão dispersos, desunidos, devido justamente à

³¹ Foi possível perceber, nas duas instituições, que há discussões a respeito da preservação digital.

fragmentação dos contextos, às globalidades e às complexidades. (MORIN, 2000, p. 40).

4.2 Caracterizando a Universidade de São Paulo

No Brasil dos anos 1930, as faculdades eram isoladas e havia atraso em relação a outras nações latino-americanas. Muitas já tinham suas universidades, portanto era urgente a criação de uma instituição de ensino superior aglutinando algumas instituições já existentes.

A Universidade de São Paulo (USP) foi criada pelo Decreto 6.283, de 25 de janeiro de 1934, pelo 14.º Governador de São Paulo, Armando de Sales Oliveira. Universidade pública mantida pelo Estado de São Paulo e ligada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, a USP tem como fins:

- a) promover, pela pesquisa, o progresso da ciência;
- b) transmitir, pelo ensino, conhecimentos que enriqueçam ou desenvolvam o espírito, ou sejam úteis à vida;
- c) formar especialistas em todos os ramos de cultura, e técnicos e profissionais em todas as profissões de base científica ou artística;
- d) realizar a obra social de vulgarização das ciências, das letras e das artes, por meio de cursos sintéticos, conferências, palestras, difusão pelo rádio de filmes científicos e congêneres. (DECRETO, 6.283, de 25 de janeiro de 1934).

Criada, inicialmente, na cidade de São Paulo, a universidade expandiu seus campi pelo interior do Estado, e atualmente tem campi nas cidades de Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, Santos, São Carlos, além de outros centros dedicados ao ensino e à pesquisa, como museus, situados fora desses municípios.

O ensino de graduação é formado por 183 cursos, dedicados a todas as áreas do conhecimento, distribuídos em 42 unidades de ensino e pesquisa, com mais de 58 mil alunos. A pós-graduação é composta por 239 programas, com cerca de 30 mil matriculados³².

4.2.1 A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

No Artigo 3.º do Decreto n. 6.283, de 25 de janeiro de 1934, foram estabelecidos os institutos que compuseram a USP na época:

- a) Faculdade de Direito;
- b) Faculdade de Medicina;
- c) Faculdade de Farmácia e Odontologia;
- d) Escola Politécnica;
- e) Instituto de Educação;
- f) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras;
- g) Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais
- h) Escola de Medicina Veterinária
- i) Escola Superior de Agricultura;
- j) Escola de Belas Artes.

³² Disponível em: <https://www5.usp.br>. Acesso em: 3 ago. 2019.

No Parágrafo único do artigo supracitado, a USP tem autonomia de expedir certificados, diplomas e conferir grau nas diversas atividades profissionais. Além dos institutos enumerados, concorrem para ampliar o ensino e ação da Universidade:

- a) o Instituto Biológico;
- b) o Instituto de Higiene;
- c) o Instituto Butantã;
- d) o Instituto Agrônomo de Campinas;
- e) o Instituto Astronômico e Geográfico;
- f) o Museu de Arqueologia, História e Etnografia, que é o Museu Paulista;
- g) o Serviço Florestal;
- h) e quaisquer outras instituições de caráter técnico e científico do Estado.

A então hoje Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) foi integrada à USP pelo mesmo Decreto que criou a universidade em 1934, e desde essa época vem desempenhando um excelente papel no pensamento da sociedade brasileira. Com base no humanismo e progressismo europeu, com cursos fortemente filosóficos, o clima dessa faculdade é de profunda efervescência intelectual pela integração entre alunos e professores dos cursos por ela ministrados.

Atualmente, a FFLCH tem os cursos de Ciências Sociais, Filosofia, Geografia, História, Letras (com várias especialidades) e as Licenciaturas, além dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

4.2.1.2 A Biblioteca Florestan Fernandes

A Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH/USP (Figura 18) está estritamente ligada à História da Educação e à criação da União Nacional dos Estudantes (UNE).

No ano de 1934, dá-se início ao funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, um dos núcleos fundadores da USP. Um acervo começou a ser formado nesse ano, e em 1937 foi instalada a primeira biblioteca na Rua da Consolação, n. 16. Nos anos subsequentes, a biblioteca foi transferida algumas vezes: em 1938, para um prédio na Alameda Glete; em 1939, para o prédio da Escola Caetano de Campos, na Praça da República. Em 1947, para o prédio da FFLCH/USP na Rua Maria Antonia, 258, permanecendo até a transferência definitiva para a Cidade Universitária, campus Butantã, entre os anos de 1967 e 1968. Em 2005, é inaugurada a Biblioteca da FFLCH-USP com acervo unificado, recebendo o nome de Biblioteca Florestan Fernandes.

A Biblioteca Florestan Fernandes tem como seu patrono Florestan Fernandes (São

Paulo, 22 de julho de 1920 – São Paulo, 10 de agosto de 1995), sociólogo e político brasileiro que, como deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT), participou da Assembleia Nacional Constituinte. Em 1941, ingressou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, formando-se em Ciências Sociais. Na Escola Livre de Sociologia e Política, obteve o título de mestre, com a dissertação "A organização social dos Tupinambás". Em 1951, defendeu, na FFLCH/USP, a tese de doutorado "A função social da guerra na sociedade tupinambá", posteriormente consagrada como clássica da etnologia brasileira, que explora o método funcionalista.

Tem, como **missão**, promover o acesso e incentivar o uso e a geração da informação, contribuindo para a qualidade do ensino, pesquisa e extensão, na Área de Humanidades. (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 2019).

Figura 18 - Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH/USP



Fonte: FFLCH

A biblioteca Florestan Fernandes é considerada uma das maiores do Sistema de Bibliotecas – SIBI/USP, criado em 1981, que teve como diretora, de 2002 a 2007, Adriana Cybele Ferrari, atualmente diretora da Biblioteca Florestan Fernandes. A biblioteca recebe anualmente cerca de 1800 calouros que ingressam na FFLCH. Com acervo predominantemente das Ciências Humanas e Letras, é formada por Sociologia, Ciências Políticas, Filosofia e Letras (russo, alemão, inglês, português, japonês, coreano, hebraico e outros), totalizando 386.381 itens, composto de livros, teses, dissertações, multimeios, periódicos e outros documentos, além de um acervo raro de obras avaliadas pelos bibliotecários e docentes. Sua diretora atual é Adriana Cybele Ferrari.

A Biblioteca da FFCCH atende toda a comunidade da FFLCH (Quadro 5), bem como alunos de outras faculdades da USP, o público externo à universidade, pesquisadores e visitantes. Ela é composta por 42 servidores das seguintes categorias: bibliotecários; técnicos;

auxiliares administrativos; e estagiários (Quadro 6), Apresenta, também, a quantidade de materiais que compõem o acervo da biblioteca.

Quadro 5 - Servidores e alunos da FFLCH - janeiro de 2019

Graduação	9.239
Alunos de pós-graduação	2.906
Docentes ativos	433
Funcionários administrativos	302

Fonte: o autor, com base em informações do Serviço de Comunicação Social da FFLCH

Quadro 6 - Biblioteca Florestan Fernandes - FFLCH/USP/ 2018

INSTALAÇÕES FÍSICAS	
Área útil (m2)	6.200
Microcomputadores para alunos	59
Microcomputadores para serviços	24
Oficina para pequenos restauros	1
Sala de treinamento	1
Sala de coleções especiais	1
EQUIPE	
Bibliotecários	8
Técnicos e auxiliares	24
Estagiários	8
ACERVO	
Livros e outros materiais	386.381
Multimeios	4.038
Mapas	8.960
Outros tipos	45.068
Teses	18330
Periódicos (fascículos)184.345	184. 345
PRODUÇÃO INTELECTUAL	
Indexação de documentos	54.973
ATENDIMENTO DA BIBLIOTECA em 2018	
Frequência de usuários	181.604
Empréstimo	271.576
Consulta local	192.374
Empréstimo entre bibliotecas (solicitante)	238
Empréstimo entre bibliotecas (fornecedora)	668
COMUTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	
Forneceu	76
Solicitou	15
Normalização de trabalhos	71
TREINAMENTOS	
Plataformas digitais	307
Visitas orientadas	130
Colaboração em disciplinas de cursos	95
PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ACERVOS	
Higienização	1.000
Aspiração	199.00
Restauo	334

Fonte: o autor, com base nos dados solicitados à Biblioteca Florestan Fernandes

Dessa forma, a biblioteca destaca-se no cenário nacional como um centro de informação nas áreas de humanidades. Com essas áreas, vêm suas histórias como fonte de

pesquisa, e trabalhar novas maneiras de compartilhar ideias e memórias significativas tem sido a meta da biblioteca como uma identidade coletiva das humanidades (GONÇALVES, CONCEIÇÃO, LUCHETTI, 2009; MORIN, 2018). Nota-se, portanto, que há um grande esforço por parte dos profissionais, juntamente aos professores, para concretizar a aprendizagem do aluno por meio do acesso à leitura na construção do conhecimento.

4.3 Caracterizando a Universidade Estadual de Campinas

Mesmo num contexto universitário recente – a universidade brasileira mais antiga tem pouco mais de sete décadas –, a Unicamp pode ser considerada uma instituição jovem que já conquistou forte tradição no ensino, na pesquisa e nas relações com a sociedade.

Em 9 de setembro de 1965, o Conselho Estadual de Educação designou a Comissão Organizadora da Universidade de Campinas com a finalidade de estudar e planejar a gradativa formação e instalação de suas unidades, uma vez que somente a Faculdade de Medicina estava em funcionamento. A Comissão era composta pelos Professores Zeferino Vaz (presidente), Paulo Gomes Romeo e Antônio Augusto de Almeida. Como fruto dos trabalhos da Comissão, a pedra fundamental da Universidade foi lançada numa gleba de 30 alqueires, doada por João Adhemar de Almeida Prado, em 5 de outubro de 1966. Aprovado o relatório final preparado pela Comissão e nomeado como Reitor o Prof. Zeferino Vaz, a Universidade entra na sua fase real de instalação³³.

4.3.1 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH

O IFCH é constituído pelos Departamentos de Antropologia, Ciências Políticas, Demografia, Sociologia, Filosofia e História.

A Coordenação de Pesquisa, Projetos e Convênios (CPPCON) é o setor responsável pela coleta e inserção da produção acadêmica docente e discente do IFCH no Sistema Integrado de Pesquisa e Extensão (SIPEX). É através dessa alimentação de dados que o IFCH compõe o Anuário de Pesquisa da UNICAMP. Devido à grande produção intelectual do Instituto, há um trabalho contínuo de coleta e inserção de dados, ao longo do ano, tendo como principal fonte as informações registradas pelos pesquisadores no Currículo Lattes e também o repasse de dados de outros setores do Instituto.

³³ Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp>. Acesso: 1 ago. 2019

4.3.1.2 Biblioteca Octavio Ianni

A Biblioteca Octavio Ianni, do IFCH/UNICAMP (Figura 19), remonta ao Departamento de Planejamento Econômico e Social criado por Zeferino Vaz em 1968, que foi o início do IFCH/UNICAMP. A biblioteca nasceu e se desenvolveu em perfeita consonância com o constante crescimento do Instituto, e caracteriza-se como um instrumento indispensável ao ensino e à pesquisa. Com o objetivo de acompanhar o ritmo de desenvolvimento das pesquisas do IFCH, a biblioteca sempre manteve um cuidado extremo e permanente com a atualização, o desenvolvimento e a qualidade do seu acervo bibliográfico.

Octavio Ianni (Itu, 13 de outubro de 1926 – São Paulo, 4 de abril de 2004) foi sociólogo e professor brasileiro. Formou-se em Ciências Sociais na FFLCH/USP em 1954. Logo após a formatura, integrou o corpo de assistentes da faculdade na cadeira de Sociologia I, da qual Florestan Fernandes era o titular. Aposentado compulsoriamente da USP, foi professor do Departamento de Sociologia e professor emérito da Unicamp.

Figura 19 - Biblioteca Octavio Ianni - IFCH/UNICAMP



Fonte: UNICAMP

A Biblioteca Octavio Ianni, como parte do Sistema de Bibliotecas da Unicamp – SBU, tem um dos melhores acervos de história da arte do País e seus espaços são dominados por exposições de várias natureza, com mesas e poltronas espalhadas nos corredores do acervo. Sua diretora atual é Valdinéa Sonia Petinari.

A biblioteca do IFCH teve uma expansão de sua área física de 1.610 m² para 4 mil m², em 11 de abril de 2013, distribuídos em cinco pavimentos amplos e acessíveis a todos os usuários por escada ou elevador, além de uma iluminação adequada e decoração aconchegante. A ampliação permitiu a integração dos acervos bibliográficos, uma nova área

de processamento técnico, de atendimento ao público para leitura individuais e coletivas, e um espaço para a realização de exposições, no qual, em 2018, foram realizadas 10 exposições pela comunidade. (IFCH, 2019).

O acervo é composto por livros, teses, materiais especiais (CDs, DVDs, mapas, fitas VHS, microformas, slides), periódicos e uma coleção de História da Arte, que pode ser consultada pelo catálogo on-line. Há também diversos recursos eletrônicos de pesquisa, como bases de dados e e-books que podem ser acessados diretamente na biblioteca ou remotamente através de VPN (para alunos na UNICAMP).

A Biblioteca tem como público usuário a comunidade do IFCH (Quadro 7) de uma maneira geral, assim como o público externo à UNICAMP, como pesquisadores e visitantes. Para atender a esses usuários, a biblioteca conta com 15 servidores distribuídos nas funções de bibliotecários, técnicos administrativos e um estagiário, conforme apresenta quadro 8, em que também estão descritos os materiais que compõem o acervo.

Quadro 7 - Servidores e alunos do IFCH - janeiro de 2019

Graduação	1.088
Alunos de pós-graduação	884
Docentes ativos	84
Funcionários administrativos	89

Fonte: Elaborada pelo autor com informações solicitada à Biblioteca

Quadro 8 - Biblioteca Octavio Ianni - IFCH/UNICAMP/ 2018

INFORMAÇÕES GERAIS	
Ano de criação	1968
Área construída	4 mil m ²
EQUIPE	
Bibliotecários	6
Técnicos	8
Estagiários	1
INFRAESTRUTURA	
Sala de capacitação e treinamento (10 computadores)	1
Sala de estudo em grupo	4
Sala de preservação e conservação	1
Banheiro para o público	8
Pontos de leituras (assentos para o público)	116
Armário guarda-volumes	148
Microcomputador (uso público)	13
Scanner (uso público)	6
Scanner Sara	1
Portal de segurança	1
Book Check	1
Desativador de etiquetas	1
Autoempréstimo	1
ACERVO GERAL	
Livros e exemplares	234.042
Obras raras	273
Coleção de referências	2.193

História da arte	14.236
Teses/dissertações	5.094
Periódicos (fascículos)	184.345
ATENDIMENTO 2018	
Empréstimo de materiais bibliográficos	63.751
Consulta local de materiais bibliográficos	15042
Renovação online de materiais bibliográficos	38.042
Fluxo de pessoas	117.00
Empréstimos entre bibliotecas – atendidos	1.119
Empréstimos entre bibliotecas - solicitados	185
Curso de formação de usuário	13 (cursos)
Orientações	213
Exposição	10

Fonte: o autor, com base nos dados solicitados à Biblioteca Florestan Fernandes

A biblioteca destaca-se nas áreas das humanidades devido ao vasto acervo cultural escrito e digital que possui. Por meio de treinamento, divulgação em redes sociais e, sobretudo, a parceria entre servidores da biblioteca e professores, a biblioteca tem como finalidade conduzir melhor o aluno nas pesquisas científicas, sejam elas presenciais ou remotas.

Percebe-se, portanto, os esforços dos profissionais de ambas bibliotecas para que os alunos tenham acesso às informações disponibilizadas no processo de construção do conhecimento. Mas, para isso, faz-se necessário reconhecer a importância da parceria nas áreas de atuação profissional, principalmente levando em consideração o atual momento de reaprendizagem sócio-histórica. Chartier (2002) descreve que o mundo digital produz uma tríplice ruptura na medida em que propõe uma nova tática da escrita, suscita novos vínculos do leitor com os textos e determina novas formas de inscrição.

Depreende-se, pois, que as tecnologias digitais têm transformado a relação do leitor com o texto. Este não vislumbra mais um produto concluído; pelo contrário, a tecnologia permite ao leitor que a cada momento ele seja também um coautor. Benjamin (1985) preconiza que a reprodução técnica modifica as estruturas permitindo novas operações. Para o pensador, essa reprodução traz grandes avanços uma vez que posse e tradição têm seus sentidos usuais alterados, resultando, na prática, em um alcance maior da obra.

Para um melhor entendimento deste cenário, retomaremos o objeto desta pesquisa a fim de conhecer como os usuários das duas bibliotecas estão usando a informações que são disponibilizadas pelas bibliotecas nas suas pesquisas. É necessário, agora, um olhar mais apurado para as palavras dos entrevistados, pois são sujeitos que apresentam vivência no contexto aqui estudado.

5 HIBRIDIZAÇÃO E PESQUISA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A pesquisa de campo realizada, já mencionada no decorrer deste trabalho, teve como centro de análise e objeto de investigação o uso do acervo de duas bibliotecas universitárias. A pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa, dada a possibilidade de identificar e analisar dados que, por sua natureza, não podem ser mensuráveis – como a percepção, por exemplo. É, pois, a partir da percepção dos profissionais de bibliotecas que buscamos verificar o aproveitamento do acervo pelos usuários em múltiplas possibilidades.

O método escolhido contou com entrevistas semiestruturadas, permitindo que houvesse um diálogo imediato com o fenômeno em relação ao objeto de pesquisa. Por “entrevista semiestruturada”, consideramos o entendimento de Manzini, segundo o qual esse modelo de entrevista “[...] é uma das formas para coletar dados. Ela se insere em um espectro conceitual maior, que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta” (MANZINI, 1991, p. 8). O roteiro da entrevista obedeceu aos objetivos principais da pesquisa, considerando a investigação para as ciências sociais, conforme preconiza o autor:

Uma entrevista é uma comunicação pessoal suscitada com um fim informativo. [...] Mas a diferença surge na natureza da informação. A informação em ciências sociais entra num sistema metodológico, hipotético e verificador. (MORIN, 1966, p. 59, tradução nossa).

Para isso, foi feito um primeiro contato com o campo de pesquisa por e-mail, no mês de dezembro de 2018. Nesse período, marcamos uma primeira conversa no mês de abril de 2019, momento em que apresentamos o objeto de pesquisa, o qual, por sua vez, foi bem aceito pelos 11 participantes. Continuamos nossa comunicação para aplicar a entrevista, que ocorreu nos meses de agosto e outubro de 2019, no IFCH e na FFLCH, respectivamente.

A transcrição foi realizada na íntegra, (anexo A) na medida em que buscamos perceber o que foi ou não perguntado, da mesma forma que consideramos o que foi ou não respondido. As verbalizações gravadas foram escutadas diversas vezes, e, por fim, a análise foi feita à luz da fundamentação teórica desta pesquisa – uma proposta que permite a conexão entre o acesso a biblioteca, a educação e as novas tecnologias.

O intuito das entrevistas foi o de verificar as possibilidades de contribuição da biblioteca no processo de construção do conhecimento tendo em vista as múltiplas viabilidades que as tecnologias digitais trouxeram graças à imensidão de dados que navegam pela internet (MACHADO, 1995). Vale ressaltar, ainda, que não se anulam os materiais

impressos, mas sim se articulam e promovem maior alcance entre o sujeito e o objeto a partir da reprodução técnica das obras no meio digital.

No suporte virtual, as leituras podem ser feitas por diversos dispositivos, por exemplo, os telefones celulares, *tablets* e *smartphones*, todos eles cada vez mais utilizados para a leitura em tela na atualidade. Assim, segundo Chartier (1998), essa forma de leitura muda conforme os tempos, os lugares, os objetos lidos e o porquê de ler. Novas práticas são produzidas à medida que outras se extinguem, como a passagem do rolo antigo ao códex da Idade Média, ou a do livro impresso ao texto digital, visto que inúmeras rupturas permeiam o ato de ler no curso da História da leitura.

Sobre essas mudanças repentinas, especificamente ao falar sobre a leitura digital, Chartier (1998) ressalta que esse tipo de leitura é descontínua, segmentada, ligada mais ao fragmento que à totalidade. Para o autor, esse fato pode estar relacionado à herança deixada pelo códex. Quanto à descontinuidade e à fragmentação da leitura, o autor coloca que esta última não tem o mesmo sentido se acompanhada da percepção da totalidade textual contida no objeto escrito, tal como propõe o códex. Isso ocorre porque a superfície luminosa da tela em que aparecem os fragmentos dos textos não nos permite ver imediatamente os limites e a coerência do livro, da revista ou do periódico de onde foram extraídos.

Chartier adverte que “a fragmentação da leitura, de um lado, a modificação da produção editorial, de outro: o perigo é duplo. Nas novas circunstâncias, os dispositivos editoriais mudam” (CHARTIER, 1998, p. 144). Ampliam-se as possibilidades de acesso e de busca de informação ao passo que promove-se o contato direto com as obras; contudo, dentro das condições sociais e reais de uma sociedade hiperconectada, é possível que esses sujeitos não saibam pesquisar nas fontes confiáveis apenas com o simples acesso às informações. Por isso, é preciso que os usuários sejam também instruídos a analisá-las e só então construir o conhecimento, já que o indivíduo detentor do conhecimento tem a capacidade de projetar novos conhecimentos. (MACHADO, 1995; MORIN, 2015b).

É importante conhecer de maneira mais ampla e complexa a forma como os usuários das bibliotecas universitárias estão usando o acervo. Para tal, como já informamos, foram entrevistados onze profissionais de duas bibliotecas universitárias, por considerá-los atores fundamentais nesse contexto. Portanto, conheceremos agora um pouco sobre os entrevistados a partir de seis questões da primeira parte do questionário. 82% dos entrevistados são bibliotecários; a média de tempo de trabalho nas bibliotecas pesquisadas varia bastante, mas 48% dos indivíduos apresenta entre 16 e 23 anos de trabalho no mesmo local; 64% está na faixa etária entre 18 e 28 anos; 99% são graduados em Biblioteconomia; 55% cursaram

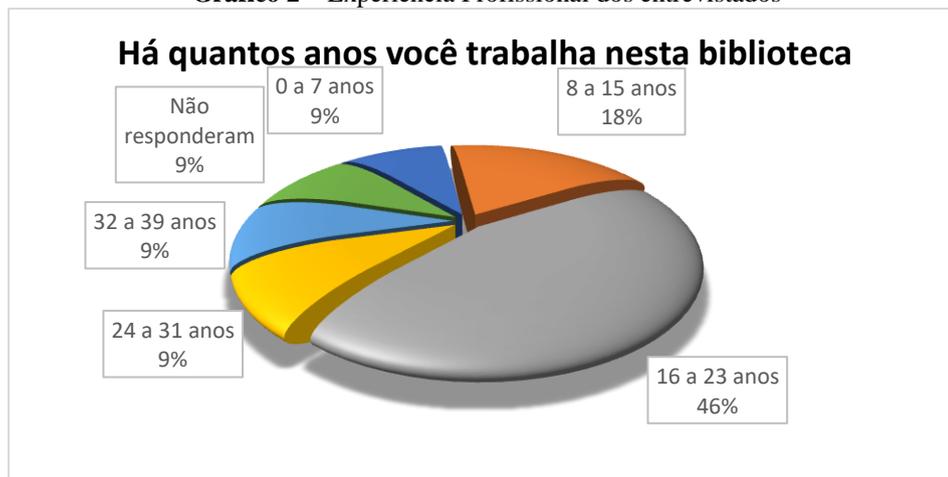
especialização, mestrado ou doutorado; e, por fim, 45% deles acreditam que o seu desempenho no trabalho foi influenciado pela pós-graduação.

Gráfico 1 – Profissão dos Entrevistados



Fonte: o autor, com base nos dados das entrevistas (2020).

Gráfico 2 – Experiência Profissional dos entrevistados

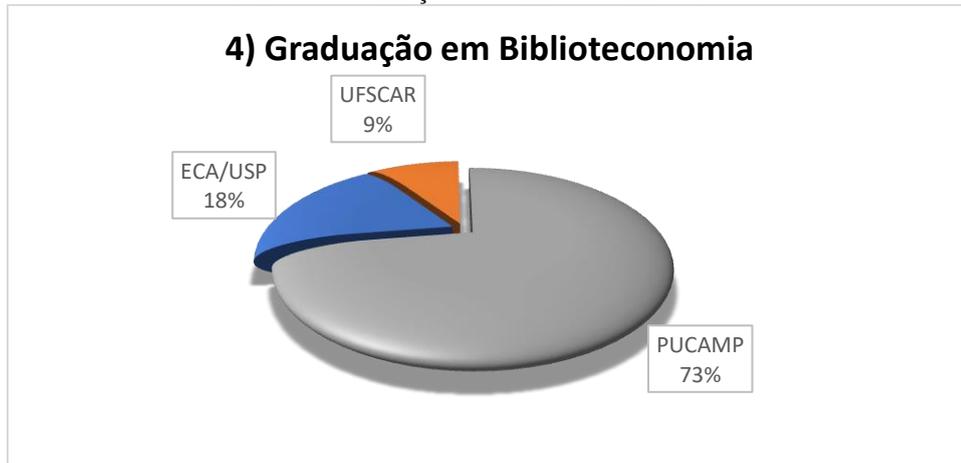


Fonte: o autor, com base nos dados das entrevistas (2020).

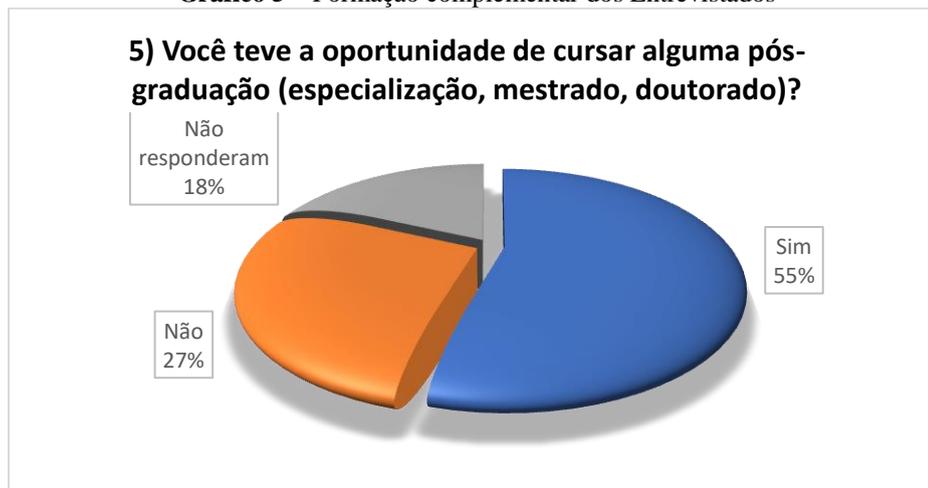
Gráfico 3 – Idade dos entrevistados



Fonte: do autor, com base nos dados das entrevistas (2020).

Gráfico 4 – Formação acadêmica dos Entrevistados

Fonte: o autor, com base nos dados das entrevistas (2020).

Gráfico 5 – Formação complementar dos Entrevistados

Fonte: o autor, com base nos dados das entrevistas (2020).

Gráfico 6 – Opinião sobre os cursos realizados

Fonte: o autor, com base nos dados das entrevistas (2020).

Para as 12 questões da segunda parte do questionário, foram organizados trechos das falas dos depoentes em quadros com base nas perguntas feitas a cada um. Em seguida, as falas foram analisadas, o que permitiu titular cada uma dos quadros aqui expostos, a partir de expressão significativa extraídas da própria resposta.

5.1 Trechos das falas dos entrevistados

Começamos a exposição de nossa entrevista semiestruturada abordando um fato patente e indubitável no seio das nossas universidades quando o assunto é evolução tecnológica; as mudanças ocorridas no perfil dos profissionais no âmbito das bibliotecas universitárias:

Quadro 9 - “A gente tem que ir aprendendo, se adaptando e se adequando”

“É totalmente tecnológico hoje em dia. E o bibliotecário, às vezes, ele não trabalha com o livro e, às vezes, tem que catalogar um blog ou outra informação online.”
“É necessário ter mais cursos para estar acompanhando também as atualizações das bases de dados e as renovações em geral. [...] tem que acompanhá-las para poder auxiliar os docentes e discentes. [...]. A tecnologia exige essa preparação de nós.”
“[...] as novas tecnologias e tudo isso foi mudando. [...] E a universidade, que propõe e nos oferece ferramentas também, para a coisa andar e para a gente trabalhar nessa vida tecnológica. [...] Temos que acompanhar tudo isso e irmos nos adaptando.”
“[...] tem que estar se adaptando com as novas tecnologias da universidade.”
“[...] a gente está tendo que se adequar à evolução que está tendo. Estamos nos adequando.”
“[...] O mercado precisa de profissionais que organizem tudo isso dentro das plataformas digitais.”
“[...] Vive constantemente em mudança, principalmente a partir da primeira década do século XXI com as tecnologias. [...]. Agora tudo está maravilhoso.”
“[...] a gente teve que ir se adaptando conforme a evolução da tecnologia. [...]. O profissional teve que se adequar às novas tecnologias. [...]”
“[...] você sempre percebe o interesse dos bibliotecários e até a própria evolução das tecnologias, que você tem que estar correndo atrás do prejuízo.”

Fonte: o autor, com base nas entrevistas (2020)

A importância da tecnologia no dia a dia profissional pode ser encontrada nas falas dos entrevistados, segundo as quais as tecnologias representam transformações significativas que requerem constante aprendizado. As análises sobre a mudança no perfil profissional revelou (Quadro 9) que, em relação às tecnologias, as frequentes transições são vistas como aliadas indispensáveis ao exercício profissional dos depoentes. Para esses funcionários, as mudanças são repentinas e requerem uma busca constante por novos aprendizados. Nesse sentido, Morin aponta que “o exercício permanente da auto-observação suscita uma nova consciência de si que nos permite nos descentrar em relação a nós mesmos, logo de reconhecer o nosso egocentrismo e de medir o grau das nossas carências, lacunas, fraquezas” (MORIN, 2017, p. 94).

Nessa perspectiva, os profissionais das bibliotecas reconhecem que as tecnologias estão imbricadas em suas atividades profissionais. Essa consciência leva-os a um processo de autorreflexão em relação à construção de sua própria aprendizagem levando em conta sua realidade profissional. Encarar essa necessidade é indispensável ao fazer profissional dos funcionários:

[...] a consciência é o produto e a produtora da reflexão; o termo reflexão pode ser considerado num sentido análogo ao do espelho ou da lente; mas, ao nível do espírito, a consciência é muito mais do que um jogo ótico: trata-se do retorno do espírito sobre si mesmo via linguagem; esse retorno permite um pensamento do pensamento capaz de retroagir sobre o pensamento e, em paralelo, possibilita um pensamento de si apto a retroagir sobre si. (MORIN, 2015b, p. 209-210)

É ainda Morin que, no livro autobiográfico *Meus demônios* (1997), explica o que ele aprendeu sobre a importância de um processo constante de aprendizagem:

O que me ensinou minha família? Ensinou-me o mediterrâneo, o gosto pelo azeite, pela berinjela, pelo arroz com feijão branco, pelas almôndegas de cordeiro aromatizadas, pelos salmonetes, pelos folheados de queijo ou de espinafre. O que me ensinou a escola? A escola ensinou-me a França. O que aprendi por mim mesmo? O resto... (MORIN, 1997, p. 13-16).

De maneira lírica, o autor expõe que traçou por conta própria seu percurso intelectual, social e humano de aprendizagem. A vida intelectual, acrescenta Morin, é inseparável da vida de experiência, pois ambas estão em constante movimento, por travessias, desertos e oásis de forma entrecruzada. Nesse sentido, as novas tecnologias provocam também uma nova visão de valores, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Este contínuo movimento é o que motiva o incessante aprender dos seres humanos.

Fato é que houve uma *adaptação* por parte dos profissionais conforme a evolução tecnológica. É importante destacar que em nenhuma das falas dos interlocutores houve

registro de que as tecnologias tenham causado rupturas nas funções desempenhadas. No entanto, elas ocasionaram, de fato, a busca ativa pelo aprendizado devido às inovações transcorridas sem precedentes. Portanto, esse dado evidencia que os funcionários têm um compromisso com o processo educativo, uma vez que se esforçam para aprimorar a própria formação. Assim, a relação de aprendizagem por parte dos funcionários se dá por um processo ativo, já que todo conhecimento de que o indivíduo se apropria implica necessariamente em produzir novos conhecimentos resultantes de suas atividades (MORIN, 2015b, MACHADO, 1995).

O quadro 10, abaixo, mostra trechos dos depoimentos sobre o público que frequenta a biblioteca universitária:

Quadro 10 - “A gente não tem restrições”

“[...] A biblioteca é aberta para o público em geral. Não tem nenhuma restrição quanto ao acesso.”
“[...] A biblioteca é para comunidade acadêmica, mas a gente recebe também muita gente de fora. É uma biblioteca bem inclusiva, então a gente não tem muitas restrições [...]”
“[...] Tem o público daqui, os alunos, professores. Tem o público externo que vem aqui só para pesquisar. A gente vê pessoas mais idosas, mais velhas, que vêm aqui e passam o dia na biblioteca, estudando.”
“[...] São pessoas tanto que estudam aqui na universidade, como fora também. Ex-alunos e pesquisadores, professores. Tem vários tipos de pessoas. E de outros países também [...]”
“[...] Desde os docentes, alunos de graduação e pós, e outros da própria universidade [...]. Além de público externo, porque as ciências humanas é bastante diversificada.” [sic]
“[...] A biblioteca, por ter um acervo bastante reconhecido no Brasil e na América Latina, ela atrai muitos visitantes. [...] A gente tem uma demanda grande e também nos visitam alunos da rede estadual e municipal [...]”

Fonte: o autor, com base nas entrevistas (2020).

A biblioteca universitária pública (Quadro 10) não está restrita apenas aos que mantêm vínculo institucional com a universidade, mas a todo o cidadão que dela necessitar. Pelas falas dos questionados, fica evidente que a biblioteca funciona como um espaço democrático de acesso à informação, que rivaliza, dessa forma, com a exclusão social. O cidadão se torna parte integrante da coletividade acadêmica, de modo que o *eu* somos *nós*

(MORIN, 2012). Assim, essa configuração está estritamente relacionada aos contextos sociais, os quais a biblioteca acompanha ao longo do tempo: da restrição à democratização da informação, da argila aos acervos digitais.

Em uma das visitas ao campo de pesquisa, verifiquei um exemplo da democratização ao presenciar uma das bibliotecárias fazendo um passeio com um grupo de alunos do Ensino Fundamental II. Ao indagá-la sobre a atividade, na ocasião, ela me respondeu: “esses alunos poderão ser nossos futuros universitários e até nossos colegas de trabalho, e virão com outro olhar a respeito da instituição”. Além desse ocorrido, outro fato importante é que uma das bibliotecárias apontou que “a biblioteca universitária mantida pelo Estado poderia até contribuir em Medidas Socioeducativas porque aqui é um espaço democrático de leituras e formação”.

Ainda é surpreendente a manutenção de muitas bibliotecas universitárias públicas que restringem o acesso do público externo. Talvez isso se explique pelo fato de que o cidadão que não possui vínculos com a instituição tenha mais dificuldade para levar um livro emprestado devido a questões burocráticas; mesmo assim, ele poderia perfeitamente fazer suas leituras *in loco*. Embora atender ao público externo não seja o principal foco da biblioteca universitária pública, é preciso ter em mente que ela cumpre um papel importante no processo de democratização do acesso à informação, como no caso das bibliotecas aqui analisadas.

Esse fato também pode ser constatado na fala dos entrevistados, quando estes relatam que recebem cidadãos que vão desde pessoas que não fazem parte da universidade até mesmo pesquisadores estrangeiros.

Edgar Morin, ao pensar na formação e transmissão de conhecimento para o futuro, diz que a educação deveria mostrar o destino plurifacetado do ser humano: “o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis” (Morin, 2000, p. 61). O autor considera esses elementos como fundamentais para uma educação emancipatória por meio de uma consciência comum a todos os seres humanos; a escola, aqui, é a única instituição capaz de despertar essa percepção.

Em linhas gerais, as análises mostram que a biblioteca universitária pública, por receber uma comunidade tão diversificada – alunos, professores, funcionários e população externa, conforme já mencionado – apresenta potencial para ir além de sua missão, que é participar ativamente da tríade ensino, pesquisa e extensão. Ultrapassando esses limites, a

biblioteca passa a desempenhar uma função social, democrática e acolhedora.

A hibridez da biblioteca universitária refletiu-se em nossas entrevistas, e o quadro 11, abaixo, reúne partes dos depoimentos dos entrevistados sobre a diversidade do material que compõe o acervo:

Quadro 11 - “A nossa biblioteca é híbrida”

“[...] impressos e coleções de digitais [...]”
“[...] CDs, DVDs, bases de dados [...]”
“[...] o acervo é muito híbrido. [...] a biblioteca, híbrida.”
“[...] impressos e digitais, e-books, mapoteca, cds, [...] CD, DVD.”
“[...] livros, [...] CDs, DVDs. <i>e-books</i> , Teses e dissertações impressas e digitais, periódicos e plataformas digitais.”
“[...] físico e digital, CDs, tem periódico, livros, jornais. Tem periódicos eletrônicos. A gente tem base de dados [...]”
“[...] impressos e digitais, <i>e-books</i> [...], teses e dissertações, impressas e digitais.”
“[...] dissertações antigas impressas e as digitais. Os periódicos nas duas versões: impressa e digital. [...]”

Fonte: o autor, com base nas entrevistas (2020).

Perguntados sobre o tipo de material que compõe o acervo (Quadro 11) repostas mais recorrentes foram ordenadas a seguir:

1. Livros impressos
2. Periódicos impressos
3. Dissertações e teses
4. Material digital (livros, dissertações, teses e plataformas digitais)
5. CD e DVD
6. Mapas
7. Material visual
8. TCCs

As respostas dos entrevistados demonstraram que a biblioteca universitária conta com um acervo híbrido pela integração dos suportes, tema que já ocupou a atenção de Chartier (2017), que indagava se as bibliotecas resistiriam ao mundo digital. Pelo menos entre meus interlocutores, não percebi qualquer ameaça de desaparecimento dos materiais impressos. Eco e Jean Claude Carrière (2010) se mostram otimistas neste sentido, não acreditando haver motivos para crer que os conteúdos digitais possam vir a substituir os

impressos. O digital não matará o impresso, do mesmo modo que o filme não matou o quadro e nem a televisão matou o cinema. Os autores desejam boas-vindas à leitura por meio da tela.

Dessa mesma percepção, Manguel³⁴, durante a 7ª Bienal do Livro de Campos, em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, ao ser questionado sobre o fim do livro impresso, responde: “Gutenberg criou a imprensa, diziam que ele estava acabando com o manuscrito, mas foi um equívoco. [...] Na grande biblioteca da Inglaterra, o acervo eletrônico sofreu uma pane, e toda memória literária da biblioteca eletrônica se perdeu” (MANGUEL, 2012, n.p.). O autor não imagina uma biblioteca eletrônica, sem livros, apenas com aparato tecnológico, mesmo não sendo contra a tecnologia e seus apetrechos pela capacidade de acesso à informação.

Fato é que as bibliotecas vivem essa força de suportes contraditórios, ocasionando uma hibridização que pode estimular questionamentos entre os indivíduos. Tais dúvidas poderão ser entendidas pela mecanização impressa e digital. Um melhor entendimento desse processo pode partir da premissa de que há duas lógicas, que, embora antagônicas, são concomitantemente complementares. (MORIN, 2011).

Dessa compreensão, pode-se inferir que a realidade do acervo da biblioteca universitária se dá através dessa relação entre os objetos impressos e digitais. Isso também foi demonstrado pelos depoentes, que não acreditam em um acervo somente de modelos tradicionais, tampouco em um que seja totalmente digital. No entanto, os entrevistados veem a relação dialógica como abordagem necessária por um longo caminho a ser trilhado.

Expomos esses dados no Quadro 12, a seguir, que evidencia, através dos relatos dos depoentes, a diversidade de plataformas digitais de pesquisa científica que as bibliotecas possuem:

Quadro 12 - “Das humanidades é a Jstor Arts & Sciences”

“Scopus, Web of Science, [...] a mais usada JSTOR ARTS & SCIENCES.”
“A <i>Web of Science</i> [...] “Metabuscador”, busca integrada.”
“[...] usamos algumas específicas, por exemplo: <i>JSTOR ARTS & SCIENCES</i> .”
“[...]. CAPES, JSTOR ARTS & SCIENCES das áreas de humanidade e tantas outras [...] pela busca integrada.”

³⁴ Documento digital, não paginado. Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=15844. Acesso em: 22 jan. 2020.

“Sim. [...] CAPES, JSTOR ARTS & SCIENCES das ciências humanas. Inclusive, o pessoal da referência treina muito com eles nessa plataforma.”
“[...] CAPES, JSTOR ARTS & SCIENCE, ProQuest.”
“[...] CAPES, Scielo, Web of Science, ProQuest. Mas aqui na nossa área de humanas a gente usa bastante a JSTOR & ARTS & SCIENCES, que é de humanidades.”
“ProQuest. Web of Science. JSTOR ARTS & SCIENCE, CAPES [...].”
“CAPES, Web of Science, JSTOR ARTS E SCIENCES, dentre outras.”

Fonte: o autor, com base nas entrevistas (2020).

As análises demonstraram uma formação de alunos capazes de desempenhar papel positivo na sociedade. Esse fato ficou averiguado quase por unanimidade nos depoimentos que citaram a plataforma *JSTOR ARTS & SCIENCES*³⁵ (Quadro 12), predominantemente das ciências: a base conta com mais de 2000 títulos de periódicos, que abarcam as áreas de humanas e ciências sociais, desde o volume 1, e 15 coleções de artes e ciências.

A importância das bases de dados para as pesquisas advém do fato de que a ciência é interativa, e, por conseguinte, se constrói a partir de resultados de pesquisas anteriores. São nessas bases que ficam hospedadas as descobertas recentes, seja em publicações periódicas, teses, dissertações e outras edições de ordem científica, as quais foram avaliadas por sistema de pares e, por isso, são consideradas fontes confiáveis. Muitas dessas publicações ainda não foram veiculadas no meio impresso. Além de possibilitar vínculos hipertextuais, as versões digitais favorecem as consultas às fontes da fonte, ou seja, às referências citadas no documento de estudo; cabe então ao pesquisador aceitar ou rejeitar os argumentos do texto lido (Chartier, 2017). Podemos inferir que, para as pesquisas, e sobretudo na formação de pesquisadores, esses vínculos são muito importantes na verificação do conteúdo.

O Portal de Periódicos CAPES, criado em 1990, objetiva fortalecer a pós-graduação no Brasil. Ele foi considerado pelos entrevistados como uma ferramenta importante, mas, no decorrer das entrevistas, tornou-se evidente uma certa preocupação com relação a dois fatores: a) até quando o Portal existirá, tendo em vista o desmonte da educação no Brasil, bem como a situação das pesquisas científicas, visto que não há discussão a esse respeito, seja por bibliotecários ou pesquisadores; b) há impedimento pela CAPES de integrar sua busca ao metabuscador de ambas as universidades, o que acarreta prejuízos para o usuário,

³⁵ Nesta dissertação, bases de dados e plataformas digitais têm o mesmo significado, pois reúnem dados de revistas científicas que disponibilizam acesso a artigos, referências, vídeos, entre outros.

já que necessariamente a busca deve ser feita de forma isolada, especificamente em seu portal.

De modo geral, as bases de dados são categorizadas por área do conhecimento, como a *JSTOR ARTS & SCIENCES* – essa base de dados é descrita pelos entrevistados com certo orgulho. Ocorre que ambas as bibliotecas são da área de ciências humanas e sociais; sendo assim, diariamente os profissionais aplicam treinamento para os usuários, já que, nas áreas das humanidades, prevalece o interesse em estudar o homem em uma perspectiva social, cultural e histórica, com uma interpretação mais crítica de forma geral. Por isso, não raro o manejo das plataformas não é dominado pelos que lhe acessam.

Morin (2003a), afirma que, por um lado, a cultura humanística é uma cultura integradora, pois inclui o cidadão como parte do sistema pela via da filosofia, do ensaio, do romance, das artes; é também uma cultura que alimenta a inteligência geral, promove o enfrentar da vida, as interrogações do mundo e provoca o pensar sobre o saber, além de favorecer a integração dos conhecimentos. Por outro lado, a cultura científica, embora revele descobertas geniais pelas suas teorias, é de natureza diferente, porquanto desmembra, divide, fragmenta as áreas do conhecimento e, por consequência, impossibilita a provocação sobre o destino humano, o futuro da própria ciência e as ideias que norteiam comportamentos humanos individuais e coletivos.

Esse autor considera que a crise entre a cultura científica e a cultura das humanidades ocorreu pela dissociação que há entre elas. No entanto, ambas são culturas necessárias, porque a primeira situa-nos no universo e na vida no planeta, enquanto que a segunda nos dá emoções estéticas, acende a vida poética e as comunhões, e nos possibilita o exercício da reflexão por meio da literatura, da história e da filosofia. A importância da mescla entre as duas se dá pelo fato de que o combate aos problemas globais não é pautado apenas pelo racionalismo, mas também pela capacidade de conhecer as realidades fundamentais da humanidade em sua complexidade.

A esse respeito, vale recorrer à emocionante fala de um dos entrevistados, ao se referir aos alunos das humanidades: “o público das humanas é diferente em relação às exatas. Eu trabalhei nas exatas e eles são bem diferentes, não se preocupam com os direitos das pessoas. Parece que eles estão preocupados só ali com o material deles [...]”. Em vista disso, depreende-se que há um envolvimento muito grande por parte dos alunos com a compreensão do ser humano. Em outras falas, também senti que os indagados fazem certa exaltação ao público das humanidades. Como preconiza Morin, ao falar da missão educativa: “onde não há amor, não há mais do que problemas de carreira, de dinheiro para o

docente, e de aborrecimento para aluno. A missão supõe, evidentemente, fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano” (MORIN, 2003b, p. 98-99).

No quadro 13, abaixo, partes das respostas dos entrevistados quando indagados se as plataformas digitais são amigáveis para os usuários:

Quadro 13 - “Nós fornecemos os cursos e eles vão tendo um pouquinho mais de facilidade”

“[...] Nós fornecemos os cursos também. [...] Daí, eles vão tendo um pouquinho mais de facilidade [...].”
“[...] a plataforma que eles usam muito é o Google. Então, cabe a nós fala ‘olha, tem vida além do Google’.”
“[...] devem ter dificuldade, [...] a referência se encarrega de ajudá-los.”
“[...] as plataformas digitais requerem muito [...], eu já me sinto, às vezes, incomodada. [...] Às vezes, quando eu vou fazer uma busca, eu sinto dificuldade. Então eu imagino que para eles também deve ser.”
“[...] a referência ajuda [...]. Porque normalmente o bibliotecário vê a visão dele no programa [...] e fica um pouco sem sentido [...], dificulta a pesquisa. No curso de biblioteconomia se discute sobre fazer uma ferramenta mais fácil para o usuário.”
“[...] essas outras plataformas digitais, mais específicas, eles têm um grau de dificuldade maior. [...] até professor eu já vi com dificuldade para usar. [...] quando começa a participar dos treinamentos, acaba pegando mais fácil [...].”
“É você falar, explicar, eles vão longe. [...] Então precisa sim de explicação. Eu mostro como funciona todas as plataformas, faço isso constantemente.”
“Sim. [...] Elas mudam muito a interface. Na verdade, parece que ela foi, a princípio, feita mais para armazenar conteúdos [...]. Eles precisam de um bibliotecário [...].”

Fonte: o autor, com base nas entrevistas (2020).

Quanto às pesquisas nas plataformas digitais (Quadro 13), as repostas das entrevistas nos revelam que seu uso não parece ser tão familiar, apesar de seu manejo ser imprescindível nas pesquisas acadêmicas. É pelas plataformas que os alunos têm acesso às novas descobertas no mundo das ciências, tendo em vista que as publicações periódicas quase não circulam em formato impresso nos dias atuais. Pelas entrevistas, foi possível inferir que essas plataformas apresentam certa dificuldade de operação, mas que esse

obstáculo se deve pela falta de contato; evidentemente, não é possível que se crie familiaridade com algo com que não temos convívio frequente.

A superação desses obstáculos pode ser atingida com treinamentos oferecidos pelos funcionários da biblioteca. Por outro lado, contata-se que ambas as instituições têm se engajado para tornar mais o acesso a essas plataformas algo mais simples para os alunos. Um dos exemplos dessa iniciativa é a criação de um motor de busca, intitulado de “metabuscador”, por meio do qual o aluno acessa ao conteúdo de todas as bases (exceto CAPES).

Esse metabuscador tem auxiliado muito o processo de formação educacional dos estudantes. Apesar disso, ainda é preciso desenvolver as estratégias de busca, por exemplo: ordem direta ou indireta, palavras-chave no campo adequado, delimitar espaço temporal e espacial, dentre outros. Ainda que os próprios usuários não façam comentários sobre algumas das dificuldades citadas, esse fato é percebido pelos profissionais da biblioteca.

Na tentativa de desenvolver maior autonomia no aprendizado dos alunos, constata-se, pelos depoimentos, que a biblioteca promove treinamento constante para ensinar a pesquisar em vez de entregar-lhes levantamentos bibliográficos acabados: “nosso ensino teima em apresentar aos alunos produtos acabados de investigações processuais e não os convida a nem levá-las em conta, nem aprender a investigar” (ALMEIDA, et al., 2006, p. 19).

Após algumas discussões com professores e dirigentes do IFCH, foi implantada uma disciplina com validade de três créditos para melhorar a habilidade do aluno nas pesquisas. Todo o conteúdo a ser ministrado pelos funcionários da biblioteca está relacionado às disciplinas do curso do aluno, com o intuito de prepará-lo para o mundo da pesquisa científica.

Um fato interessante foi revelado por um dos entrevistados, que é estagiário de Biblioteconomia no IFCH. Na universidade onde ele estuda, se “[...] discute sobre fazer uma ferramenta mais fácil para o usuário [...]”. Isso nos parece uma boa iniciativa.

Fica demonstrado que a dificuldade do aluno ocorre pela falta de convivência com a plataforma, já que a ideia de pesquisa antes de ingressar na instituição está ainda muito atrelada à ferramenta *Google*. Esse tipo de busca é diferente das plataformas digitais, que necessariamente requerem uma técnica para recuperar os materiais desejados. Contudo, se essas plataformas fossem mais amigáveis, o processo da aprendizagem desses alunos poderia se tornar mais simples. Por enquanto, a melhor forma de aprimorar as pesquisas em plataformas digitais é por meio de cursos e treinamento fornecidos pela biblioteca em parceria com professores, levando em consideração a rotatividade dos alunos na instituição.

O Quadro 14, abaixo, nos oferece um panorama da preferência do público por um ou outro formato, a partir da indagação aos entrevistados sobre se existe alguma propensão no uso do acervo impresso e digital pelos alunos:

Quadro 14 - “Os alunos da pós usam mais o digital”

<p>“[...] nas humanidades, os recursos – de papel, que seja – a edição mais antiga, o número um da revista, qualquer que seja são coisas ainda muito importantes para os pesquisadores daqui. Então, ainda são bem valorizados os recursos impressos. [...] porque querem fazer uma série histórica, desde a número um e tal.”</p>
<p>“[...] Eu vejo aquele que prefere ler no impresso e tem aqueles que querem mesmo o online, mas o físico permanece. [...] Os alunos da graduação parecem utilizar ainda mais o impresso do que os da pós-graduação.”</p>
<p>“[...] a carga de leitura que a faculdade impõe nos cursos nossos é uma carga muito forte. [...] Falta o equilíbrio ainda.”</p>
<p>“Eu acho que os alunos mais novos têm mais facilidade com as tecnologias. [...] Eu acho que isso depende muito das gerações. O aluno da pós acaba sendo forçado a usar, pesquisar as fontes, as tecnologias digitais, porque é como as bibliotecas estão assinando. [...] os docentes indicam, ainda, os materiais impressos.”</p>

Fonte: o autor, com base nas entrevistas (2020).

Quanto à leitura em tela (Quadro 14), os depoimentos mostram que há uma inclinação dos alunos de graduação pelos suportes impressos em detrimento dos digitais quando comparados aos alunos dos cursos de pós-graduação.

Ainda aos alunos da graduação, pode-se inferir ainda que os projetos pedagógicos dos cursos trazem, em suas unidades curriculares, o uso do suporte impresso na maioria das vezes, o que necessariamente leva o aluno a fazer suas leituras dessa maneira. O mesmo não ocorre com os alunos da pós-graduação, fato constatado em algumas passagens das entrevistas, por exemplo: “[o aluno da pós] usa mais digital pela necessidade de pesquisar em bases [...]”. Podemos depreender que essa demanda ocorre de maneira forçosa pela exigência dos cursos stricto sensu, já que seu objetivo principal é produzir ciência – e isso leva os alunos a buscarem o que há de mais recente sobre determinado assunto. Assim se justifica a maior busca nos meios digitais, por exemplo, nas plataformas em que há muitos materiais que ainda não foram publicados no formato impresso.

Outro ponto que nos surpreendeu bastante foi a seguinte fala de um entrevistado: “[...] Eles terão que mudar, porque periódico quase não tem mais impresso”. Pelo contexto, parece que há uma insistência do aluno pelo uso do suporte impresso a ponto de causar certo desconforto no entrevistado. Por outro lado, outro entrevistado apresentou uma fala orgulhosa ao dizer que “[...] nas humanidades, os recursos – de papel, que seja – a edição mais antiga, o número um da revista, qualquer que seja são coisas ainda muito importantes para os pesquisadores daqui [...]”. Embora essas falas nos surpreendam, não é possível inferir que as humanidades valorizam tanto os suportes tradicionais. Fato é que a leitura impressa, quando substituída pela leitura na tela do computador, implica necessariamente uma transformação da relação do leitor com o texto escrito (Chartier, 1998).

Podemos perceber, assim, que, dentro da área da educação, dois cenários convivem: há o cenário tradicional e o cenário digital, que, apesar de ser muito jovem, já é amplamente aceito. A considerar pelas falas dos entrevistados, os dois cenários estão, de fato, se complementando, o que nos leva a acreditar que os formatos digitais podem melhorar o acesso à informação, que, por sua vez, poderá construir o conhecimento.

Destoando das abundantes informações já expostas sobre o comportamento do público discente na biblioteca — o qual se espera que seja da chamada “nova geração” —, o quadro 15, a seguir, nos proporciona uma maior dimensão no que tange ao uso do acervo especificamente pelos docentes, que se espera que sejam aqueles situados na faixa etária oposta:

Quadro 15 - “Os professores com mais idade se rendem ao digital pelas facilidades”

“[...] A preferência é o papel mesmo [...]”
“[...] Na época que só tinha o papel, ele tinha que fazer uma outra coisa, tirar uma foto. [...] Aqui, eu percebo que os docentes usam muito a biblioteca. [...] com relação à faixa etária, com mais idade, sim, eles vão mais atrás do livro impresso. [...] até a forma de leitura, às vezes, cansa mais nas tecnologias. [...] tem um docente que a gente já tem o livro eletrônico, ele quer que a gente compre o livro impresso [...]”.
“[...] por exemplo: se ele for 20 anos mais velho que eu, ele acaba usando digital, talvez não por familiaridade, mas ele se rende [...]. Acho que o digital facilita muito a vida deles para apresentar um trabalho, preparar aula”.
“Eu vejo a Júlia junto com eles pegando materiais impressos. Agora, eu não sei como o

pessoal da referência busca, mas vejo pegando pilhas e pilhas de livros e colocando na mesa dos professores. A preferência é o papel mesmo”.

“Eu vejo que tem muito professor bem antigo de casa, que eles estão sempre sentados, fazendo pesquisas com livros e tudo, os mais velhos. E os mais novos, eu percebo que eles já indicam *e-books*, estão um pouquinho mais antenados. Depende da faixa etária do professor.”

Fonte: o autor, com base nas entrevistas (2020).

Os depoimentos nos revelaram (Quadro 15) que os professores com mais idade têm certa resistência ao uso dos formatos digitais. Apesar disso, pelo contexto, não parece existir uma relutância tão veemente por parte deles, porque os materiais digitais trazem consigo uma série de facilidades na preparação de aulas, em apresentações ou para indicar as referências que serão temas de aulas futuras, por exemplo. Segundo Chartier (2017), na História da humanidade, nada se compara à transformação tecnológica atual, pois ela alterou os textos em nível estrutural. Essa adaptação será um processo mais lento não apenas para professores, mas para toda a comunidade.

Conquanto os professores mais jovens já indiquem para os alunos a leitura de *e-books*, como também indicam sua compra para a biblioteca, isso ainda ocorre de maneira bem moderada, como informa este trecho: “[...].E os mais novos, eu percebo que eles já indicam *e-books*, estão um pouquinho mais antenados [...]”.

É notável, nas falas dos entrevistados, que as tecnologias facilitam a vida dos professores. A esse respeito, uma das depoentes nos informou que, certo dia, um professor estava em um congresso fora do Brasil; poucos minutos antes de apresentar seu trabalho, precisava de um artigo científico. Após entrar em contato com a biblioteca, o professor prontamente recebeu o material desejado. Morin e Delgado Díaz (2016a) explica que os procedimentos de trabalho, assim como os processos produtivos sofrem transformações, já que a *hipertecnologia* ou *metatecnologia* nos desloca para a periferia. Por esse motivo, a tecnologia passou a ser o centro do desenvolvimento de nossas atividades educacionais.

Ainda que exista um receio aos novos suportes de leitura e escrita, seu uso acaba acontecendo pela conveniência, o que resulta na aceitação por parte dos indivíduos outrora relutantes. Isso reforça a ideia de que os processos educativos se tornam mais eficientes ao utilizar as tecnologias digitais. No caso dos professores com mais idade, esse é um processo de reaprendizagem nos processos educacionais.

Como podemos depreender, existe uma relação intrínseca entre idade e formas de se relacionar com a tecnologia, no entanto a expertise a que tendem os jovens frente aos equipamentos não se dá espontaneamente, isto é, o jovem não necessariamente é um *expert* em todos os aspectos da tecnologia. Assim, o quadro 16 compila os depoimentos dos entrevistados sobre as possíveis dificuldades dos alunos em manusear o computador:

Quadro 16 - “Uma coisa é diferente da outra”

“[...] a gente tem que ajudar a usar o computador e a usar a base de dados digitais. [...] Também não tem uma relação de saber usar um aparelho e saber pesquisar nas plataformas. [...]”.
“[...] dificuldade de eles mexerem com equipamento, assim, de informática em geral, não temos isso aqui. a busca eles não sabem [...]”.
“[...] a gente percebe é assim [...] a gente teve com alunos de graduação, que fizeram com a gente estágio [...] no último ano da graduação e não sabiam usar as bases para fazer busca adequadamente [...]. Uma coisa é diferente da outra. Eu acho que eles ficam ainda perdidos [...]”.
“[...] Eles não têm dificuldade não. Não têm nenhuma. A não ser assim, se ele desconhecer que existe determinado material lá na biblioteca. Aí não tem como... mas no geral eles têm facilidade sim. Eles sabem manusear as plataformas, é só ensinar.”

Fonte: do autor, com base nas entrevistas (2020).

As questões levantadas (Quadro 16) tiveram como objetivo entender se o aluno tem dificuldade de manejo do aparato tecnológico (por exemplo, o computador), bem como avaliar as dificuldades em fazer pesquisas nas plataformas digitais. No contexto apresentado pela grande maioria dos entrevistados, o aluno apresenta domínio do aparato; contudo, em relação às pesquisas em plataformas digitais, embora conheça os aparatos tecnológicos, esse usuário não consegue fazer a busca de maneira correta.

Essa constatação nos chega como um fato um tanto surpreendente, tendo em vista a relação que os jovens têm hoje com a tecnologia. Isso também se explica pela subutilização das plataformas. Por se tratar de um aluno de graduação, provavelmente as disciplinas pelas quais passam exigiam pouco uso de materiais digitais. Além disso, as plataformas se apresentam com interfaces diversas, causando dificuldades até para funcionários da biblioteca. Ainda assim, fica claro que o domínio dos apetrechos tecnológicos poderá ajudar o

aluno a ter maior desempenho nas pesquisas, contribuindo, portanto, para sua formação universitária.

Dessa forma, entende-se que o estudante domina as tecnologias, mas apresenta dificuldade de pesquisar a partir delas pela falta de convivência com suas plataformas disponíveis. É uma necessidade latente que professores e bibliotecas formem parcerias para que os alunos utilizem também as fontes digitais, uma vez que estas poderão criar novas habilidades de leitura e pesquisa. Assim, cria-se um novo cenário de possibilidades educacionais com relação às plataformas digitais.

O quadro 17, a seguir, demonstra o comportamento dos alunos face ao acesso virtual e físico, a partir dos depoimentos dos entrevistados:

Quadro 17 - “O digital é uma segunda opção”

“É. Depende da necessidade, eles querem impresso para levar, mas se tiver emprestado, a gente já oferece o digital e eles não rejeitam [...]”.
“Eu acho que eles ainda preferem físico, porém o digital, ao meu ver, seria outra opção. De modo geral, acho isso.”
“Se eles não têm o físico, dependendo do lugar que eles estejam, usam o digital, no geral, vejo isso. [...]”.
“[...]Então, os alunos eles querem acesso ao acervo físico, aqui são muito valorizados nossos impressos [...]”
“[...]Eles usam muitos livros físicos. [...] Da mesma forma seguem os docentes, porque o digital complementa o impresso.”

Fonte: o autor, com base nas entrevistas (2020).

As respostas apresentadas (Quadro 17) sobre o comportamento dos alunos das duas instituições em relação ao acesso físico e digital nos mostraram que o uso de determinado meio está relacionado às necessidades momentâneas; ou seja, se a versão impressa não estiver disponível, o aluno aceita a digital – que permanece, portanto, como uma opção secundária para esses alunos.

A respeito dos textos atuais, Chartier busca explicação na invenção da imprensa por Gutenberg. Apesar do avanço nas formas dos textos que essa descoberta trouxe, as suas estruturas não foram modificadas; eram “cadernos, folhetos e páginas, reunidos em um mesmo objeto”. (CHARTIER, 2017, p. 8). A renovação digital, por sua vez, desfez o vínculo consolidado entre textos e objetos, discursos e materialidade. Isso obrigatoriamente determina

uma correção profunda dos movimentos e dos fundamentos associados ao processo de escrita e de leitura. Tais mudanças são inéditas na História da humanidade, o que nos leva a inferir que ainda há um significativo percurso para a adaptação dos indivíduos às tecnologias digitais como formas de leitura.

Fato é que existe uma cultura pelo impresso, sobretudo se o usuário precisa ler o livro na íntegra. Já para uma leitura pontual, o aluno opta pela versão digital, conforme notado pela fala dos entrevistados.

Apesar da tentativa dos textos digitais em buscar acomodar alguma novidade “com palavras familiares, os fragmentos de textos que aparecem no monitor não são páginas, mas composições singulares e efêmeras” (CHARTIER, 2017, p. 9). Chartier considera que a leitura pelo monitor é descontínua, segmentada, mais ligada ao fragmento do que à totalidade. Assim, o pensamento do autor confirma o que os respondentes nos disseram; a leitura digital é mais pontual e nos dá a entender que está em outro plano – não de rejeição, mas de adaptação.

No bojo dessa questão que podemos pontuar como polarizada, nossa pesquisa semiestrutura buscou entender para que lado pende o perfil dos alunos: se para o impresso ou o para digital. Assim, expomos no quadro 18, abaixo, as respostas obtidas com os entrevistados:

Quadro 18 - “Aqui não poderia ser uma biblioteca digital”

“[...] o periódico. [...] são bastante usados e estão impressos e temos também a versão digital. A gente não empresta o periódico impresso, eles levam para xerocar. Por quê? Se tem o digital!? Vejo também eles levando até livro, para xerocar, aí a gente fala: mas tem o <i>online</i> , tem o digital. Ah, não. [...]” [sic].
“[...] Então, mas sempre estou falando que assim: uma das grandes coisas valorizadas justamente é o acervo no papel. [...] Aqui não poderia ser uma biblioteca virtual, [...]”.
“o aluno da FFLCH tem um perfil, é diferente dos demais, mas isso vai se moldando durante o curso, [...] ligado ao professor, pelo estímulo recebido.”
“[...] questão de possibilidade mesmo [...]. Se estiver em sua casa, ele vai, talvez, pegar alguma coisa digital, porque não tem acesso ao impresso. Mas se ele estiver aqui na biblioteca, vem aqui pegar o livro. Uma questão de logística.”
“[...] Na verdade, a gente tem impresso e, às vezes, eles falam: “Por que não compra a nova edição impressa?”.

Fonte: do autor, com base nas entrevistas (2020).

As análises (Quadro 18) indicam que o perfil dos alunos está mais propenso à cultura dos impressos. Mesmo sabendo que existe uma versão em formato digital, o aluno quer retirar a versão física para xerocar. Nesse caso, seria mais fácil para ele imprimir diretamente da plataforma.

É interessante que um dos entrevistados tenha colocado que, se a plataforma traz novidades, ela também estimula o aluno a acessar. Isso é verificado pelo levantamento de acesso: para esses usuários, se não estiver claro que se trata de uma novidade, há maior propensão aos modos tradicionais. Depreende-se, portanto, que é necessário o estímulo, embora uma das depoentes admita que o perfil do aluno é diferente dos demais da universidade. Em relação a estes, vale considerar que a questão de uso do acervo está diretamente ligada ao professor: o estudante consulta a fonte que o docente indicar, ou seja, o papel do professor é primordial no acesso às fontes de leitura, sejam elas impressas ou digitais.

Entender essa textualidade eletrônica de leitura como prática social, talvez, seja o mais impactante neste momento. Desde os primórdios, na Grécia Antiga, a prática de leitura passou da oralidade à leitura silenciosa. Na atualidade, essa nova leitura percorre os mais variados suportes advindos das tecnologias digitais, que alteram não somente o ato de ler, mas também a circulação da informação nos meios digitais (CHARTIER, 1998).

Fato é que estamos no momento em que os dois suportes se complementam. Talvez pela diferença entre ambos, haja certa resistência aos novos modelos, como coloca Chartier (2004) ao afirmar que há diferença marcante entre os textos impressos e digitais. Por exemplo: uma revista é diferente do jornal, um documento oficial não é uma carta e o computador não o diferencia. No computador, é possível ler desde um clássico de ficção a uma publicação científica. Podem não ser leituras fundamentais e enriquecedoras, mas são leituras que independem do suporte textual.

Acreditamos que boa parte do público leitor/pesquisador carece de orientações sobre as possibilidades oferecidas pela biblioteca. Desse modo, indagamos aos entrevistados se é oferecido algum treinamento para os usuários acessarem todas as tecnologias. No quadro 19, subsequente, alguns trechos relevantes:

Quadro 19 - “Sem parceria com professores e alunos a coisa não funciona bem”

“[...] A biblioteca oferece diversos treinamentos para os usuários. Para bases de dados, para o próprio catálogo, [...] demanda ou individual e professores também agendam conosco, por

exemplo: o EndNote ³⁶ , [...] quando está finalizando o trabalho o sistema não ajuda mais.”
“[...] no começo do ano, [...] visitas guiadas: um <i>tour</i> pela biblioteca. E mostramos [...] site, os serviços [...], noções básicas de pesquisa dos nossos catálogos, [...] as bases de dados, as fontes de informações.”
“Sim, catálogos da USP, das bases [...] demandado por docentes que querem que a gente explique determinada base ou determinada ferramenta para um grupo específico [...] sem parceria com professores e alunos, a coisa não funciona bem.” [sic]
“Sim, [...] desde que eles entram na universidade. A gente ensina a usar acervo, impresso e digital. [...] Já iniciam a primeira aula tendo treinamento para usar todos os serviços da biblioteca.”
“Sim. [...] a gente faz um agendamento com um número de público. [...] e constantemente temos pessoas para participar. A gente tem geralmente duas pessoas que ficam na manhã e tarde e tarde e noite.[...] para dar esse treinamento.”
“Sim. Oferecemos diversos treinamentos: [...]. Dou treinamento dos catálogos e das plataformas.”
“Sim, mesmo a gente trabalhando no processo técnico, quando necessário, a gente ajuda nos treinamentos, porque você precisa estar habilitado para tanto.”
“Sim, a gente tem tomado algumas frentes. [...] todo ano, a gente tem a calourada. [...] Quando começa o ano, a gente entra em contato com os docentes de cada curso de graduação, com o seu coordenador. E o coordenador indica os alunos deles [...] o docente ou monitores das disciplinas traz a turma. Então, a gente faz o acolhimento deles. Hoje a gente vai receber os alunos de Filosofia [...].”

Fonte: do autor, com base nas entrevistas (2020).

A formação de usuários em bibliotecas (Quadro 19) é uma ação intencional no processo educativo e visa transformar o usuário apto a pesquisar e analisar a informação que utilizará, tanto na construção do conhecimento para si, como para a sociedade. Morin (2015c) enfatiza que o processo educacional se destaca por razões que justifiquem o existir da escola pelas práticas pedagógicas.

³⁶ EndNote é um software gerenciador de bibliografias para publicação de artigos científicos. Importa referências bibliográficas da Web, organiza-as em grupos de assuntos e insere as referências no corpo do texto, quando editado por processador Microsoft Office ou OpenOffice.

Nesse sentido, a biblioteca poderá contribuir, por meio de suas ações, na formação dos alunos, como diz o entrevistado: “[...] desde que eles entram na universidade. A gente ensina a usar acervo, impresso e digital, [...] Já iniciam a primeira aula tendo treinamento para usar todos os serviços da biblioteca”. Dessa forma, a importância da formação dos usuários é não apenas a de aprender a buscar as informações, mas também de analisá-las por meio de uma postura crítica das fontes que estão sendo utilizadas.

Portanto, essa intencionalidade na formação dos estudantes é de “saber se distanciar, saber se objetivar, saber se aceitar, saber meditar e refletir (MORIN, 2015c, p. 39). Morin destaca a reflexão de Rousseau, que, preocupado com a educação do seu filho, Emílio, esperava que a escola lhe ensinasse a aprender a viver, ou seja, uma educação com autonomia e liberdade. que preparasse Emílio para a vida.

Nessa trilha, pelas falas dos indagados, as bibliotecas têm demonstrado ações importantes, como se observa na fala destacada:

[...] a gente tem tomado algumas frentes. [...] todo ano, a gente tem a calourada. [...] Quando começa o ano, a gente entra em contato com os docentes de cada curso de graduação, com o seu coordenador. E o coordenador indica os alunos deles [...] o docente ou monitores das disciplinas traz a turma. Então, a gente faz o acolhimento deles. Hoje a gente vai receber os alunos de Filosofia.[...].

São ações dessa natureza que visam tornar os usuários autônomos nas pesquisas. Os objetivos dessas medidas vão desde (e sobretudo) o discernimento das autoridades das fontes utilizadas por eles até englobar propostas educacionais importantes, por exemplo, a ministração de cursos voltados para pesquisas científicas articulados com as disciplinas pelas quais os estudantes passam no decorrer do curso, trazendo, assim, maior autonomia para os alunos.

Por fim, cientes da importância de que se assegurar boa preparação aos educadores, questionamos os entrevistados se eles recebem treinamentos, e dispomos os principais trechos colhidos no quadro 20, abaixo:

Quadro 20 - “sempre recebemos treinamento para treinar os alunos”

“No passado, já teve muitos treinamentos pelo Sistema de Bibliotecas [...]. [...] ainda tem alguns, mas de base externa, com os representantes comerciais. O que a gente não sabe, a gente tem que ir atrás.”
Sim. Sempre recebemos treinamentos para treinar os alunos [...].”
“Sim. Toda equipe da biblioteca recebe treinamento [...]. Vem gente de fora para nos treinar

em todas as bases digitais e poder nos preparar para treinar os alunos. [...]”
“Sim. [...] muitas capacitações. Fica a critério de a gente querer participar ou não.”
“Sim, [...] tem os treinamentos, [...] que treinam o pessoal de todas as bibliotecas, para repassar isso para os usuários.”
“Sim. [...] capacitação dos funcionários chamado de Fóruns Permanentes. Sempre tem treinamento para o pessoal das bibliotecas [...]”.
“Nós somos preparadas para dar treinamento. Inclusive hoje eu estava lá recebendo treinamento. [...] treinamento constante pelo Sistema de Bibliotecas [...]. Recebemos treinamento para passar para nossos usuários.”

Fonte: o autor, com base nas entrevistas (2020).

As atividades profissionais dos bibliotecários na universidade têm como um dos objetivos dar condições para que a instituição cumpra o seu papel na tríade ensino, pesquisa e extensão, por meio da mediação da informação como papel social. Nessa perspectiva, os profissionais devem continuamente se educar em busca das melhores práticas para o exercício da profissão, uma vez que a necessidade de informação é o propósito de sua existência nas organizações. (Quadro 20).

Sob o profissional da biblioteca recaem outros atributos, como a compra, a seleção, organização, tratamento e divulgação da informação, independentemente do suporte. É previsto também que esse funcionário explore possibilidades de suporte à comunidade acadêmica para auxiliar na busca de um novo conceito de educação para o futuro. Pelas entrevistas, podemos depreender esses esforços profissionais, como vemos nesta fala: “[...] Toda equipe da biblioteca recebe treinamento [...]. Vem gente de fora para nos treinar em todas as bases digitais e poder nos preparar para treinar os alunos. [...]”.

Nesse caminho, portanto, é necessário perseguir os quatro pilares da educação recomendados pela Unesco que versam sobre o novo conceito de educação, sobre o qual Morin faz as seguintes colocações: aprender a conhecer, aprender a viver juntos, aprender a fazer e aprender a ser (MORIN, 2003a). Portanto, esses fundamentos nos levam à busca constante de formação, enquanto seres humanos incompletos e inacabados.

A cada momento surge uma nova ferramenta. A esse respeito, a entrevista cita “[...] o Turnitin, que é verificação de plágio. O docente precisa fazer isso para rodar a tese do aluno. [...] Hoje mesmo a Neiva e a Júlia foram ter reforço sobre ORCID, que é aquele de registro, que agora é praticamente obrigatório”. Entende-se que esses profissionais interagem com a comunidade acadêmica na busca de uma educação que possa enfrentar os desafios da vida em

sociedade. Consequentemente, uma formação contínua e atualizada, que busque sempre se renovar, pode ser uma das alternativas encontradas por esses funcionários para aprimorar suas condições de vida.

5.1.1 Uma reflexão no processo de formação do aluno

A formação educativa do aluno é um compromisso de todos aqueles que exercem atividades educacionais no processo de formação do educando. Ao fazer referência aos treinamentos que a biblioteca oferece nas plataformas digitais, a título de exemplo, vale retomar o que diz o entrevistado “[...]. A gente tem tomado algumas frentes [...]” o depoente sentiu que, quando a equipe da biblioteca toma a iniciativa de contatar professores e coordenadores, os resultados são melhores, inclusive na adesão dos alunos. Desse contexto, entende-se que é necessário religar, conhecer e compreender as necessidades do educando como elemento fundamental e, a partir daí, ressignificar o papel da biblioteca nas ações educativas.

No cenário atual, em que o desenvolvimento científico e tecnológico do século XXI, herdado do século XX, traz grandes oportunidades ao permitir, promover e apoiar estratégias capazes de problematizar e propiciar ideias indispensáveis na geração de oportunidades para as ações educativas (MORIN, 2003b). Nesse contexto, a biblioteca é elemento vital para o processo educativo, pois, por meio da leitura, é possível aperfeiçoar o vocabulário e o raciocínio, além de construir novos conhecimentos, usando as tecnologias como complementadora e não como substituta das práticas educativas pelos educadores.

Para tanto, é fundamental o engajamento de todos por meio de ações, reflexões, debates e diálogos, já que as tecnologias favorecem um ambiente interativo e dinâmico à medida que o aluno for estimulado a participar ativamente, não como mero receptor de conteúdo digital que navega na internet, entretanto, com capacidade de checagem da informação utilizada.

Vale reaver uma passagem em que o entrevistado diz: “[...] a tecnologia deveria [...] dar espaço para a gente ser mais crítico, mais reflexivo, mais político para assumir um papel diferente na sociedade, do que a gente assume. [...]”. Esse trecho lembra os estudos desenvolvidos pelo humanista francês Jean-Michel Besnier³⁷, da Universidade de Sorbone. Para esse autor, as tecnologias são desenvolvidas para nos ajudar, mas elas acabam deixando-

³⁷ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564874-a-inteligencia-artificial-nos-obriga-a-nos-comportarmos-como-maquinas-entrevista-com-jean-michel-besnier>. Acesso em: 20 fev. 2020.

nos cada vez menos livres para pensar. Ora, se essa modernidade é vista como fé absoluta no progresso, na tecnologia, na ciência, no desenvolvimento econômico, então ela está morta. Portanto, há necessidade de decrescer em alguns casos e fazer crescer em outros, ou seja, é necessário mudar alguns aspectos, mas não deixando de utilizar a tecnologia, e sim a aprimorando, para que seja usada de forma adequada a cada situação e conivente a todos. (MORIN, 2000).

Felizmente, hoje, existem correntes da educação cientes da importância de trabalhar modernidade e pensamento crítico como coisas extrínsecas. Assim, lembramos Paulo Blikstein³⁸, especialista em educação e professor da *Stanford Graduate School of Education*, que defende que as tecnologias são incapazes de dar o conteúdo certo para cada aluno e de substituir o protagonismo do professor. Do mesmo modo, para ele, as plataformas digitais que exigem autodidatismo do aluno não são eficazes; por exemplo, a *School of One*, escola de Nova York focada em ensino digital individual, não deu certo. Portanto, é indispensável a ação humana no processo educativo, como tal, não seja descontínuo, mas continuado no decorrer do trajeto da história humana, que não se dá isoladamente, porém pelo compartilhamento de ideias, diálogos e debates entre todos os envolvidos no processo de ensino.

³⁸ Disponível em: da *School of One*, escola de Nova York focada em ensino digital individual, que não deu certo. Acesso em: 20 fev. 2020.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O roteiro construído nesta pesquisa foi movido por interrogações e preocupações, percorrido por um caminhante acompanhado de acertos e de equívocos. Muitas vezes, são os resultados negativos que fomentam a esperança que nos impele, como seres humanos, a pensar e tentar encontrar soluções para as questões que permeiam nossa trajetória.

Previamente, busquei sedimentar o embasamento teórico a partir do conceito de *pensamento complexo* cunhado por Edgar Morin, bem como as teorias de Alberto Manguel, Roger Chartier e Nilson José Machado, a fim de que se projetassem as principais ideias já estabelecidas, ao passo que outras novas concepções foram emergindo durante a pesquisa. Por outro, a interação com o campo de pesquisa foi essencial para a concretização deste estudo; em campo, encontrei pessoas comprometidas com o ensino, a pesquisa e a extensão, culminando em uma experiência enriquecedora para a reflexão sobre o processo educacional no contexto brasileiro.

Por esses motivos, considero que a pesquisa ultrapassa os limites dos caminhos previamente traçados, que eram: 1) averiguar, por meio da percepção do profissional da biblioteca, o comportamento do usuário em relação ao uso do acervo nos vários formatos; 2) verificar dificuldades de manuseio das plataformas digitais; 3) identificar preferências por categorias de usuários quanto ao acervo impresso ou digital; e 4) conhecer a mediação do profissional da biblioteca no auxílio ao usuário para a utilização dos acervos. A partir daí, é possível sintetizar os resultados fazendo uma conexão com os objetivos estipulados.

O comportamento do usuário entre os formatos impresso e digital inclinam-se para o suporte de informação impressa, mesmo que as investigações tenham demonstrado que não há propriamente uma rejeição ao digital por parte dos acadêmicos. A leitura em tela, apesar de ser um método recente, é aceita como uma prática pontual, ao mesmo tempo em que se complementam os formatos impressos. O meio digital também traz consigo muitas facilidades de uso, por exemplo, a simultaneidade do acesso, a logística e o maior alcance entres os usuários.

Por um lado, os alunos de graduação fazem mais uso da informação impressa; esse fato se deve principalmente às unidades curriculares, que, em sua maioria, demandam bibliografias em formatos tradicionais (o que, por sua vez, pode ser explicado pela ainda baixa representatividade do livro digital).. Por outro lado, os discentes de pós-graduação fazem um uso maior dos formatos digitais, já que muitos materiais de pesquisas – principalmente periódicos, teses e dissertações – não estão disponíveis em formato impresso.

Esses materiais trazem consigo o que há de mais recente nas pesquisas científicas, o que faz com que esses discentes inevitavelmente busquem as plataformas digitais para atualizarem seu conhecimento nas respectivas áreas de atuação.

No tocante aos docentes com mais idade, há nitidamente maior propensão à utilização de suportes impressos. De todo modo, também pelas facilidades que a leitura em tela traz, eles acabam se rendendo a ela, principalmente pela agilidade ao preparar uma aula ou fazer uma apresentação. Por sua vez, os docentes mais jovens têm uma adesão um pouco maior à tecnologia, ao ponto de indicarem *e-books* aos alunos e até mesmo sugerirem livros digitais para a biblioteca comprar. Vale ressaltar, aqui, que essa aderência também se relaciona às facilidades de uso e ao alcance da obra.

É sabido que as plataformas digitais apresentam certa complexidade em relação ao manejo, mas é bom frisar que isso ocorre em grande parte porque os alunos de graduação chegam à universidade com uma restrita experiência de busca pela ferramenta *Google*. Esse é um tipo de pesquisa bem diferente do que demandam as interfaces das bases de dados. O lado positivo é que a maioria dos usuários já tem vivência no manuseio dos aparatos tecnológicos em geral, o que ajuda muito nas pesquisas. Nesse sentido, ainda que não sejam observadas as mesmas habilidades para pesquisas nas plataformas digitais das bibliotecas, a familiaridade com o instrumento (computadores, celulares, *tablets* etc.) facilita a capacitação técnica dos estudantes para operar nos buscadores disponíveis.

Apesar de esses usuários serem nitidamente conectados ao mundo digital, há uma necessidade imediata de que eles desenvolvam destreza na pesquisa e no acesso à informação. Assim, a parceria entre docentes e biblioteca emerge como uma força para tornar o processo educativo mais fluido na medida em que estimula, nos alunos, o ato de ler, pesquisar, analisar, bem como consultar as fontes das fontes, já que os vínculos hipertextuais permitem a investigação imediata dos originais citados em determinada obra. Conforme explicado por Chartier (2002) e já abordado neste trabalho, uma das grandes inovações possibilitadas pelo meio digital são os vínculos dos textos eletrônicos, que podem ser usados na prática pedagógica como ferramenta educativa e eficaz na verificação de textos lidos.

É de bom grado constar que os funcionários das bibliotecas veem as tecnologias digitais como aliadas na realização das atividades propostas, mesmo que esses profissionais tenham de buscar aprendizado constante (já que as tecnologias sempre se renovam). Isso aporta um compromisso com as práticas educativas permeadas pelas tecnologias, de tal forma que os funcionários não mais se veem exercendo seu ofício em uma biblioteca com suportes somente tradicionais; eles tampouco concebem um ambiente totalmente digital, mas sim um

espaço que, daqui para frente, se configura a partir dessa relação dialógica de complementariedade entre os suportes.

Nota-se que há uma propensão também do público pela cultura impressa. Isso demonstra o que disse há quase três décadas Roger Chartier (1994) ao se referir à revolução digital que rompe as estruturas dos textos que chegam até o leitor. O autor compara essa inovação à invenção da prensa por Gutenberg: na época, o instrumento modificou os manuscritos, mas o livro continuou sendo seu herdeiro. Os textos concebidos virtualmente, entretanto, prescindem do suporte físico até então utilizado, o que altera a estruturação das obras desde a escrita até a recepção. É natural, portanto, que ainda haja uma forte adesão por parte dos usuários das bibliotecas pelo formato impresso, seja pelo livro ou por outros materiais para estudos e pesquisas.

No mesmo sentido, percebe-se que há, em ambas instituições que analisei, uma forte cultura de preservação desde o primeiro número de determinada revista científica. Mesmo que toda a coleção esteja em formato digital, para os pesquisadores dessas instituições, não é cabível o desfazimento das edições. Esse fato me surpreendeu bastante, e observo-o a partir da ótica de Morin (2003a, 2012), para quem a universidade é o local apropriado para preservar, regenerar a cultura, sendo esta, por sua vez, formada pelo conjunto de hábitos de uma sociedade.

De maneira geral, ainda necessitamos de ações educativas e mais parceria, como bem colocou o entrevistado: “[...] As dúvidas são constantes, quero saber sobre isso e aquilo e sem parceria com professores e alunos, a coisa não funciona bem. Por melhor que seja o bibliotecário, não vai funcionar sem parceria para realização de treinamento”. Outras falas também revelaram a mesma necessidade. O depoente, por exemplo, aponta o seguinte: “então, o que a gente viu que dá mais resultado? Quando começa o ano, a gente entra em contato com os docentes de cada curso de graduação, com o seu coordenador [...]”. Essas ações ocupam um papel fundamental na formação e no processo de aprendizagem dos alunos; a partir dessa interação, os profissionais envolvidos (tanto os bibliotecários, quanto os próprios docentes) podem preparar melhor o estudante para a pesquisa científica e, dessa forma, contribuir para a sociedade em geral. Esta é, destarte, a finalidade da universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão, que necessita do aluno para ser concretizada.

A biblioteca, por sua vez, para realizar sua função no processo educativo deverá ter como pilar a comunidade acadêmica ou qualquer cidadão que dela necessite, para isso, terá que atuar como organismo vivo para articular, compreender, empreender e dar autonomia aos

seus usuários. Portanto, a medula espinhal da biblioteca universitária é o desenvolvimento intelectual do ser humano.

Pelas reflexões apresentadas neste estudo, principalmente a partir das entrevistas com funcionários das bibliotecas, vislumbramos que há um empenho para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, o que é fundamental para a manutenção da aquisição de conhecimento. Sentimos que ainda há a necessidade de se estabelecerem mais parcerias entre bibliotecas e docentes para alcançar melhores resultados em nível de formação educacional, principalmente no cenário atual, em que a informação circula virtualmente e em uma escala jamais vista. Assim, a importância da biblioteca se verifica na medida em que sua atuação é a de servir como fonte confiável e profícua de pesquisa para a comunidade acadêmica. Consequentemente, para que haja avanço científico, tecnológico e cultural, é necessário também promover habilidades no discente em prol de maior autonomia na realização de pesquisa científica.

Por fim, sinto que os caminhos que percorri não se encerram neste momento. A pesquisa como procedimento de construção de conhecimento tem por premissa a própria capacidade de (re)construir novos conhecimentos ou de decliná-los. Por isso, a pesquisa se constitui como aprendizagem tanto para aqueles que a praticam, quanto para a sociedade em geral. Nas palavras de Edgar Morin, “o conhecimento evolui, transforma-se, progride, regride” (MORIN, 2011, p. 32). Com base nas palavras desse autor, este trabalho apresenta sua contribuição para o meio acadêmico com a esperança de que o conteúdo aqui estudado gere frutos para muito além das direções já previstas, cumprindo seu papel na formação de um conhecimento vivo, dinâmico, em constante mudança – como é comum no seu tempo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel Cristina; DIAS, Elaine; QUEIRÓZ, José J.; LORIERI, Marcos A. Pensamento complexo os caminhos da educação. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (Org.). **Estudo de complexidade**. São Paulo: Xamã, 2006. p. 9 – 21.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CAMPBELL, James W. P.; PRYCE, Will. **A biblioteca: uma história mundial**. São Paulo: SESC, 2016.
- CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002a.
- _____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.
- _____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2003.
- _____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte, Autentica, 2009.
- _____. Os livros resistirão às tecnologias digitais. **Revista Nova Escola**. São Paulo, 2007.
- _____. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002b.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Brinquet de Lemos, 2008.
- ECO, Humberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não conte com o fim do livro**. São Paulo: Record, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FONSECA, Edson Nery. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Brinquet de Lemos, 2007.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GOMES, Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Pioneira, 1983.

JESUS, Denise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca do futuro: um olhar em direção ao passado. **Inf. Inf., Londrina**, v. 24, n. 1, p. 01 – 31, jan./abr. 2019.

_____. Produtos e serviços da Web 2.0 no setor de referências das bibliotecas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.1, p.110-133, jan./mar. 2012.

LOSE, Alícia Duhá et al. **Dietário (1582-1815) do Mosteiro de São Bento da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2010.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____. **O leitor como metáfora**. São Paulo: SESC, 2017.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**. São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma: reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

_____. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015c.

_____. **O enigma do homem: para uma nova antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Ciência com consciência**. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

_____. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil; 1997.

_____. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015b.

_____. **O método 4: as ideias habitat, vida, costumes, organização**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **O método 6: ética**. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

_____. **O paradigma perdido: a natureza humana.** Lisboa: Biblioteca Universitária, 1973.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Terra pátria.** Porto Alegre: Sulina, 2003c.

_____. CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método da aprendizagem no erro e na incerteza.** São Paulo: Cortez, 2003b.

_____. DELGADO DÍAZ, Carlos Jesús. **Reinventar a educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade.** São Paulo: Palas Athena, 2016a.

_____.; LE MOIGNE, Jean-Louis. **Inteligência da complexidade.** São Paulo: Peirópolis, 2010.

OLIVEIRA, José. **A fascinante história do livro.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1984.

ORTEGA y GASSET, José. **Missão do bibliotecário.** Brasília: Brinquet de Lemos, 2006.

SANFELICE, José Luís. História das instituições escolares. *In*: NASCIMENTO, Maria Isabel. M.; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José C.; SAVIANI, D. (Org.). **Instituições escolares no Brasil.** Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 75-93.

SANTA ANNA, Jorge. O bibliotecário em face das transformações sociais: de guardião a um profissional desinstitucionalizado. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina,** Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 138-157, jan./abr., 2015.

SCHWARCZ, Lili Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, sujeito e história.** São Paulo: Olho d'Água, 2012.

_____. **Filosofia na formação profissional universitária: por que ter valores políticos, éticos e estéticos na formação profissional é importante?** São Paulo; Cartago, 2017.

_____. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Hugo Manuel Maciel. **A biblioteca de Pérgamo.** Licenciatura em Ciências da Informação. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2014.

SILVA, Talita Pereira da. **A linguagem teatral na educação infantil: entre o gesto da criança e a solicitação do espetáculo.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.

STEINER. George. **Aqueles que queimam livros.** Veneza: Âyiné, 2017.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública brasileira: desempenho e perspectiva**. São Paulo: LISAS, 1980.

UNESCO. **Política de mudança e desenvolvimento do ensino superior**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

WOLFF, R. P. **O ideal da universidade**. São Paulo: UNESP, 1993.

WURMAN, R. S. Information Anxiety. The New York Times, New York, 1989. 32 p.

YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ALMADA DE ASCENCIO, Elisa Margarita. Sociedad multicultural de información y educación. Papel de los flujos electrónicos de información y su organización. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 24, set./dez. . 2000. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie24a05.htm> . Acesso em: 16 nov. 2019.

ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira. **Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_de50378dc7d8be34e7ff589d3e0bdfae. Acesso em: 31 dez. 2019.

BARROCAS, Amélia Landim. **Avaliação do uso dos livros eletrônicos do acervo da Universidade Federal do Ceará nos cursos de pós-graduação**. 2014. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão do Ensino Superior) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8042>. Acesso em: 5 ago. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/constituicao-federal.asp>. Acesso em: 21 dez. 2019.

BIBLIOTHECA DE ALEXANDRIA. Disponível em: <https://www.bibalex.org/en/Default>. Acesso em: 14 jul. 2019.

BIBLIOTECA EM FOCO. Bibliotecas da antiguidade. 21 maio 2014. Disponível em: <https://bibliotecaemfoco.wordpress.com/category/bibliotecas-da-antiguidade/>. Acesso em: 13 jun. 2019.

BRASIL, Heloisa dos Santos. **Avaliação do processo de modernização da Biblioteca da Universidade Feral do Tocantins**. 2011. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UF7-f6df3921f638f5c867b030f5cdcf233>. Acesso em: 12 maio 2019.

BRITISH MUSEUM. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org>. Acesso em: 3 maio 2019.

BRITO, Armando Assis de Sousa. Os Materiais na História da Escrita (das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais). **C.Tecn. Mat.**, Portugal, v.22, n.1-2, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-83122010000100012. Acesso em: 18 ago. 2019.

CARVALHO, Luciana Moreira. **As bibliotecas universitárias de Portugal e Nordeste do Brasil**: estudo sobre o impacto e mediação das tecnologias digitais. 2013. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2013. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/70711/2/28539.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

CARVALHO, Luciana Moreira, SILVA, Armando Malheiro da. Impacto das tecnologias digitais nas bibliotecas universitárias: reflexões sobre o tema. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.19, n.3, p. 125-132, set./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3898/3132>. Acesso em: 28 fev. 2019.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. Estudos avançados. São Paulo, v. 8, n. 21, p. 185-199, maio/ago. 1994. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012. Acesso em: 17 ago. 2019.

_____. Novas tecnologias e a história da cultura escrita. Obra, leitura, memória e apagamento. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.35, n.71, p.17-29, 2017. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/628/397>. Acesso em: 30 dez. 2019.

_____. Escutar os mortos com os olhos. Estudos avançados. São Paulo, v. 24, n. 69, p. 1-30, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510/12252>. Acesso em 20 dez. 2019.

CONCEIÇÃO, Maria Imaculada da; GONÇALVES, Aline Lima; LUCHETTI, Sônia Marisa. Web 2.0 e o caso da Biblioteca Florestan Fernandes. In: SEMINÁRIO SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16, 2009. **Anais [...]**, 2009. Disponível em: https://www.gapcongressos.com.br/eventos/z0070/trabalhos/final_014.pdf. Acesso em: 8 ago. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Disponível em: <https://www.cfb.org.br/>. Acesso em: 1 maio 2019.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ci. Inf., Brasília**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000.. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a8.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

_____. Das bibliotecas convencionais as digitais: diferenças e convergências. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.13, n. 1, p. 2-17, jan./abr.2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n1/v13n1a02.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2019.

DIAS SOBRINHO, José. Universidade em tempos de precarização e incertezas. **Avaliação**, Sorocaba, v. 23, n. 3, p. 736-753, nov. 2018. DOI: 10.1590/S1414-40772018000300010. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/3500>. Acesso em: 1 mar. 2019.

FAHRENHEIT 451. Direção, François Truffaut ; produção, Lewis M. Allen. Manaus, AM: Microservice Tecnologia Digital da Amazônia, 2006. 1 videodisco (111 min) : son., color.

FLORENZANO, Modesto. **O perfil do estudante da área de ciências sociais e humanas**. São Paulo: Abril, 2012. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/o-perfil-de-um-estudante-da-area-de-ciencias-sociais-e-humanas/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FURTADO, Cássia. Educação e bibliotecas digitais. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Campinas, v.8, n. 1, p. p.103-116, jan. 2010. Disponível em: <https://doaj.org/article/3406768294e54ba78c5d065a77670a84?frbrVersion=2>. Acesso em: 2 abr. 2019

GILBERTO GIL. Andar com fé. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/46184/>. Acesso em: 11 fev. 2019.

GLOSSÁRIO Ceale. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital>. Acesso em: 5 maio 2019.

HÜBNER, Marcos Leandro Freitas. **A biblioteca universitária na formação acadêmica**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/674/Dissertacao%20Marcos%20Leandro%20Freitas%20Hubner.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 maio 2019.

JAN, Saeed Ulla; SHEIKH, Rafia. Impacto of emerging technologies on university libraries of Pakistan. **International Journal of Digital Library Services**. India, v. 4, n. 3, p. 56-69, jul. 2014. Disponível em: <http://www.ijodls.in/uploads/3/6/0/3/3603729/6434.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2019.

JESUS, Deise Lourenço de. **Adoção de tecnologias nas bibliotecas universitárias do Distrito Federal**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_501bf8833c570e03c7bb15266c555da4. Acesso em: 2 abr. 2019.

LEITE, Pedro Pereira. **A memória sou eu por Edgar Morin**. Disponível em: <https://globalherit.hypotheses.org/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

MIDORI, Marisa. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/marisa-midori-comeca-a-falar-sobre-a-biblioteca-de-alexandria/>Acesso em: 15 jul. 2019.

MORIN, Edgar. L'interview dans les sciences sociales et à la radio-télévision. *Communications*, n. 7, 1966. p. 59-73. Disponível em: https://www.persee.fr/docAsPDF/comm_0588-8018_1966_num_7_1_1095.pdf. Acesso em: 8 ago. 2019.

_____. Edgar Morin, 95 anos de complexidade. [Entrevista cedida a] Juremir Machado da Silva. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 15 jul. 2016b. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/edgar-morin-95-anos-de-complexidade-1.311839>. Acesso em: 8 set. 2019.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Katia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.21, n. 1, p.173-193, jan./mar. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2572>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362016000100173&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 1 mar. 2019.

PINHEIRO, Liliane Vieira. **O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva dos desafios da pós-modernidade**: diretrizes sob o olhar da Teoria da Complexidade e da Análise de Domínio. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/174452/346369.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 fev. 2019.

REIS, Juliani Menezes dos. O uso dos e-books por professores de universidades federais: novos olhares sobre as bibliotecas. 2017. Dissertação. Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade de la Salle. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/729>. Acesso em: 2 maio 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa. Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: um diálogo com Roger Chartier. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 47, p. 97-118, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n47/2316-4018-elbc-47-00097.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2020.

SALDANHA, Gustavo Silva. O que é nuvem? Carta à biblioteca que vem. **REBECIN.**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.3-27, jan./jun. 2017. Disponível em: http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/45/pdf_1. Acesso em: 28 fev. 2019.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237/235>. Acesso em: 1 mar. 2019.

SNEL - SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. Disponível em: <https://snel.org.br/#>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SILVA, Ana Pricila Celedônio da. **Biblioteca e memória**: interlocuções com a comunidade. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/36025>. Acesso em: 28 fev. 2019.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Formação, perfil e competências do profissional da Informação**. Portugal, 2004. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14056/2/formaoperfil000073239.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

SILVA, Edna Cândida da. **A biblioteca, o livro e as novas tecnologias: práticas de leitura, memórias e conhecimento**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://localhost:8080/tede/handle/tede/3330>. Acesso em: 4 mar. 2019.

SILVA, Rose Mendes. **Comunicação, cultura e biblioteca: uma reflexão sobre o modelo de comunicação do Sistema de Bibliotecas da UFG**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4719>. Acesso em: 3 maio 2019.

SOUSA, Maria do Socorro Neri de. **Memória institucional em bibliotecas universitárias federais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/32853>. Acesso em: 4 mar. 2019.

UNESCO 2016. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/>. Acesso em: 31 dez. 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Disponível em: <http://biblioteca.fflch.usp.br/historia>. Acesso em: 1 mar. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/biblioteca>. Acesso em: 1 mar. 2019.

VIANA, Michelângelo Mazzardo Marques. **A informação e a biblioteca universitária**. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/miquemv/ss-a-informao-e-a-biblioteca-universitaria>. Acesso em: 2 jul. 2019.

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTA NA INTEGRA

Pesquisador: Houve alguma mudança no perfil dos profissionais no âmbito das bibliotecas universitárias?	
Entrevistado A	Com certeza, teve mudança de perfil. Quem não acompanha, acaba ficando muito restrito. Então, quando eu fazia o curso de Biblioteconomia, as pessoas nem tinham computadores pessoais. Hoje, além de você ter... também têm nos locais que você chega, justamente porque há muitos hoje... o próprio celular virou um computador. Mas é totalmente tecnológico hoje em dia. E o bibliotecário, às vezes, ele não trabalha com o livro e, às vezes, tem que catalogar um blog ou outra informação <i>online</i> .
Entrevistado B	Sim. Eu percebi que é necessário ter mais cursos para estar acompanhando também as atualizações das bases de dados e as renovações em geral. Porque sempre as tecnologias vão vindo; vão aparecendo e os bibliotecários têm que acompanhá-las para poder auxiliar os docentes e discentes. Sempre há essa necessidade. A tecnologia exige esta preparação de nós.
Entrevistado C	Não. Eu acho que não. Eu acho que a tecnologia, ela é uma camada que todo mundo tem que aceitar e conviver. Mas não é uma coisa que fez as pessoas mudarem. Tanto é que se você olhar a Biblioteconomia continua sendo uma área técnica, que os bibliotecários se afinam, talvez, não sei – essa é a minha visão. Mas eu não vejo grandes mudanças. Tecnologia deveria libertar a gente de algumas coisas e dar espaço para a gente ser mais crítico, mais reflexivo, mais político para assumir um papel diferente na sociedade, do que a gente assume. Então, assim, eu acho que, claro, a gente tem essas discussões hoje que, mas deveria ser diferente. Meu filho é o seguinte: de repente, o Google inventa uma coisa aí e acabou ninguém vai pedir nossa opinião. A tecnologia sempre está velha, ultrapassada, por exemplo: o que você faz da vida? Ah, eu só sou um cara que aprendi a desenvolver uma linguagem que não existe mais. Você entendeu? Então, eu acho que os bibliotecários são iguais àqueles analistas que desenvolveram um sistema numa linguagem que não existe mais. E ele fica olhando assim tipo: o que eu faço agora? Entendeu? Eu acho que a formação nossa tinha que ser outra e não voltada tanto para essa tal de tecnologia. Quando a gente abre, pela FEBAB, a gente faz curso de CDD, é o que mais dá Ibope. Entendeu? Só a parte técnica. Porque é nela que os profissionais se sentem mais preparadas. Eu não estou criticando quem vai buscar esse aprendizado para ter mais segurança no trabalho. Mas se você, por exemplo: oferece um <i>workshop</i> de Advocacy ninguém tem tempo. Advocacy? O que é isso? Ah não, não quero fazer política? Ah, é ruim eu não preciso fazer política, porque sou um técnico. Engano! O bibliotecário tem que ser um agente de transformação social. As comunidades estão dando baile aí, mostrando que em alguns locais que não tinha biblioteca, o poder público não quis pôr, as comunidades se organizaram e criaram a biblioteca. Por isso, que é necessário ter outra visão das coisas.
Entrevistado D	Sim. Da época que eu estou aqui, muita mudança. As bibliotecárias aqui, antigamente, eram assim: aquele perfil de bibliotecária, sabe? Aquele negócio de ponto, vírgula, travessão, outra linha. E aí vieram as novas bibliotecárias, as novas tecnologias e tudo isso foi mudando. Sabe aquelas bibliotecárias chatas? Teve muito... Agora tem muita gente jovem. Muita gente com novas ideias. Então isso ajuda muito. E a universidade, que propõe e nos oferece ferramentas também, para a coisa andar e para a gente trabalhar nessa vida tecnológica. Eu comecei aqui com aqueles disquetes desse tamanho, da Itaotec. Era a evolução hoje. Tudo muito moderno. Temos que acompanhar tudo isso e irmos nos adaptando.
Entrevistado E	Sim. Na minha época ainda era aquele curso mais tradicional, voltado para as fontes em papel. Eu vejo, agora, as turmas mais recentes, que têm muitas disciplinas diferentes e voltadas para o digital. Na nossa época não tinha tanto esse foco. Quem está hoje no mercado tem que estar se adaptando com as novas tecnologias da universidade.
Entrevistado F	Sim. Bom, pelo que eu vejo está mudando bastante. Porque o profissional, no caso, da Biblioteconomia, a gente está tendo que se adequar à evolução que está tendo, assim, da tecnologia. Porque a biblioteca, ela também tem que se adequar para não ficar para

	trás, não ficar antiquada. Porque se ficar parada no mesmo ambiente, acaba sendo um depósito de livro, não uma biblioteca. Então, nesse caso, eu vejo assim, tanto que no curso também, eles estão mudando a grade, para ter uma visão mais sobre isso. A gente está tendo, por exemplo, matérias agora que o pessoal que fez Biblioteconomia antigamente não teve. Estamos nos adequando.
Entrevistado G	Sim. Eu percebo a mudança, com o avanço da tecnologia, por exemplo: têm vários bibliotecários migrando para outras áreas da biblioteconomia e ciência da informação, pois abriram várias oportunidades de trabalho com as tecnologias. Então, mudou sim. Antes era muito técnico. Restrito. O mercado precisa de profissionais que organize tudo isso dentro das plataformas digitais. Então, muita gente acabou indo para esse lado. Consequentemente, mudaram também os perfis daqueles que trabalham nas bibliotecas universitárias.
Entrevistado H	Sim. Vive constantemente em mudança, principalmente a partir da primeira década do século XXI com as tecnologias. Antigamente até os empréstimos dos livros eram em fichinha e nós tínhamos uns quatro ou cinco cartões para marcar o empréstimo, mas agora está tudo automatizado, não tem como não acompanhar essa evolução. Lembrome de uma funcionária que ficava brava: quantas vezes que eu faço isso para fazer um empréstimo! Carimbo do autor, carimbo do título, carimbo do assunto. Carimbo no livro. Carimbo no cartão do usuário. Depois tem que arquivar tudo em ordem alfabética. Era um horror. Agora tudo está maravilhoso, nada disso precisa ser feito
Entrevistado I	Sim. Eu acho que sim. É muito evidente essa mudança, sabe? O bibliotecário teve que acompanhar essa tecnologia. Então tivemos que nos adaptar a essa nova realidade
Entrevistado J	Sim. Na época em que eu entrei era muito CD, o OnliBib, que era USP, UNESP e UNICAMP. Mas aí você vê que hoje é tudo digitalizado no computador. As bases de dados, os periódicos. Eu percebo que mudou bastante nisso. O CD praticamente está ficando em desuso. Você não vê mais base de dados em CD, é a minha opinião. Assim, a gente teve que ir se adaptando conforme a evolução da tecnologia. O profissional teve que se adequar às novas tecnologias. Você tem que saber pesquisar, como fazer. Eu acredito que foi sim. Mas eu não tive muita dificuldade não, com a pesquisa e com as mudanças que ocorreram e ainda ocorrem.
Valdneá K	Eu acredito que sim. Eu me formei em 2008, só que eu já trabalhava em biblioteca. Então você sempre percebe o interesse dos bibliotecários e até a própria evolução das tecnologias, que você tem que estar correndo atrás do prejuízo. Sempre tem que estar.... Nossa! Tem isso no mercado. Então as pessoas têm buscado, principalmente – eu acho – as pessoas que trabalham mais com atendimento, com capacitação, com formação. Menos, realmente, as pessoas que trabalham nos bastidores da biblioteca, porque eles entendem dos conteúdos, mas, talvez, não de tantas novidades na área. Pelo menos é a minha percepção. À medida que o pesquisador te pergunta: <i>“Olha eu estou com dúvida. Eu não estou conseguindo acessar um e-book.” “Eu estou com dúvida. Como que eu faço o acesso da minha casa?”</i> Se a pessoa que está no atendimento não sabe, ela vai ter que perguntar para o bibliotecário. E se o bibliotecário não sabe, ele vai ter que falar <i>“Olha eu vou procurar. Já vou te responder.”</i> Então a gente tem essa postura também. Nunca se sabe tudo, mas o importante é saber quem sabe também.

Pesquisador: Qual o público que frequenta essa biblioteca?

Entrevistado A	Alunos da própria FFLCH e de outras da USP, professores, servidores e comunidade externa de outras faculdades e até mesmo alunos do ensino médio. Como a gente tem literatura, então se o professor indicar um livro para leitura, qualquer pessoa vai encontrar aqui. Então, a gente vai ter História, Geografia, Letras, em todas as áreas, Filosofia, Sociologia, Artes.
Entrevistado B	Praticamente todo o público: a graduação, a pós-graduação, os visitantes e os professores. Aqui são muitos professores. São mais de 200, dependendo do curso. E, às vezes, a gente nem sabe quem é professor ou não. É muito frequentada essa biblioteca. São muitos alunos na graduação. O nosso curso de Letras conta com mais de 80, 100 alunos. Mas também tem muitos da pós-graduação. E vem público de fora também, porém em quantidade menor. A biblioteca é aberta para o público em geral. Não tem nenhuma restrição quanto ao acesso
Entrevistado C	No geral, professores... essa biblioteca é para comunidade acadêmica, mas a gente

	recebe também muita gente de fora. É uma biblioteca bem inclusiva, então a gente não tem muitas restrições, por isso vem muita gente de fora que visita, além da comunidade USP. A gente tem trabalhado nesse conceito de que o aluno USP é o aluno USP. Então é comunidade. Mas é claro que a nossa comunidade da faculdade de Filosofia é muito grande, então, majoritariamente, são alunos dos nossos cursos, da graduação, mestrado e doutorado.
Entrevistado D	É variado. Tem o público daqui, os alunos, professores. Tem o público externo que vem aqui só para pesquisar. A gente vê pessoas mais idosas, mais velhas, que vêm aqui e passam o dia na biblioteca, estudando. Agora, não sei o que é o trabalho deles. Vem de fora ou então tem vínculo com alguém da universidade. Por exemplo, quando a biblioteca abria aos sábados, a gente abria para o público de fora. O pessoal daqui de dentro mesmo não vinha. Tanto é que não abre mais aos sábados. Muita gente de fora que vinha. Não era uma grande quantidade. Porque eu acho que não tem oportunidade de vir durante o dia, durante a semana e vem aos sábados
Entrevistado E	A maioria são os estudantes aqui do IFCH, da área de humanidades, mas como a gente tem uma biblioteca muito diversificada na questão de acervo, outras unidades também procuram a gente. A maioria, eu acredito, que sejam os estudantes da graduação e pós-graduação.
Entrevistado F	É o público mais adulto. Não tem público infantil. Mas é diverso. São pessoas tanto que estudam aqui na universidade, como fora também. Ex-alunos e pesquisadores, professores. Tem vários tipos de pessoas. E de outros países também.
Entrevistado G	Alunos de graduação, pós, docentes. Pesquisadores de fora do Brasil, porque o acervo é bem conhecido nas ciências humanas, pelo menos é o que eu já ouvi de pesquisador de fora. Diz que tem uns livros aqui, raros. Uns assuntos assim, que é difícil achar lá fora. Então vem muita gente, justamente para fazer pesquisas.
Entrevistado H	Desde os docentes, alunos de graduação e pós e outros da própria universidade. Porque nós oferecemos o serviço de empréstimo entre bibliotecas. Então eles frequentam muito a biblioteca. Além de público externo, porque as ciências humanas é bastante diversificada
Entrevistado I	Basicamente é universitário. Os alunos aqui do Instituto, dos cursos de Filosofia, História, Ciências Sociais, da graduação e da pós. A gente também recebe bastante pesquisador externo. Mas tem pessoal de fora também, da comunidade, de outras escolas, de outras instituições. Do exterior também vem e algumas pessoas da região e até de empresas.
Entrevistado J	Livros, periódicos, teses e dissertação antigas impressas e as digitais. Os periódicos nas duas versões impresso e digital. Antigamente tinha os DVDs, mas eu acho que nem estão usando mais porque vai ficando obsoleto. Temos mapas e audiovisual.
Entrevistado K	Na verdade, a biblioteca atende ao Instituto de Filosofia, aos cursos de graduação, que é História, Ciências Sociais e Filosofia. E Ciências Sociais têm: diurno e noturno. Os cursos de graduação. Além disso, tem a pós-graduação, que hoje nós temos... Eu acho que são uns 15 programas de pós. Uma demanda muito grande. E a biblioteca, por ter um acervo bastante reconhecido no Brasil e na América Latina, ela atrai muitos visitantes. No relatório que eu te mandei tem lá quantas visitas. Porque, além das pessoas que já vêm... as pessoas vêm em congresso. Há muitos eventos aqui no IFCH. São convidados para bancas e também aproveitam para conhecer o acervo da biblioteca. A gente tem uma demanda grande e também nos visitam alunos da rede estadual e municipal de Campinas. É que o nosso acervo, ele extrapola os cursos. Mas ele nasce com o objetivo de suprir os cursos. Mas daí, à medida que a gente vai recebendo as doações – que a biblioteca também é muito aberta para recebimento de acervos pessoais – e a gente está num momento da UNICAMP, em que muitas pessoas estão se aposentando, os docentes, e eles nos escolhem para doar o acervo. Então eles também têm um respeito pela forma que a biblioteca está cuidando do acervo e nos pedem se a gente quer receber o acervo deles. Então a gente tem recebido muito acervo. E isso melhora a qualidade do acervo. A diversidade do acervo dentro dessas áreas

Pesquisador: Que tipo de material compõe o acervo?

Entrevistado A	Então, a gente vai ter: os livros – eu acho que talvez, a grande maioria – os periódicos ainda impressos e coleções de digitais, material audiovisual, teses impressas e digitais e uma coleção grande de mapas, porque a gente tem o curso de Geografia. Quando eu
----------------	---

	comecei aqui na FFLCH, esses mapas não eram catalogados, até tinha alguns, mas nem fazia parte do Dedalus, então iniciamos um trabalho com um estagiário de Geografia. Fiz uma disciplina que me ajudou muito com a catalogação dos mapas e fiz outros cursos, e catalogamos todos os mapas, pois esse trabalho exige um conhecimento bem específico.
Entrevistado B	têm os livros, os periódicos, CDs, DVDs, produção docentes e discentes, teses e dissertações. O microfilme é também um tipo de material que compõe o nosso acervo e bases de dados. E os alunos podem ter acesso remoto, da sua casa, baixando o programinha de VPN que lhes dá acesso remoto ao acervo digital.
Entrevistado C	O nosso acervo é muito híbrido. A gente tem um dos maiores acervos da USP em termos de papel, vamos dizer assim. Um acervo bastante híbrido. Então, a gente tem livros, periódicos, mapas, cartas, alguns materiais especiais, obras raras e tem os recursos digitais. Acesso à base de dados. O portal de periódicos da CAPES. Então, a gente tem uma bela biblioteca híbrida.
Entrevistado D	Livros, periódicos impressos e digitais, e-books, mapoteca, cds, acervo de história da arte... Audiovisual está crescendo bastante, o acervo de periódicos é bem grande. Há mais livro mesmo, principalmente os livros assim, mais antigos. CD, DVD. Os e-books são todos carregados na Biblioteca Central. Então, eu não tenho acesso: como faz, como carrega. É uma coisa centralizada na Biblioteca Central, que é distribuída para toda universidade.
Entrevistado E	Nós temos de tudo aqui, mas o primordial são os livros, papel ainda. Nós temos CDs, DVDs. Agora está aumentando a procura de e-books também. Teses e dissertações impressas e digitais, periódicos e plataformas digitais.
Entrevistado F	Aqui tem material físico, eletrônico, digital. Tem bastante variação. CDs, tem periódico, livros, jornais. Tem periódicos eletrônicos. A gente tem base de dados também. Tem até fita VHS. Tem CD-ROM. Tem várias opções. Aqui tem material físico, eletrônico, digital.
Entrevistado G	Livros, periódicos impressos e digitais, e-books, mapoteca, cds, acervo de história da arte, audiovisual está crescendo bastante. O acervo de periódicos é bem grande, embora, ultimamente, a maioria está digital, mas continua sendo usado. Teses e dissertações, impressas e digitais.
Entrevistado H	Aqui nós temos os livros impressos, os periódicos, e-books, mapas, vídeos antigos, teses impressas e digitais. Temos um acervo de história da arte, que é uma raridade.
Entrevistado I	Basicamente é livro. Tem uma coleção grande de livros e periódicos. Mas a gente tem os materiais especiais, CD, DVD. Tem um pouco de mapa. As teses e dissertações e os materiais eletrônicos, como livros eletrônicos, e-books, teses e dissertações digitais e impressas.
Entrevistado J	Livros, periódicos, teses e dissertação antigas impressas e as digitais. Os periódicos nas duas versões impresso e digital. Antigamente tinha os DVDs, mas eu acho que nem estão usando mais porque vai ficando obsoleto. Temos mapas e audiovisual.
Entrevistado K	A gente tem livros impressos, tem os periódicos correntes e não correntes, obras raras, coleções especiais. Tem um pouco, daí sim, CDs, DVDs. Têm algumas fitas, mas eu acho que são poucas. TCCs da graduação: aqueles que os alunos autorizam a publicação dos TCCs, as monografias vão para a Biblioteca Digital da UNICAMP. No nosso portal, na parte da biblioteca a gente tem os... como que é o nome? Dos docentes, quando eles têm avaliação? Eles têm os dossiês... que não é exatamente dossiê, me fugiu a palavra... Ah, o memorial deles. Eles têm alguma coisa assim também. Está na nossa página. Os memoriais. Os professores que têm interesse nos encaminham.

Pesquisador: A instituição usa plataformas digitais de pesquisa científica? Quais?

Entrevistado A	Sim. Escopos, Web of Science, das humanidades a 19th Century Collections é a mais usada, JSTOR ARTS & SCIENCE, CAPES e outras. Não me recordo os nomes específicos de todas – ficam reunidas numa página do Sistema de Bibliotecas da USP. Que fique claro que agora está mudando e virou uma Agência. Você não está sabendo? Então, eles que fazem as assinaturas para toda a universidade.
----------------	--

Entrevistado B	Sim. A Web of Science é a base que nossos alunos costumam utilizar com mais frequência. A USP desenvolveu uma ferramenta de busca o “Metabuscador”, em que todas as plataformas estão integradas e na mesma busca aparece o resultado de todas as bases. A CAPES também é bem utilizada. Uma observação: a CAPES não está integrada ao “Metabuscador”
Entrevistado C	Sim. A gente tem CAPES. E a USP tinha uma política de assinatura de coisas complementares. Mas ao longo do tempo fomos perdendo muitas bases. Vai fazer um ano que eu estou na chefia de novo. Está muito mal gerido isso, a rede de bibliotecas da USP. Então, essa parte do digital, majoritariamente é o que a CAPES assina é o que a gente assina. A gente não tem uma base, um recurso que seja da faculdade, quando a USP assina as bases contempla toda a universidade, pois o conceito aqui das plataformas digitais é o acervo de todos.
Entrevistado D	Tem. Só que eu não acesso, não sei. Porque como eu fico muito centrada na catalogação, eu quase não entro na parte da referência. Mas a gente vê os cursos que eles vão dando. Vai aparecendo. Têm várias plataformas. Quem vai te falar bem... não sei se a Júlia já falou... E a Neiva? A Júlia já falou com você. É a primeira. E a Neiva. Elas podem te dar essa informação. Eu sou leiga para falar das plataformas.
Entrevistado E	Sim. Usamos todas praticamente. Porque a UNICAMP investe bastante nisso. Até pelas outras áreas. Muitas plataformas são multidisciplinares também, para atender a todos os cursos. Teria que ser o pessoal da referência para te falar da nossa área, por exemplo, usamos algumas específicas, por exemplo: <i>Jstor Arts & Science</i> .
Entrevistado F	Sim. Eu só não sei te informar exatamente, porque eu não sou assim, tanto da área de referência. Eles sabem muito mais sobre isso. Mas eu sei que tem. Mesmo no portal das bibliotecas, você consegue identificar também lá o material que você quer. Se você quer livros, se você quer periódicos, e-books. Tem as opções também. E tem outras ferramentas também para os docentes, quanto a plágio. E também outras ferramentas para, no caso, se você for – como que se diz? – esqueci a palavra. “ <i>busca integrada</i> ”, Tem CAPES, Jstor Arts & Science das áreas de humanidade e tanta outras.
Entrevistado G	Sim. Nós temos bastantes assinaturas. Não conheço todas, porque eu trabalho lá na parte interna do processamento técnico. Lembro da CAPES, JSTOR Arts & Science das ciências humanas. Inclusive, o pessoal da referência treina muito com eles nessa plataforma.
Entrevistado H	Sim. Portal de periódicos CAPES, JSTOR Arts & Science, ProQuest, dentre outras bases das ciências humanas. Seria interessante – uma hora, se você quiser – eu mostro para vocês todas as bases que nós temos aqui. É uma imensidade. Tanto é que amanhã mesmo eu tenho que dar um treinamento para um grupo de alunos, que eu vou mostrar todos os serviços da biblioteca. Aproveito e mostro as bases, catálogos e as obras digitais, por exemplo: e-books.
Entrevistado I	Sim, nós usamos, CAPES, Scielo, Web of Science, ProQuest. Mas aqui na nossa área de humanas a gente usa bastante a JSTOR & Arts & Science que é de humanidades.
Entrevistado J	Sim. ProQuest. Web of Science. JSTOR Arts & Science são muito usadas aqui. A CAPES também é muito usada e outras bases assinadas pela Unicamp.
Entrevistado K	Sim. Daí o que acontece? Na verdade, assim: quem cuida das aquisições gerais é o próprio Sistema de Bibliotecas, é a coordenação. Eles centralizam todas as aquisições. Existem as renovações de bases de dados. Têm das áreas de humanas, de saúde, enfim, todas as áreas que contemplam o acervo do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP. Têm as bases de e-books. Todo ano, quando precisa, nós vamos renovar, nós vamos adquirir. Que tem a verba orçamentária. A gente indica quais os livros que nós vamos querer de e-books, baseado em listagens. Também têm bases de dados que eles conseguem identificar a tentativa de acesso dos usuários da UNICAMP. Então é um indicador para aquisição. A gente trabalha muito com indicadores. Para renovação dos periódicos também. Periódico impresso. Que, às vezes, a gente tem periódico impresso. Mas ele é consultado fisicamente e, daí, de repente, é mais interessante o acesso eletrônico, até pelo custo. Então se migra a forma de assinatura. Ou ele está dentro de um pacote, que foi comprado dos fornecedores. E daí a gente aqui, como que faz? Verifica sempre. O que tem na CAPES a gente não vai assinar, porque seria gastar dinheiro, sendo que já está lá. Plataformas digitais de livros e periódicos são CAPES, Web of Science, JSTOR Arts e Science, dentre outras.

Pesquisador: As plataformas digitais são amigáveis para os usuários? Eles tecem comentários sobre isso?	
Entrevistado A	Olha, o que eu vejo é que assim: eu já mexi algumas vezes. É que elas têm os mesmos princípios, os campos de busca que são os filtros. Você faz o filtro já inicialmente, então, para quem tem alguma familiaridade com tecnologia ou mesmo com o Google, não é difícil. Eu acho que o que é difícil é você montar a sua estratégia de busca, que isso a plataforma não dá. Você tem que saber as estratégias de busca. Você saber como fazer a pesquisa, ajuda muito, inclusive na escolha da palavra ou um conjunto de palavras representativas. Porque as estratégias de busca, o aluno não domina.
Entrevistado B	Olha, os usuários que frequentam a biblioteca, pouquíssimas vezes, nos chamam para perguntar por que estão tendo acesso ou não. Mas para pesquisar, ele já tem uma facilidade. Muitas vezes, a própria plataforma tem problemas de algum bloqueio em algum momento, por um período. E eles têm essa dificuldade. Mas a plataforma é amigável, sim. Nós fornecemos os cursos também, principalmente na Web of Science. Daí, eles vão tendo um pouquinho mais de facilidade.
Entrevistado C	Para o aluno, com certeza, talvez é o bibliotecário que não sabe mexer. Mas para o aluno, eles não têm problema nenhum, já estão nessa, já estão mais afinados, mas a plataforma que eles usam muito é o Google. Então cabe a nós falarmos, olha tem vida além do Google. Entendeu? Tem que estar vendo uma forma de qualificar os alunos e tal. Eu não vejo dificuldade no geral. Eu não vejo fila esperando a gente para ser orientado. Eu não vejo dificuldade da parte deles, não. Eles têm dificuldade com a localização, às vezes, do acervo físico mesmo. Porque aí você precisa entender qual que é o arranjo que a biblioteca faz. Mas aí é tranquilo. No caso do acervo físico com classificação Decimal Universal e Classificação Decimal de Dewey, acho complicado. Eles não têm dificuldade com o digital, pelo menos, vejo isso.
Entrevistado D	Alguns devem ter dificuldade, mas o pessoal da referência se encarrega de ajudá-los. Eu não. Eu fico o dia inteiro atrás dessas ferramentas, atrás da catalogação. A gente vê mexendo. Acho que algumas pessoas não gostam de mexer em computador. Como às vezes vem aqui aluno, professor, que não suporta. Entendeu? Aí entra a ajuda do profissional. A maioria se sai bem. Então eu não posso te dizer, porque como eu não fico ali no atendimento, eu não posso falar, afirmar, se tem ou não tem esse tipo de problema. Alguns devem ter. Hoje em dia os jovens estão muito... É uma destreza fenomenal. Os meus filhos me dão um banho, porque as ferramentas que eles usam são mais rápidas.
Entrevistado E	O da UNICAMP, o catálogo próprio, já foi pior. Ele foi adaptando, foi modificando. Hoje em dia ele é bem mais amigável. Ele tem uma interface bem simples de busca. Eu não acho que o aluno tenha problema. As bases de dados ou as plataformas digitais requerem muito mais, os alunos precisam, assim... As bases de dados, eu já me sinto, às vezes, incomodada em algumas buscas que eu faço. Porque é muita informação para fazer as junções do que você está procurando e tal. Eu acho mais complicado. Um treinamento é fundamental. Elas concentram muita informação e para você chegar à sua informação fica muito difícil. Tem muita etapa. Você tem que juntar uma coisa com a outra. Eu vejo dessa forma. Nunca presenciei alunos tecer comentários, porque eu fico em outro setor. Eu falo mais por experiência minha. Às vezes, quando eu vou fazer uma busca, eu sinto dificuldade. Então eu imagino que para eles também deve ser.
Entrevistado F	Olha, pelo que eu vejo, pelo público jovem, é mais fácil de mexer, não tem assim, tanta dificuldade. Agora, algum público... os públicos com mais idade e alguns docentes mais antigos, eles, às vezes, têm um pouco de dificuldade. Mas daí o pessoal de referência ou a supervisora do atendimento, ela consegue ajudar com facilidade. É. Assim, vendo pelo lado agora, da faculdade que eu faço, está tendo uma maior preocupação sobre isso. Sobre a plataforma, ela ser feita para o usuário. Porque normalmente o bibliotecário vê a visão dele no programa e, às vezes, fica um pouco nesse sentido, de dificultar a pesquisa. Então, eles estão tentando deixar isso mais simplificado e mais fácil para o usuário localizar as informações. A gente tem inclusive aula de indexação, de tesouros, de criação de base de dados. Então, eu acho que tem uma visão maior sobre isso. Eles passam muito para a gente isso. Sobre fazer uma ferramenta mais fácil para o usuário.
Entrevistado G	O catálogo é mais simples da Unicamp, é mais simples. Agora, essas outras plataformas digitais, mais específicas, eles têm um grau de dificuldade maior. Até

	professor eu já vi assim, com dificuldade para usar. Mas, assim, quando começa a usar, participa dos treinamentos, acaba pegando mais fácil. Eu acho que é só a questão de praticar. Idiomas também atrapalham bastante, porque a maioria é em língua estrangeira. E isso dificulta também.
Entrevistado H	É fácil. Porque são alunos que já estão já em contato com essas novas tecnologias. Então eles pegam muito rápido. É você falar, explicar, eles vão longe. Nossa... eles viajam... Às vezes, eles não sabem que existe aquele material naquela base. Então precisa sim de explicação. Eu mostro como funciona todas as plataformas, faço isso constantemente.. Eles já pegam. Eles são muito ágeis.
Entrevistado I	Eu acho que sim, o primeiro contato, eu acho que eles ficam, assim, um pouco perdidos. Assim, a base em si não é difícil. Aí depois tem as dicas, os mecanismos de busca, que aí eu acho que fica mais fácil para eles. Por exemplo, fazer a busca pelos termos em inglês, que ele vai recuperar mais material. E, às vezes, eles vão buscar em português e não encontram. Tem que saber fazer busca com entrada de autor, palavras-chave. Às vezes, eles colocam o nome em ordem direta, quando o correto seria a ordem indireta. Aí você tem que sempre alertar para essas coisas. Então, assim, de acordo com as dicas vai ficando mais fácil. Mas, normalmente, a interface da base, ela é amigável sim. Eles acham que a busca em bases é igual do Google, aí ficam perdido. Eles jogam qualquer tipo de informação, por isso que dificulta. Aqui, nós temos a busca integrada que a Unicamp desenvolveu, que por meio dessa ferramenta, você tem acesso a todas as plataformas, exceto a CAPES. Então, ela vai trazer todo o material que tem nas bases de dados, como os periódicos, os livros. Então, aí o usuário pode jogar o título do periódico ou até mesmo o título do artigo e ele vai recuperar. Então, é um jeito mais fácil, um jeito mais amigável também do usuário fazer a busca. A UNICAMP fez a integração dessas plataformas no sentido de ajudar o usuário, para ele se achar melhor, fazendo a busca em apenas um buscador, o aluno tem acesso a todas as plataformas, mas a CAPES acabou não permitindo isso, aí na CAPES, ou o aluno tem de ir direto nela.
Entrevistado J	Ultimamente eu não tenho visto muito isso, porque a gente está meio fora de contato com eles. Então eu não posso ser exato nessa questão, mas, no geral, nada de comentários, entendeu? No geral, não tenho percebido não. Até no autoempréstimo é difícil eles solicitarem alguma ajuda, mas nem usam bastante o autoempréstimo. Na minha percepção que, às vezes, eu fico no atendimento, eles preferem mais o presencial. Os mais novos já vão direto ao autoempréstimo, que é mais rápido, mas muitos da minha faixa etária preferem ir ao balcão. Então, acho que o pessoal da minha idade mais ou menos tem mais dificuldade e acha complicado usar essas plataformas.
Entrevistado K	Sim. Eu acho que principalmente quando a pessoa não está habituada a consultar as bases. Elas mudam muito a interface. Então hoje está de um jeito. Daqui a um mês ela mudou um pouco – o que é natural – e o pesquisador, se ele não tem essa busca constante na base, quando ele entra de novo, ele: “ <i>Opa está estranho isso aqui...</i> ”. Uma das coisas que a UNICAMP tem feito é a busca integrada, que pelo portal você consegue colocar um assunto ou um autor com o livro. E ele vai buscar na busca integrada. Foi feito para facilitar, mas às vezes também confunde a pessoa. Porque daí ela também tem que saber fazer os filtros: “ <i>Eu quero o impresso.</i> ” ou “ <i>Eu quero o eletrônico.</i> ” Sempre vai ter as abas de filtros. Na verdade, a pesquisa eu acho assim: quanto mais você mexe com a base, mais familiar ela fica para você e mais fácil você consegue fazer as pesquisas. A gente tem uma gama de possibilidades. A gente tem muita informação hoje. Na verdade, parece que ela foi, a princípio, feita mais para armazenar conteúdos. A preocupação é você ter os conteúdos. Agora, a forma de busca não tem uma padronização. Cada base apresenta de uma forma. Isso dificulta o usuário a conseguir fazer as buscas. Mas eu percebo, assim, a UNICAMP já tinha, antes dessa busca integrada, uma outra forma de busca. Daí preferiu migrar. Recentemente, o portal do SBU passou por reformulação, para ser uma plataforma mais amigável para o usuário. E também, assim, antigamente a gente fazia todas as buscas e a CAPES estava incluída. Depois teve um período em que a CAPES saiu. Você tinha que entrar no portal da CAPES para fazer a busca. E isso vai dificultando ainda mais para o usuário. O usuário tem que ser uma formiguinha, tem que ficar buscando conteúdo. Se ele tem uma referência bibliográfica, daí ele vai atrás. “ <i>Eu tenho eletrônico, eu tenho impresso, eu tenho COMUT? Quais são as possibilidades?</i> ” Agora, se ele não tem a referência, ele quer o assunto, para ele conseguir filtrar esse assunto, fazer a busca, elaborar é

	complicado. Ele precisa de um bibliotecário para ajudá-lo. Ele vai ter mais sucesso na pesquisa dele se ele contar com um bibliotecário para ajudar na elaboração da busca, quais bases de dados. Os termos que ele vai usar para cada base de dados, os autores mais conhecidos. Existe todo um estudo para você conseguir ter uma boa recuperação dos conteúdos.
--	--

Pesquisador: Você observa se existe alguma preferência no uso do acervo impresso e digital entre alunos de graduação e pós-graduação?	
Entrevistado A	Então, como a gente está com essa mudança de geração, eu acho que cada vez mais o aluno da graduação está mais familiarizado com o digital, mas o da pós-graduação ele tem uma tendência maior a pesquisar em digitais pela exigência do curso. Enquanto a graduação das ciências humanas tem menos recursos digitais para ele. Apesar, que de maneira geral aqui – voltando – nas humanidades, os recursos – de papel, que seja – a edição mais antiga, o número um da revista, qualquer que seja são coisas ainda muito importantes para os pesquisadores daqui. Então, ainda são bem valorizados os recursos impressos. Tudo que é impresso tem importância aqui. Por exemplo: tem revista que não está digitalizada e aí eles querem aquele número x, do ano tal, porque querem fazer uma série histórica, desde a número um e tal. Então, essa questão da temporalidade para alguns casos tem um sentido diferente do que seja de uma área médica ou biológica. Já em áreas, como Engenharia, eles querem o último número. Por exemplo: eles querem o número de amanhã. Não o número de hoje. Amanhã é o que vale. Humanidades já é diferente.
Entrevistado B	A maioria prefere o livro mesmo. Quer dizer, tem essa preferência do material físico. É claro que têm alguns que preferem ter o acesso digital. Mas eu vejo e observo que muitos deles têm, assim, a preferência também do físico, do impresso. Porque aqui o público é bem variado, então eu vejo as duas coisas. Eu vejo aquele que prefere ler no impresso e têm aqueles que querem mesmo o <i>online</i> , mas o físico permanece. É claro, se não tiver o físico, aí a gente tem o <i>online</i> e eles vão para o <i>online</i> . Os alunos da graduação parecem utilizar ainda mais o impresso do que os da pós-graduação. Neste a exigência é maior.
Entrevistado C	Não. O problema é o seguinte: nosso alunado, ele não tem muita saída com relação, falando da graduação porque majoritariamente a gente tem poucos produtos que atendem a nossa comunidade digitalmente. Então, assim, eu nem poderia falar de uma preferência. Mas de uma oferta. Entendeu? Eu acho que a gente fala assim: eles preferem. Eu acho que não é verdade. Porque a gente não tem um equilíbrio de conteúdo nos dois para você falar ainda das preferências. Porque, por exemplo, ele está fazendo uma aula de graduação, o lugar que ele mais frequenta é o xerox. Porque ele vai pegar os capítulos dos livros que ele quer ler. Mas se os livros estivessem todos digitais, ele não iria ao xerox. Ele acessaria. Entendeu? Então, assim, eu tendo a dizer que se tivessem mais recursos digitais, eles optariam pelo digital. Eles não optam pelo digital e vêm para o papel, porque eles precisam do papel. Porque é o conteúdo que eles precisam ler. Eu não vejo, claro que às vezes você vê pessoas: eu gosto muito de livro. Ah e tal. Mas assim: isso é uma questão, até digo afetiva. Mas assim, eu não vejo que se tivesse o digital, eles não viriam buscar. Não, não quero o digital, quero o livro. Porque é muita leitura que eles precisam fazer. A faculdade exige muito. Os alunos leem muito. Muito, muito, muito. Tanto é que há anos, há muitos anos, todas as bibliotecas da USP emprestavam três livros, a gente já emprestava 10. Tinha gente que chorava no balcão: pelo amor de Deus, deixa eu levar mais. Porque a carga de leitura que a faculdade impõe nos cursos nossos é uma carga muito forte. Tanto que a gente até brinca: a Filosofia é fácil de entrar e difícil de sair. Porque realmente as pessoas têm que ler muito. Porque é um grande laboratório. Não tem outro laboratório a não ser a Geografia e tal. Agora, o restante é muita leitura, leitura, leitura, leitura e leitura. Entendeu? Esse é o laboratório deles. A biblioteca e o cérebro.
Entrevistado D	Eu acho que ainda é o impresso. O digital, eu não sei. A gente não fica junto. Eles têm a senha de acesso ao e-book em casa. Teve uma divulgação grande da biblioteca agora, nos departamentos, expondo o que a biblioteca está oferecendo, para eles terem mais acesso, procurar. Para evitar de ficar pegando papel, papel... Eu, sinceramente, prefiro o papel. E na minha opinião tem uma tendência ainda por parte deles no uso de papel.

Entrevistado E	Na minha percepção, o aluno de graduação gosta mais do papel, do impresso, do convencional. Até porque ele sai do ensino médio e tal e está mais familiarizado com isso. O da pós, como ele faz a graduação nos quatro anos, vai se desenvolvendo, vai aprendendo as novas ferramentas. Eu acho que ele faz mais uso na pós, muita coisa na área de digital mesmo tem uma necessidade de pesquisar em bases. O de graduação usa mais o impresso e o de pós mais o digital. Porque ele chega à universidade e é outro mundo. Não tem como comparar uma universidade com o ensino médio. Ele vai ter que pesquisar e vai ter as duas. Geralmente têm muitas bases, como você falou, têm muitos outros recursos, os e-books, que ele não tinha acesso no colegial. Então ele aprende a fazer uso dessas coisas. Ele vai aprendendo até com os colegas. Um vai passando informação para o outro. Ele vai aprendendo os recursos que têm disponíveis e vai usando mais coisas digitais.
Entrevistado F	Ah, assim, o que eu vejo é um pouco diversificado. Mas eu vejo a maioria procurando o impresso mesmo. Eu acho também que deve ser, às vezes, por não ter sempre acesso à internet. Às vezes, a base de dados também é só dentro da universidade. Então, não tem como acessar fora. Mas eu vejo mais a procura por impresso tanto da graduação quanto da pós. Assim, eu posso dizer que algumas vezes eles procuram mais o físico mesmo, pelo menos aqui. Na questão do atendimento, eu vejo mais a circulação do livro e, assim, pouco digital. Às vezes, eu vejo material tipo CD-ROM, DVD. Mas é mais difícil. É mais livro mesmo ou periódico. Físico. Eles acessam quando não têm a opção do impresso. Aí eles acessam o digital. É. Mas algumas pessoas, às vezes, elas acessam aqui porque não têm acesso fora. Por exemplo, as bases de dados. Como é a universidade que paga, só consegue acessar aqui dentro. Então, às vezes, a pessoa vem até aqui para acessar, porque não consegue acessar de fora.
Entrevistado G	Bom, pelo que eu presencio, eu acho que eles preferem livro físico, tanto o de graduação, o de pós. Eu acho que eles preferem o livro físico mesmo assim. Não sei o porquê. Mas eu acho que eles preferem o físico. Embora eles procurem bastante o pessoal da referência para ajudar nas plataformas. Então, eu não sei te dizer com exatidão como eles estão. Eu acho que é o livro físico. Os dois, tanto de graduação como o de pós, eles preferem impressos. Eles vêm, olham e enchem a mesa de livros. Às vezes, eles pedem para deixar dois, três dias para ficar estudando. As mesas ficam lotadas de livros, revistas... posso lhe dizer que eles usam muito os materiais impressos.
Entrevistado H	Ambos gostam de digital e tudo que está disponível. É como a gente... Porque essa biblioteca, ela é muito rica. Então, ela tem tanto material impresso como também digitais. E muita coisa não está digitalizada. Então, a busca é grande. Não tem esse tipo de preferência, caso não tenha impresso, eles ficam com o digital, tudo depende da necessidade. Nós temos aqui uma base de dados que incorpora todas as outras bases para busca integrada. Ela abrange tanto o que está digital quanto os impressos. Precisam de um material, como, por exemplo, um periódico. Mas nós temos aqui os scanners, eles tiram cópia, às vezes, acham melhor que o digital.
Entrevistado I	Para mim, é equivalente. Embora na graduação possa ser um pouco mais conectado. Mas eu acho que é bem equilibrado.
Entrevistado J	É difícil opinar, mas eu posso falar no aspecto das revistas. Eu acho que eles estão preferindo ainda o impresso tanto na graduação como na pós. Embora as revistas, a maioria, estão cancelando a assinatura em papel e deixando só digital. A não ser quando não tem escolha. Porque quando acaba o impresso, aí tem que... se não pesquisar na digital, não tem. Tem muita revista que está... aqui mesmo, no IFCH, muitas publicações aqui não estão sendo mais disponibilizadas em papel. Então a única opção é digital. Eu acredito que sim. Antes, quando o xerox era aqui dentro, tinha muita cópia de artigos de periódicos. Agora diminuiu, mas eu não sei se eles continuam escaneando. Muitos escaneiam, mesmo sabendo que eles poderiam ir à plataforma e imprimir de lá, eles pegam o fascículo impresso pra escanear. Eles terão que mudar, porque periódico quase não tem mais impresso.
Entrevistado K	Sim. Na verdade, aqui eu percebo assim, a gente tem muito acesso. As pessoas consultam muito os nossos materiais. Pegam muito material emprestado. Mas nos últimos anos, em termos de dados, diminuiu o empréstimo do impresso. Está caindo porque certamente eles estão usando as tecnologias. Eu acho que os alunos mais novos têm mais facilidade com as tecnologias, com as bases de dados. Estão mais

	familiarizados com leitura no celular ou num tablet. Eu acho que isso depende muito das gerações. O aluno da pós acaba sendo forçado a usar, pesquisar as fontes, as tecnologias digitais, porque como as bibliotecas estão assinando... O aluno de graduação, a maioria dos livros que os docentes indicam, ainda são os materiais impressos. Porque a gente não tem também muita literatura brasileira, em português, no formato digital, então eles acabam usando muito os livros impressos.
--	---

Pesquisador: Você observa se existe alguma preferência no uso do acervo impresso e digital entre os docentes?	
Entrevistado A	Não. Assim: eu acho que os mais jovens sempre têm mais contato com o digital. Mas independentemente disso, a característica daqui, do perfil do nosso público ainda é assim, não se dispensa nada do impresso. Nunca se dispensa. Falar: não pode tirar do acervo aquele material que existe digital. Aqui não vale. Valorizam. Valorizam o impresso, mesmo sabendo que aquele material está em formato digital. Não observo tanto pela faixa etária, talvez o uso do digital tem mais facilidade para preparação de atividades do docente.
Entrevistado B	Os docentes são poucos que vêm nos consultar, mas eu vejo que quando vêm, eles já vão e fazem só uma consulta rápida nos terminais aqui. Têm outros que têm preferência <i>online</i> mesmo, por facilidade das atividades. Se for à parte de livros, eles já estão mais acostumados com o acervo, nem nos consultam e entram direto para buscar o livro na estante. Aqui, eu vejo muito a preferência de eles estarem levando o livro. A tendência é você não ter todas as obras digitais. Entre ter o digital e o impresso, eu observo que eles preferem o impresso, independentemente da faixa etária.
Entrevistado C	Olha, eu acho que o docente, ele não vem tanto à biblioteca, via de regra, ele não aparece. Então, assim, depende muito da área que ele pesquisa. Eu volto a dizer: eu acho, por exemplo, quando esse professor aqui, de História Medieval, por exemplo: se ele for 20 anos mais velho que eu, ele acaba usando digital, talvez não por familiaridade, mas ele se rende. E eu acho que os nossos professores, assim, claro, todos eles devem ter uma boa biblioteca em casa, de livros. Mas é uma questão afetiva mesmo, que gosta. Mas eu não vejo que eles não usariam o digital ou que tenha muita restrição. Eu acho que as coisas são de outra ordem aqui, que as pessoas se preocupam, talvez, achem o digital efêmero. É mais nesse sentido, que tem esse temor do digital, do que a barreira de lidar com isso. Assim, eu acho que o pesquisador, ele teve que se adaptar a isso. Claro, imagina: ele está fazendo um artigo lá na casa dele. Ah, meu Deus, o que é isso? Ai, eu vou ao digital. Não tem como fugir disso, até porque criar, escrever são processos que, às vezes, você não pega um dia que você escreve meia página, outro dia, você escreve cinco capítulos. Acho que o digital facilita muito a vida deles para apresentar um trabalho, preparar aula.
Entrevistado D	Eu vejo a Júlia junto com eles pegando materiais impressos. Agora, eu não sei como o pessoal da referência busca, mas vejo pegando pilhas e pilhas de livros e colocando na mesa dos professores. A preferência é o papel mesmo.
Entrevistado E	Isso aí é mais pela minha visão do cotidiano. Eu vejo que tem muito professor bem antigo de casa, que eles estão sempre sentados, fazendo pesquisas com livros e tudo, os mais velhos. E os mais novos, eu percebo que eles já indicam e-books, estão um pouquinho mais antenados. Depende da faixa etária do professor.
Entrevistado F	Assim, a maioria também procura impresso. E alguns trabalham também com digital. A maioria, assim, os professores mais novos, eles procuram o digital. Eu acho que também para facilitar o acesso para o aluno. Porque, às vezes, o livro, não vai ter para todos no formato impresso. Então, às vezes, fica uma disputa por causa do livro, dependendo do livro escolhido. E também, às vezes, para o aluno não ficar tirando xerox, uma coisa assim, leva o material digital e disponibiliza para o aluno. Eu sinto dificuldade em alguns professores assim, com mais idade. Até mesmo na hora de pegar, no empréstimo do livro. Como a gente aqui já sabe, ajuda os professores, tudo digital e leitura do chip do cartão, às vezes, eles têm dificuldade até de pegar emprestado o livro.
Entrevistado G	Olha: que eu percebo, por eles terem o contato, eu acho que eles preferem mais o livro físico mesmo. Eles vêm na biblioteca. Eles mesmos doam bastante obras para a gente e depois vêm pesquisar. Talvez, os mais jovens prefiram o digital, mas não vejo tanta preferência.

Entrevistado H	Acho que não tem. Porque os professores estão sempre pesquisando. Então, eles estão sempre se informando. Não tem muita diferença não. Porque os professores, a vida deles é pesquisar. Então, eles estão sempre em contato. Eles estão sempre buscando. E os novos que estão entrando também, nós já passamos e informamos a eles o que nós temos, para eles poderem buscar e assim vão aprendendo.
Entrevistado I	Pode ser que realmente por uma questão de faixa etária, talvez, essa resistência com a tecnologia. Mas eles já estão começando também a ir pelo digital. Pela facilidade, eu acho, talvez, de acesso. Que, às vezes, ele pode acessar de casa, por uma questão de logística, acesso simultâneo aos mesmos documentos, acesso remoto. A tendência é, assim, mesmo a pessoa tendo certa resistência, assim, porque não nasceu naquela época, daquela tecnologia, mas acaba sendo forçada a usar. Mas já aconteceu de professores – que às vezes até já aposentaram tentando acompanhar. Eu vejo certa distância, por exemplo: um professor próximo de se aposentar e um aluno de graduação, pós e professores mais jovens.
Entrevistado J	Eu não tenho muito contato com eles não. Eu não sei como é que eles fazem, mas percebo que os mais antigos gostam de tirar cópia dos capítulos dos livros, do sumário. Depois eles vêm fazer as pesquisas, mas eu não posso dizer como que eles fazem. No geral, percebo que eles tiram cópias.
Entrevistado K	Eu percebo também que o docente, para ele preparar as aulas, tudo, quando o conteúdo está eletrônico, dependendo, fica até mais fácil. Porque ele pode salvar aquele PDF, aquele artigo ou salvar aquele capítulo. Pode usar uma imagem ali e já põe no seu PowerPoint com referência, para fazer uma explicação. Na época que só tinha o papel, ele tinha que fazer uma outra coisa, tirar uma foto. Nesse aspecto, a tecnologia ajudou. Aqui, eu percebo que os docentes usam muito a biblioteca. Agora, com relação ao acesso eletrônico, eu não consigo ter uma noção, mas com relação à faixa etária, com mais idade, sim eles vão mais atrás do livro impresso. Nesse aspecto é uma tendência. Porque até a forma de leitura, às vezes, cansa mais nas tecnologias. É a minha impressão que eles ainda preferem o impresso. Inclusive, tem um docente, que a gente já tem o livro eletrônico, ele quer que a gente compre o livro impresso. Porque esse livro, ele prefere no papel. Porque ele acha que vai ser mais... eu acho que ele acaba tendo mais visibilidade com o livro impresso. Até para facilitar as buscas e a recuperação do livro impresso nas bases de dados. Porque o e-book, ele ainda está catalogado, muitas vezes, com as palavras-chaves em inglês. Às vezes, não consegue recuperar o conteúdo, quando o aluno coloca lá uma palavra em português. Também, às vezes, eu acho que isso atrapalha.

Pesquisador: Saberria esclarecer se os alunos que têm muita dificuldade em manusear o computador também têm dificuldade no acesso ao digital, em manusear essas plataformas?

Entrevistado A	Bom. Então, eu estou afastada desse atendimento direto. Mas a minha percepção é que não. Justamente porque, então, hoje em dia todos têm celular, têm tablet. Os recursos são eletrônicos. Então, de alguma forma, eles já acessam. Talvez assim, essa coisa mais direta, talvez o Charles tenha uma percepção melhor. Porque aí eles vão bater na mesa da referência e pedir ajuda para a pessoa que está lá. Não acho que tem relação, porque são coisas diferentes – busca e manuseio.
Entrevistado B	Eu não cheguei a ter essa experiência de a pessoa ter dificuldade de manusear o computador para a busca nos catálogos. Os alunos são um pouco similares, eles não têm restrições para fazer a busca. Alguns sim têm dificuldade, outros não. Muda um pouquinho. O aplicativo de pesquisa é um pouco diferente, como aparece no computador. Se está realmente emprestado ou não, o livro e tal. Mas são pouquíssimos assim – que eu vejo – que têm dificuldade na pesquisa. Há uma diferença entre manusear uma tecnologia e fazer uma busca.
Entrevistado C	Eu não sei avaliar isso. Eu não tenho essa percepção. Porque eu acho que eles se apropriam tão facilmente da parte eletrônica. Assim: eu não vejo, por exemplo, a equipe de atendimento no plantão, eu não vejo o pessoal pedindo ajuda para a gente com tanta frequência. Eles pedem ajuda quando eles não acham a coisa física na biblioteca, mas eles não pedem ajuda para o digital, porque é uma coisa que acho que eles subutilizam, o digital. Por quê? Porque as bases de dados também têm suas linguagens, às vezes, eles nem sabem que existem determinadas bases. A gente está sempre lutando para dizer: olha pesquisa mais isso, pesquisa mais aquilo. Mas não que ele precise da gente tanto, entendeu? Eu não vejo essa dificuldade até me surpreendeu

	bastante, de quando eu fui diretora há uns sete anos e voltar agora. A gente tinha um balcão cheio de gente esperando, fazendo fila para tirar o material. Hoje isso não acontece com tanta frequência, porque todo mundo está se virando de alguma forma. Quer dizer, se o cara não acha de fato, no digital, aí ele vem para a biblioteca. É isso que está acontecendo. E a gente sabe que também têm outros caminhos na internet, que a gente não pode falar, mas tem coisa. Muita coisa na internet que nem deveria estar lá, pela questão dos direitos autorais. Mas eles usam. Entendeu? Têm umas bases aí, uns lugares que o povo entra que têm uns artigos. Que o pessoal fala aí. Então tem muito conteúdo científico aí enfiado no acervo, entendeu? Eles são autônomos.
Entrevistado D	Não muito, mas têm. Porque têm aquelas pessoas que fingem que não sabem mexer no acervo, para que a gente vá buscar o material. Tem isso também. Nem procurou. Vou na estante e o material está lá. Quanto ao uso de computador, eles sabem, mas podem ter dificuldade em buscar nas plataformas. Quando eles entram, a gente ensina a manusear as buscas, mas sempre estão procurando o pessoal da referência.
Entrevistado E	Com certeza, sim. Porque o computador é a ferramenta para ele achar o que ele quer nas bases. Se ele não souber operar direitinho, vai ter mais dificuldade nas buscas. Muitas vezes ele nem vai querer fazer isso, nem procura. Ele já vai direto ao livro impresso. Vai direto ao papel.
Entrevistado F	Olha, assim, são poucas pessoas – que pelo menos buscam ajuda ali no balcão. Mas as que buscam a gente têm que ajudar a usar o computador e a usar a base de dados digitais. Mas não é uma frequência tão grande aqui no IFCH. Mas normalmente a pessoa que tem dificuldade em manusear o computador não irá conseguir acessar as plataformas. Também não tem uma relação de saber usar um aparelho e saber pesquisar nas plataformas. Aqui não temos quase alunos com tais dificuldades. Mas sempre há pessoas com dificuldade, aí a gente ajuda. Porém, é número menor e geralmente são pessoas com uma faixa etária mais avançada.
Entrevistado G	Eu não percebo. Assim, não tive, digamos, essa oportunidade, assim, de ver. Porque, assim, aqui na biblioteca, eles usam mais o laboratório de informática, que fica fora assim. Aqui eles usam o computador mais para fazer pesquisa do acervo. Não tenho como falar, mas acho que não tem nada a ver entre manusear e usar as plataformas. Porque eles sempre estão em treinamento com o pessoal da referência.
Entrevistado H	Difícil. Muito difícil. Eles não têm dificuldade não. Não têm nenhuma. A não ser assim, se ele desconhecer que existe determinado material lá na biblioteca. Aí não tem como... Mas no geral eles têm facilidade sim. Eles sabem manusear as plataformas, é só ensinar.
Entrevistado I	Até pode ser que tenha sentido sim. Se ele não tem o domínio de manusear o computador, interfere na busca. Porque ele vai ter alguma resistência. Vai falar: mas esse computador é chato. Dá trabalho. Mas eu não vejo essa dificuldade dos alunos aqui, de mexer com o computador não. Por exemplo: antigamente a pessoa vinha com a classificação marcada no papelzinho, mas agora eles vêm com ela marcada no celular “é esse o livro que eu quero”, dificuldade de eles mexerem com equipamento, assim, de informática em geral, não temos isso aqui. E o fato de eles mexerem com o celular, com a rede social. Isso não quer dizer que ele também saiba manusear uma busca em uma base, como a CAPES. Por exemplo. Porque são coisas bem diferentes. Então, eu acho que são coisas diferentes, não é porque eles estão habilitados no uso do celular, tablets, computador, etc., que eles saibam pesquisar nas plataformas. Obs. Não guarda relação do uso do equipamento com as buscas em bases de dados, porque ele pode saber usar um equipamento, mas fazer uma busca eles não sabem.
Entrevistado J	Eu acho que essa nova geração não tem muita dificuldade, no geral. Esses alunos que chegam aqui, no primeiro ano, eu não vejo muita dificuldade. Já estão aptos às tecnologias.
Entrevistado K	Eu acho que eles não têm dificuldade de acessar o computador e as tecnologias de uso cotidiano. Mas o que a gente percebe é assim... Pelas experiências que a gente teve com alunos de graduação, que fizeram com a gente estágio. Não fui eu. Foram as meninas que perceberam que muitos estavam no último ano da graduação e não sabiam usar as bases para fazer busca adequadamente, eles tinham dificuldade. Não quer dizer que eles saibam fazer uma busca nas plataformas adequadamente. Uma coisa é diferente da outra. Eu acho que eles ficam ainda perdidos. Tem muito... Tem o próprio portal, tem o site da biblioteca. E dentro do portal existem os acessos eletrônicos. Eles não têm facilidade. É diferente. Se ele está no Google, ele pode fazer

	uma busca e cair, sei lá, no Scielo, nessas coisas abertas. Mas se ele depender de ter que acessar pelo VPN da casa dele, para ele fazer a pesquisa, ele sempre vem pedir informação de “ <i>como que eu faço isso ou aquilo</i> ”. A equipe aqui sempre está em alerta para esse auxílio.
--	--

Pesquisador: Como se comportam os alunos dessa faculdade com relação ao acesso virtual e o acervo físico?	
Entrevistado A	No geral, aqui eles querem acesso ao físico. A gente teve um caso de um aluno da ECA, de uma dessas pós-sanduíche, se não me engano da Universidade de Coimbra. Estávamos em um período de inventário e estávamos atendendo poucos alunos, mas esse estudante ao ver nosso acervo e que podia ter acesso aos livros, ele ficou entusiasmado porque na universidade que ele estuda, o aluno ainda não tem acesso ao acervo e quando demos acesso, ele ficou muito feliz, “nossa! Onde estudo a gente não tem acesso aos livros, mas que coisa fantástica, eu posso pegar? Olhar?” Então, os alunos eles querem acesso ao acervo físico, aqui são muito valorizados nossos impressos
Entrevistado B	Eu vejo que os alunos preferem acessar o catálogo de pesquisa USP, que eles utilizam para achar o livro físico na estante e levar o material físico emprestado para casa. Eles usam muitos livros físicos, quando estão aqui nos espaços para estudo. E têm uns que ficam o dia inteiro lendo, geralmente são da graduação. Na pós-graduação, que o pessoal tem que fazer uma pesquisa muito mais aprofundada, eles vão consultar mais as bases de dados, mais pela temática do curso que exige outras referências e nem sempre estão no livro físico. Da mesma forma seguem os docentes, porque o digital complementa o impresso.
Entrevistado C	Então, eu acho que não tem muita diferença não... Eu acho que já está implícito que eles têm que buscar as fontes nos dois lugares. Porque essa nossa biblioteca, ela tem uma potência. Você entra aqui, tem muita gente que pensa: nossa... que biblioteca! Nossa... você vê aquele monte de livros. Só ela por si só está dizendo: você pode explorar aqui e pode explorar digital. Acho que a primeira é a digital via Google, sem dúvida, é no digital. E, nesse sentido, dessa exploração do acervo, tudo tem a ver com o professor que se apropria da biblioteca, ele funciona como um guia, olha está em tal lugar. Ah, isso aqui não. Ah, isso aqui está no xerox. Eu acho que é assim... Porque se o professor é um cara que frequenta bastante a biblioteca, que sabe bastante da biblioteca, que também usa bastante as bases de dados, tal e tal. Ele vai falar para os alunos, por exemplo, tem um professor da Geografia que me chamou para uma aula, que eu fiquei boba de ver o quanto que ele usa as ferramentas que têm aqui na biblioteca, ele incentiva os alunos. Aí, outro dia ele disse bem assim: eu já tomei uma decisão, trabalho de aluno deve ter referências de determinadas bases de dados e de livros, porque sem essas referências, eu não vou aceitar. Pelo menos três, quatro referências têm que ter. Porque senão eles não leem. Eles não vão nessas fontes, entendeu? Então, se o professor, aceita um trabalho com dois textos. Cadê a riqueza desse trabalho, eles olham e falam: mas cadê a riqueza. Vamos explorar mais. Mas, cada um tem um comportamento. Eu não estou dizendo que um vai ter uma aula melhor ou pior. Não estou falando nem isso. Mas eu estou falando de apropriação. Se o professor se apropria da biblioteca, os alunos dele vão se apropriar. Ele vai pedir para seus alunos, então eu acho que tem essa relação do professor com aluno e apropriação. Nesse sentido, o comportamento dele que vai ser determinante para a apropriação da biblioteca. Eu vejo que o professor é um parceiro do aluno nas pesquisas, isso faz a diferença. O professor é um grande mediador. Claro... Se ele falar que a bibliografia dele tem 10 livros e 20 artigos e está tudo no digital, por que o aluno vai vir na biblioteca procurar? Se for o contrário, só tem impresso, o aluno vem nos procurar. O professor é um teleguiador e o aluno já vem com as diretivas: olha isso aqui tem na biblioteca, olha isso aqui não tem, olha isso aqui está no xerox. É a oferta que o aluno tem e onde está a oferta do conteúdo e como esse conteúdo está disponível. É impresso? É digital? A apropriação é por aí.
Entrevistado D	Se eles não têm o físico, dependendo do lugar que eles estejam, usam o digital, no geral, vejo isso. É que eu fico ali restrita, mas eu ajudo. Como eu faço as fichas catalográficas, então a gente se conversa por e-mail e vai trocando. Têm aqueles alunos que às vezes não aceitam. A gente dá as bases que eles possam consultar, que são autorizadas para o assunto. A gente está sempre disponível para ajudá-los.

Entrevistado E	Hoje os jovens começam mais cedo a ter familiaridade com as ferramentas. Eles já chegam um pouco mais treinados do que na nossa época. A gente saía da faculdade totalmente crua. Não sabia nem ligar o computador direito. Não vejo muitos problemas relacionados ao uso dessas ferramentas na nossa biblioteca. Até que está balanceado este comportamento tecnológico.
Entrevistado F	Normalmente, eles não têm dificuldade nessa relação. Alguns até gostam. Porque, às vezes, eles pegam o material emprestado e conseguem renovar <i>online</i> o material, sem ter que ficar vindo fisicamente aqui. Então ele consegue utilizar por mais tempo o material. Às vezes, está em outra cidade, outro estado e consegue fazer essa renovação do livro. O comportamento de uso dos acervos está relacionado mais com a faixa etária, da demanda e da necessidade.
Entrevistado G	Eu acho que eles ainda preferem físico, porém o digital, ao meu ver, seria outra opção. De modo geral, acho isso.
Entrevistado H	É. Depende da necessidade, eles querem impresso para levar, mas se tiver emprestado, a gente já oferece o digital e eles não rejeitam. A gente tem que ficar atento às necessidades deles. Porque, essa área de humanas, são alunos que gostam de pesquisar. É uma área de muita pesquisa. O público das humanas é diferente em relação a exatas. Eu trabalhei nas exatas e eles são bem diferentes, não se preocupam com os direitos das pessoas. Parece que eles estão preocupados só ali com o material deles. Eles não estão muito preocupados com os seres humanos, com o social. Entrei na Unicamp na área de exatas em 1988 e fiquei até 2009, quando vim pra Humanas no IFCH, a minha vida mudou. Por isso que eu falei que eu entendia tanto das duas áreas. Porque você prepara o material e a referência disponibiliza. E, nas exatas, tanto os alunos quanto os colegas de trabalho, até inclusive os professores, todos são completamente diferentes das humanas. Aqui eu me sinto acolhida, é uma simpatia. Até o interesse dos professores com a biblioteca. É tudo diferente. Pode ser um professor de exatas, mas deve ser humano. Agora, aqui no IFCH você encontra o pessoal. Tudo é... bicho louco, tudo cabelo arrepiado, vermelho, amarelo. Tudo tatuado. Mas entram na biblioteca e estudam. Foi a diferença que eu senti. Quando eu vi esses alunos, eu achava que não estavam nem aí, que só queriam festa, festa, festa. Mas não. Eles estudam pra valer. Só que eles gostam de muita liberdade, muita independência. Eles vêm todos muito à vontade. Não sei se vocês sentiram quando andaram aí fora. Então, se eles pedirem impresso, você conversa e se tiver digital eles pesquisam.
Entrevistado I	Eu acho que tem um equilíbrio. A tecnologia veio para facilitar. Então, às vezes, é muito mais fácil eu pegar, conseguir um artigo digital, já imprimo ou salvo. Se o impresso estiver emprestado e eu tiver o material digital irá facilitar a pesquisa do aluno. Quer dizer, é uma outra possibilidade que eu tenho no digital. Então... Eu tenho esse material impresso e eu tenho eletrônico. Qual que você prefere? Talvez, se eu já estivesse com o impresso aqui, ele ia pedir o impresso. Talvez porque no digital, eu ia ter que mostrar a base, onde e como localizar. Como que ele vai ter que fazer para acessar, talvez ele optasse pelo impresso.
Entrevistado J	Eu não vejo restrições. Eu não vejo tanta resistência, no geral, no uso dos acervos impresso ou digital, mesmo porque muitas publicações, que talvez eles necessitem, não têm impresso ou digital. Não tem saída em alguns casos.
Entrevistado K	No geral, eu acho que eles têm mais dificuldade para acessar o virtual. Justamente porque o virtual, a recuperação dele, ainda, pelo portal, não está muito fácil para o aluno. Ele ainda não tem essa cultura de fazer mais de uma busca, de buscar o e-book para depois buscar o impresso. Existe uma cultura pelo impresso. A gente sempre tem que estar reforçando nas orientações. <i>“Olha, primeiro procura por isso, para depois ir para aquele”</i> para talvez facilitar. Ou quando faz a busca naquela integrada, conseguir identificar. <i>“A UNICAMP tem acesso a esse e-book e também tem o impresso. Agora qual eu vou querer?”</i> Ainda, eles, eu acho que têm um pouco de dificuldade assim. Mas se eles acharem no primeiro momento o impresso, eles ficam com impresso. O que eu acho é assim: que eles têm dificuldade de encontrar o e-book. Ao encontrar o e-book e tendo o e-book e o impresso, dependendo da quantidade de leitura que ele precisa... porque, às vezes, é só um capítulo. Ele vai pegar o virtual. Agora, se ele precisa ler o livro na íntegra, daí ele vai preferir o impresso. Eu acho que é isso sim. Minha impressão. Não sei. Minha percepção.

Pesquisador: O perfil do aluno que frequenta essa biblioteca é mais voltado para o impresso ou digital? Você escuta algum comentário deles?	
Entrevistado A	Eu acho que está misto hoje. Então, mas sempre estou falando que assim: que uma das grandes coisas valorizadas justamente é o acervo no papel. Mas quando a gente consegue acesso a uma base, por exemplo, Proquest, que dá acesso a materiais antigos. É que a gente não tem esta como assinatura ainda. A gente consegue um maior sucesso. De história é outro caso. Então, quando a gente consegue alguma base de recursos de humanidades. Porque justamente, não é uma coisa fácil. Eles querem bases que tragam novidades. Aqui não poderia ser uma biblioteca virtual, porque aqui o acesso é grande ao acervo.
Entrevistado B	Eu acho que uma coisa complementa a outra. Então, você tem que ter a parte física que é o material bibliográfico físico. Quando não tem o físico disponível, o usuário busca no digital, nas bases de dados que disponibilizamos. Logo, eles usam aquilo que está ao alcance, mas no geral prevalece no perfil de nossos usuários aos acervos físicos. Não sei direito, mas vejo isso.
Entrevistado C	o aluno da FFLCH tem um perfil, é diferente dos demais, mas isso vai se moldando durante o curso, mas está ligado ao professor, pelo estímulo recebido, isto é, se o professor indica as obras e diz está em tal lugar, ele será guiado para aquela fonte que ela está.
Entrevistado D	Comentários não, mas a gente sente que eles ainda querem impresso, a gente sente que é isso no geral.
Entrevistado E	Não existe muita preferência em si, mas questão de possibilidade mesmo. Se estiver em papel ou digital, vai pegar o que for mais fácil para ele naquele momento. Se estiver em sua casa, ele vai, talvez, pegar alguma coisa digital, porque não tem acesso ao impresso. Mas se ele estiver aqui na biblioteca, vem aqui pegar o livro. Uma questão de logística.
Entrevistado F	A maioria, eu acho que é voltada para o impresso. Eu acho que também por ser uma universidade do porte da UNICAMP, então alguns alunos vêm de outro estado, outra cidade. Então não têm assim, lugar de estudar também, às vezes, procuram material digital. Então, eles frequentam mais a biblioteca aqui. E também porque é mais fácil. Porque sai da aula, já passa aqui, pega o livro e já fica estudando aqui mesmo. Tem gente que estuda horas aqui dentro. Então, eu acho que também tem esse lado de vir de outros estados, outras cidades. Têm alunos até que vêm de outros países estudar aqui e a biblioteca serve como espaço para eles. Mas ainda permanece o uso do impresso.
Entrevistado G	Você sabe que até presencio, não só com o livro, mas com o periódico. Porque tem alguns periódicos nossos que são bastante usados e estão impressos e temos também a versão digital. A gente não empresta o periódico impresso, eles levam para xerocar. Por quê? Se tem o digital!? Vejo também eles levando até livro, para xerocar, aí a gente fala: mas tem o <i>online</i> , tem o digital. Ah não. Mas eu sempre percebo que eles sempre preferem o físico. Eu acho que é mais fácil de trabalhar. Já pega, já abre a página, mesmo que tenha o digital... Eu já ouvi. E não foi uma ou duas vezes: mas eu prefiro o físico. Talvez, será que é preguiça? Não sei. Vai saber!
Entrevistado H	Eles vêm muito de boa. Eles vêm em busca da informação. Gosta de um tratamento assim, individualizado. Eu sempre falo para a Neiva. Neiva – até nos treinamentos – com exceção de alguma coisa que tem que ser muito geral, eu prefiro estar com o usuário e entender todas as necessidades dele. E ele sai, graças a Deus, sai satisfeito. Sai contente. Eles preferem o que tiver mais fácil, impresso ou digital, se não tiver impresso, levam digital, e tudo bem.
Entrevistado I	Então. É relativo. Porque a gente já teve casos de sugestão que a pessoa... porque quando a gente vai fazer as nossas listas de aquisições tem os dois tipos de sugestão. Tem alguns professores ou alunos que indicam o digital para comprar. Outros querem o impresso, mesmo sabendo que temos a versão digital, ou querem o digital sabendo que tem o impresso, porque o digital facilita e complementa. Agora estão começando a indicar bastante o digital, mas acho que pelo fato de atingir um número maior de usuários, então o perfil está relacionado com as possibilidades que o usuário tem naquele momento que ele precisa fazer a pesquisa.
Entrevistado J	Eu acho que está meio misto. Alguns preferem <i>online</i> , outros gostam do impresso. Porque aqui tem muito impresso. De Filosofia, eu acho que a pessoa prefere ficar folheando, do que ficar com aquela tela passando. Tem alguns livros aí, por exemplo,

	<p>se for a “Coleção Primeiros Passos”, fica mais fácil ler na tela. Têm muitos livros que a leitura é complexa e exige pensar, que no papel, é mais fácil, por exemplo, se eu fizesse alguns dos cursos aqui, eu ia preferir papel. Acho que por isso eles gostam do papel, já na tela pode dispersar a atenção, por isso que eles rabiscam os livros, a gente avisa sempre para eles. Se eu fizesse alguns desses cursos, entre <i>onl</i> Na verdade, a gente tem impresso e, às vezes eles falam: “<i>Por que não compra a nova edição impressa?</i>” Como eu não trabalho diretamente lá com o público, eu não tenho muito essa informação. Se tem essa... Se eles falam: “<i>Ah, por que você não compra isso?</i>” E quando a gente recebe as indicações de compra, geralmente, a pessoa nunca coloca e-book. Coloca o livro que ela quer. Ela não especifica. Não sei se a Cristina, que trabalha com compras, falou alguma coisa disso. Porque ela que recebe as indicações de compra. Eles só indicam os livros. Tanto é que quando a gente foi fazer a lista dos pedidos de compra de e-book, muitos professores indicaram aquele Kindle. Às vezes, não tinha nas bases de dados para comprar, porque só a Amazon que oferece. Coisa de licitação... Aí tem aquilo da legislação e dificulta, mas o que eu acho mais difícil não é, porque a UNICAMP compra, desde que o acesso àquele conteúdo possa ser para mais de um usuário. E o Kindle, muitas vezes, ele é individualizado por CPF. <i>ine</i> e papel, eu acho que eu preferia o papel, porque precisa de muita leitura.</p>
Entrevistado K	<p>Na verdade, a gente tem impresso e, às vezes eles falam: “<i>Por que não compra a nova edição impressa?</i>” Como eu não trabalho diretamente lá com o público, eu não tenho muito essa informação. Se tem essa... Se eles falam: “<i>Ah, por que você não compra isso?</i>” E quando a gente recebe as indicações de compra, geralmente, a pessoa nunca coloca e-book. Coloca o livro que ela quer. Ela não especifica. Não sei se a Cristina, que trabalha com compras, falou alguma coisa disso. Porque ela que recebe as indicações de compra. Eles só indicam os livros. Tanto é que quando a gente foi fazer a lista dos pedidos de compra de e-book, muitos professores indicaram aquele Kindle. Às vezes, não tinha nas bases de dados para comprar, porque só a Amazon que oferece. Coisa de licitação... Aí tem aquilo da legislação e dificulta, mas o que eu acho mais difícil não é, porque a UNICAMP compra, desde que o acesso àquele conteúdo possa ser para mais de um usuário. E o Kindle, muitas vezes, ele é individualizado por CPF.</p>

Pesquisador: Você oferece algum treinamento para os usuários acessarem todas essas tecnologias, todas essas bases de dados?

Entrevistado A	<p>Sim. A biblioteca oferece diversos treinamentos para os usuários. Para bases de dados, para o próprio catálogo, treinamentos são agendados por demanda ou individual e professores também agendam conosco, por exemplo: o treinamento do EndNote, que ajuda na elaboração de trabalhos acadêmicos, o certo seria o aluno já iniciar seu trabalho usando este, porque muitas das vezes ele nos procura quando está finalizando e nesse caso o sistema não ajuda mais. A gente sempre está trabalhando no sentido de que o aluno receba o treinamento no início.</p>
Entrevistado B	<p>Sim. Sempre no começo do ano, com os calouros, nós fazemos as visitas guiadas: um <i>tour</i> pela biblioteca. E, logo após, nós mostramos o nosso site, os serviços que a biblioteca oferece e damos as noções básicas de pesquisa dos nossos catálogos, nos quais se encontram as bases de dados, as fontes de informações. E sempre recomendamos também o portal do SIB, que vai integrar tudo, tanto o catálogo de pesquisa quanto os e-books, as revistas eletrônicas, as teses e dissertações <i>online</i>. É o “Metabuscador”. Então, tudo está dentro desse portal de pesquisa integrada. É um metabuscador para facilitar, não deixando de pesquisar isoladamente aquela base que a pessoa está acostumada a entrar, porque, às vezes, algumas coisas não aparecem ainda no portal de busca integrada. O que não aparecer no portal de busca integrada, nós recomendamos pesquisar no Portal CAPES. Como temos acesso ao portal CAPES, então muita coisa não está no portal de busca da USP. Porque tudo que está na CAPES não aparece no nosso metabuscador, mas isso foi uma decisão da CAPES. Deve ser por causa das estatísticas.</p>
Entrevistado C	<p>Sim. Treinamento dos catálogos da USP, das bases e, às vezes, a gente também é demandado por alguns docentes que querem que a gente explique determinada base ou determinada ferramenta para um grupo específico, para determinada turma. Isso também acontece. Não é só uma relação que a gente oferece. Mas a gente também tem demandas. As dúvidas são constantes, quero saber sobre isso e aquilo e sem parceria</p>

	com professores e alunos, a coisa não funciona bem. Por melhor que seja o bibliotecário, não vai funcionar sem parceria para realização de treinamento.
Entrevistado D	Sim, o treinamento aqui para os alunos vem desde que eles entram na universidade. A gente ensina a usar acervo, impresso e digital, porque o SBU treina a gente para repassar isso para os alunos durante todo o ano. Já iniciam a primeira aula tendo treinamento para usar todos os serviços da biblioteca.
Entrevistado E	Sim, por demanda ou específica, se o aluno solicitar o setor de referência fazem também os eventos. Agora surgiu uma ferramenta nova, eles divulgam e vê quem quer fazer o treinamento para aprender. Assim, auxiliam os alunos nas pesquisas que realizam.
Entrevistado F	Sim. A gente tem uma forma, que a gente faz um agendamento com um número de público. Aí a gente utiliza para fazer um treinamento para essas pessoas também. Esse treinamento é agendado e constantemente temos pessoas para participar. A gente tem geralmente duas pessoas que ficam na manhã e tarde e tarde e noite. Então, sempre tem alguém aqui, quando é possível, para dar esse treinamento. Mas geralmente é agendado. Porque ficar dando atendimento assim para usuário específico. Aí fica muita gente ocupada dando treinamento e aí fica pouca gente para cuidar de outras atividades da biblioteca.
Entrevistado G	Sim. A gente oferece, hoje de manhã teve e agora a tarde também terá treinamento. No início do ano, aos calouros e às demandas durante o ano. Inclusive, alguns professores vêm junto com as turmas ou os monitores vêm juntos. Daí, a gente tem a equipe para receber. A gente mostra o acervo. Como que funciona a biblioteca, os serviços oferecidos. Nessa sala que estamos, é inclusive para treinamento (aproximadamente uns 50 computadores). A gente mostra a nossa base de dados, como que pesquisa. Então, tudo isso é feito, porque eles têm dificuldades de achar os materiais. Isso é durante o ano todo. E, às vezes, até o professor vem fazer os treinamentos, eles agendam. Praticamente toda semana tem, amanhã vai ter um também. Parece que segunda agora tem outro. Têm vários horários: tem de manhã, à tarde, à noite. Então, depende da procura de treinamento.
Entrevistado H	Sim. Oferecemos diversos treinamentos: Por exemplo, agora nós estamos com ORCiD, que eu tenho que orientar os professores a fazer esse registro; Fiz treinamento do antiplágio, que é outra ferramenta de auxílio para professores. Dou treinamento dos catálogos e das plataformas.
Entrevistado I	Sim. Nós oferecemos. Todo começo de ano a gente reúne os alunos, os ingressantes de todos os cursos. Aí a gente faz uma explicação geral sobre a biblioteca e as possibilidades de busca que ele tem; como ele localizar o material. O que ele tem disponível no catálogo <i>online</i> . A pesquisa integrada. Falamos das bases de dados do portal CAPES. A gente dá uma orientação geral. É. Isso para as turmas ingressantes. Depois, no decorrer do ano também, de acordo com a demanda deles, a gente atende às demandas individuais ou grupo, por meio de agendamento, a gente treina nas plataformas de pesquisa. Temos um programa implantado aqui que, se o aluno fizer uma disciplina sobre as pesquisas e treinamento fornecido pela biblioteca, vale três créditos.
Entrevistado J	Sim, mesmo a gente trabalhando no processo técnico, quando necessário, a gente ajuda nos treinamentos, porque você precisa estar habilitado para tanto. Às vezes, um funcionário vai fazer alguma coisa ou precisa ir ao médico, aí não pode vir. Então a gente tem que ir ajudar os alunos mesmo. E se você sabe o funcionamento do atendimento e como atender o aluno, você vai lá e ajuda.
Entrevistado K	A gente tem tentado. A gente tem tomado algumas frentes. Para começar: todo ano, a gente tem a calourada... Porque assim, nós percebemos, se você faz um convite e deixa lá na entrada “ <i>Olha vai ter um treinamento, não sei o quê</i> ” as pessoas não vêm. Ou até podem fazer a inscrição e depois não aparecem. Então, o que a gente viu que dá mais resultado? Quando começa o ano, a gente entra em contato com os docentes de cada curso de graduação, com o seu coordenador. E o coordenador indica os alunos deles, PED ou PAD, que são alunos que ajudam a docência. E esse aluno que ajuda o docente nas disciplinas traz a turma. Então, a gente faz o acolhimento deles. Hoje a gente vai receber os alunos de Filosofia. Geralmente, a Neiva com a Júlia os recebem nessa sala, mostram o que a gente tem no portal nosso, o que tem no Sistema de Bibliotecas, mostram os aplicativos que têm no celular, não só de biblioteca. Tem o aplicativo da prefeitura, que você consegue ver qual é o almoço do refeitório, qual é o

	<p>cardápio do dia, qual é o transporte da UNICAMP, que horário que passa. É um aplicativo, é da UNICAMP, de serviços. Os achados e perdidos. Se você esquecer uma roupa aqui, a gente vai fazer um encaminhamento. Os achados e perdidos fica lá na prefeitura da universidade. Então, a gente passa para os alunos todas essas informações. Na nossa TV, lá na frente, há essas informações, um telão na entrada da biblioteca, falando “<i>Olha tem isso. Tem aquilo</i>”. O próprio IFCH, quando a gente tem muito evento... Aqui tem UNICAMP, Biblioteca e tem os serviços, que agora eu não sei localizar aqui no meu celular. Mas a gente mostra para eles. E também tem o IFCH, que são só eventos do IFCH. Olha (mostrando na tela do celular), aqui tem IFCH, eventos, as defesas de tese, os colaboradores quem são. Às vezes, a pessoa precisa saber o telefone de alguém. Esse é um aplicativo do Instituto. O Sistema de Bibliotecas está, dentro do sistema da prefeitura, individualizado. A biblioteca tenta passar para os usuários todos esses serviços. Assim, mostra que existem todos esses aplicativos, para que eles possam baixar nos seus celulares para facilitar. Porque eu quero renovar um livro, eu renovo pelo meu celular.</p>
--	---

Pesquisador: Você recebeu/recebe algum treinamento para auxiliar esses alunos no uso dos acervos digitais?	
Entrevistado A	No passado, já teve muitos treinamentos pelo Sistema de Bibliotecas da USP, ainda tem alguns, mas de base externas com os representantes comerciais. O que a gente não sabe, a gente tem que ir atrás. Essa é a questão. A gente recebe as demandas do aluno, do professor e isso chega para o pessoal da Referência e eles têm que dar conta, que é o caso do Charles e da Beth, no caso do EndNote, a demanda chega e nós não temos cursos, então a gente tem que ir atrás.
Entrevistado B	Sim. Sempre recebemos treinamentos para capacitar os alunos, sim. Têm treinamentos da Web of Science e de bases de acesso aberto. Têm também todas as plataformas para orientar os docentes a fazer determinado cadastro. E tem treinamento de fornecedor, mas com outro objetivo.
Entrevistado C	Essa parte de treinamento está muito ruim, viu? Está muito ruim. Assim, a gente tinha no passado, a gente tinha treinamentos regulares com as equipes bibliotecárias, não só os bibliotecários, mas os auxiliares também. Está tendo de outra ferramenta, porém pontual. A CAPES andou cortando um monte de coisa das bases e ficou ruim e os editores ficam desesperados em cima da gente para fazer treinamento, para poder impulsionar as estatísticas e aí eles falarem que não pode cortar as bases deles. Mas não como uma coisa assim, que faça parte, sabe? A gente tinha um plano. A gente tinha curso de formação com frequência. Não só do instrumento, da base, mas assim, coisas mais de fundo também, para o bibliotecário abrir um pouco mais a cabeça, para ele poder também pensar na biblioteca dele, enfim. Então eu acho que isso está bem fraco.
Entrevistado D	Sim. Toda equipe da biblioteca recebe treinamento da SBU. Vem gente de fora para nos treinar em todas as bases digitais e poder nos preparar para treinar os alunos. Quando tem treinamento, a gente é dispensado do trabalho para participar e isso ajuda no nosso trabalho.
Entrevistado E	Sim. O SBU faz muitas capacitações. Fica a critério de a gente querer participar ou não. Eles sempre fazem a divulgação e se você tiver interesse naquela base ou naquela ferramenta em si, aí você se inscreve e faz. Eles oferecem treinamento de tudo que está ligado a melhorias e facilidades. Vai de o profissional ter disponibilidade para ir e querer fazer. Eles chamam os parceiros, aqueles que fornecem as bases, plataformas digitais e com a gente repassam para os alunos.
Entrevistado F	Sim, normalmente, quando eu entrei aqui, eles explicaram sim, fui treinado sobre todo funcionamento. Quando tem dúvidas mais específicas, encaminho para minha supervisora de referência e tenho sempre a quem recorrer para tirar dúvidas que surgem durante o atendimento. Também tem os treinamentos da SBU, que treinam o pessoal de todas as bibliotecas, para repassar isso para os usuários.
Entrevistado G	Sim. A gente tem. O SBU, ele tem um programa de capacitação dos funcionários chamado de Fóruns Permanentes. Sempre tem treinamento para o pessoal das bibliotecas da UNICAMP, coordenado pela Biblioteca Central, tem essa parte de capacitação. Vem inclusive gente de fora para dar orientação, treinamento de base, de CAPES de outras plataformas, aí a gente passa para o aluno. A gente é dispensado, se quiser ir aos treinamentos e isso é muito bom, porque a gente passa para os alunos e

	demais públicos.
Entrevistado H	Nós somos preparadas para dar treinamento. Inclusive hoje eu estava lá recebendo treinamento. Aqui nós temos treinamento constante pela SBU – Sistema de Bibliotecas da Unicamp. Recebemos treinamento para passar aqui no IFCH para nossos usuários.
Entrevistado I	Sim. Na verdade, constantemente o Sistema de Bibliotecas da UNICAMP tem esses treinamentos. Então, se é uma base de dados nova. Se é uma ferramenta nova, por exemplo: o Turnitin, ORCiD, constantemente a gente está recebendo esses treinamentos para a gente passar para os usuários. E tem os cursos da um programa de eventos que se chama Fóruns Permanentes. Então sempre tem alguma coisa voltada para a área de biblioteca. Então a gente procura também participar para tentar replicar para os alunos, os usuários, de maneira geral. As tecnologias traz impacto na vida do usuário e no pessoal da biblioteca também, por isso precisamos nos atualizar para assim treinar os usuários pois as tecnologias avançam constantemente. Esses dias até aconteceu uma situação engraçada. Tinha uma professora já aposentada. Aí estava com um problema no cadastro. Aí ela estava com a carteirinha, que é a nossa identidade. Aí ela lembrou realmente quando era ainda fichinha. Aí ela falou: nossa, mas é muita novidade. Cada vez que você pega um cartão você tem que atualizar um cadastro. E as coisas mudam. Antigamente era carteirinha, carimbava o livro que estava levando. Quer dizer, assim, ela percebeu, para muitos há um choque.
Entrevistado J	Sim. Recebemos treinamento pela SBU (Sistemas de Bibliotecas da Unicamp), justamente para ajudar os usuários no uso dos acervos, tanto impresso quanto digital. E agora com muita gente se aposentando, então você participa dos cursos, das plataformas e outros serviços, mesmo não fazendo parte de sua rotina. Mas tem que fazer.
Entrevistado K	Sim, do SBU. Por exemplo, no dia 23 de agosto, vai haver um treinamento para busca integrada. Eles já mandaram o convite para as bibliotecas, para os usuários e para nós. O Sistema de Bibliotecas tinha um programa de capacitação para os profissionais. Na verdade, ainda tem. Porque tem, assim, as tardes de troca de experiências. Porque têm bibliotecários que vão para outros países fazer visita técnica, fazer estágio. Então tem esse momento de compartilhar os conhecimentos. Também é convidado. É que nem sempre todo mundo consegue ir. Como aqui a nossa biblioteca é uma biblioteca grande, perante muitas do sistema, eu, por exemplo, não costumo ir muito em treinamento. Porque quem cuida de treinamento é a Neiva e a Júlia. Eu acabo aprendendo sozinha ou quando preciso de alguma coisa, peço a ajuda delas. Eu também não tenho tempo na minha agenda para participar de todos os treinamentos. É mais fácil eu ficar aqui na biblioteca e elas irem. Porque elas que estão lá de frente com o usuário. E percebo, assim, daí fora esses treinamentos que eu estava falando, da pergunta onze. Que tem esses treinamentos com os alunos novos. A gente também oferece para os alunos da pós. A gente tem percebido que os próprios docentes já começaram a nos procurar. O que já fizemos? Este ano, nós fomos a todas as reuniões de departamento. Porque têm vários departamentos no Instituto. O Instituto é grande. Tem 90 docentes. Então fomos para cada departamento falar do que a biblioteca é. Mostrar o quanto entrou. Falar das capacitações. Que existem muitos recursos eletrônicos. Falar dos periódicos. A importância do periódico eletrônico, impresso. Que sempre existe um controle interno, de consulta local, para as assinaturas. A gente explicou bastante coisa. Depois desse contato também, a gente percebeu, agora, o professor de Antropologia veio e disse: “ <i>Eu quero trazer a minha turma nesse segundo semestre.</i> ” Os professores da pós-graduação chamam as meninas, que eles querem vir aqui ter treinamento. Então, assim, a gente tem que fazer o trabalho com o docente para ele incentivar. Pegar uma aula dele para trazer na biblioteca. Isso está dando resultado... De eles nos procurarem. À medida que eles procuram “ <i>Eu preciso aprender o tal</i> ”, por exemplo, o Turnitin, que é verificação de plágio. O docente precisa fazer isso para rodar a tese do aluno. Ele vem, marca um horário com a Júlia. A Júlia orienta como usar a base, o <i>software</i> . Já é um atendimento individualizado. Têm vários atendimentos assim. Hoje mesmo a Neiva e a Júlia foram ter reforço sobre ORCiD, que é aquele de registro, que agora é praticamente obrigatório. Porque a partir de setembro vai ter uma campanha na UNICAMP, porque a gente tem de 90 docentes, 30 docentes nossos ainda não foram cadastrados e eles precisam estar cadastrados. Então, a gente vai começar essa campanha junto. Que a UNICAMP criou uma... tem

	<p>uma deliberação. É uma portaria. Que todos os docentes têm que fazer. E tudo isso é tecnologia que o bibliotecário está envolvido. Por exemplo, que eu falei que dia 23 vai ter um treinamento para busca integrada. A gente também divulga. Eu divulguei no Facebook da biblioteca. E, daí, fora isso, a Júlia divulga em todas as listas da biblioteca, do IFCH. Para divulgar novas aquisições. Para falar das exposições na biblioteca.</p>
--	--



ANEXO B - TERMO DE APRESENTAÇÃO E AUTORIZAÇÃO

Prezada Sra. Valdinéa Sonia Petinari
Diretora de Serviço da Biblioteca Octávio Ianni, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Eu, Luís Carlos Pereira, RG_37120851-8, aluno regularmente matriculado (a) no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, nível (mestrado) da Universidade Nove de Julho (Uninove) RA 618150248, sob a orientação da Professora Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida, venho, respeitosamente, solicitar a V. Sa. autorização para pesquisa de campo nessa instituição, com a finalidade de realizar a pesquisa acadêmica que versa sobre: O uso do acervo nas bibliotecas universitárias.

Agradeço antecipadamente sua atenção e aguardo seu deferimento.

Luís Carlos Pereira (Mestrando)

Profa. Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida (Orientadora)

Direção da instituição
São Paulo, _____ de _____ de 2019



ANEXO C - TERMO DE APRESENTAÇÃO E AUTORIZAÇÃO

Prezada Sra. Adriana Cybele Ferrari
Diretora Técnica da Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP.

Eu, Luís Carlos Pereira, RG_37120851-8, aluno regularmente matriculado(a) no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, nível (mestrado) da Universidade Nove de Julho (Uninove) RA 618150248, sob a orientação da Professora Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida, venho, respeitosamente, solicitar a V. Sa. autorização para pesquisa de campo nessa instituição, com a finalidade de realizar a pesquisa acadêmica que versa sobre: O uso do acervo nas bibliotecas universitárias.

Agradeço antecipadamente sua atenção e aguardo seu deferimento.

Luís Carlos Pereira (Mestrando)

Profa. Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida (Orientadora)

Direção da instituição
São Paulo, _____ de _____ de 2019.



ANEXO D - TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA
PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Nome do participante: _____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Cidade: _____ CEP: _____

E-mail: _____

1. **Título do Trabalho Provisório:** A Biblioteca na formação humana: permanência e metamorfose
2. **Objetivo:** Verificar o uso do acervo em suas múltiplas possibilidades em uma sociedade hiperconectada, a partir da percepção dos profissionais das duas bibliotecas tem sobre o uso do acervo pelos usuários.
3. **Justificativa:** Ressalta-se a carência e necessidade de pesquisas na área da educação sobre o uso do acervo permeado pelas tecnologias digitais, vista pelos profissionais bibliotecários por estarem envolvidos diretamente neste cenário.
4. **Procedimentos:** Você é convidado para participar de uma entrevista com a finalidade de coleta de dados para esta pesquisa de Pós-Graduação em nível de Mestrado.
5. **Benefícios da Pesquisa:** Entender as tecnologias digitais nos acervos e a partir deste entendimento poderá trazer um novo olhar sobre o contexto atual da biblioteca universitária no ensino, na pesquisa e na extensão, capaz de potencializar a troca e a construção de novos conhecimentos.
6. **Retirada do Consentimento:** O participante pode decidir desistir da pesquisa em qualquer tempo.
7. **Garantia do Sigilo:** O pesquisador é responsável por manter em sigilo os dados relatados pelo entrevistado.
8. **Local da Pesquisa:** Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Rua: Cora Coralina, 100 - Cidade Universitária, Campinas - SP,

13083-896.

9. **Pesquisador:** Luís Carlos Pereira (Orientando)

Profa. Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida (Orientadora)

10. **Consentimento Pós-Informação:**

Eu, _____,

Após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a realização do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos.

Local-----,data -----

Assinatura do Participante

Luís Carlos Pereira,
Pesquisador



ANEXO E - TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA
PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Nome do participante: _____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Cidade: _____ CEP: _____

E-mail: _____

1. **Título do Trabalho Provisório:** A Biblioteca na formação humana: permanência e metamorfose
2. **Objetivo:** Verificar o uso do acervo em suas múltiplas possibilidades em uma sociedade hiperconectada, a partir da percepção dos profissionais das duas bibliotecas tem sobre o uso do acervo pelos usuários.
3. **Justificativa:** Ressalta-se a carência e necessidade de pesquisas na área da educação no que ao uso do acervo permeado pelas tecnologias digitais, vista pelos profissionais bibliotecários por estarem envolvidos diretamente neste cenário.
4. **Procedimentos:** Você é convidado para participar de uma entrevista com a finalidade de coleta de dados para esta pesquisa de Pós-Graduação em nível de Mestrado.
5. **Benefícios da Pesquisa:** Entender as tecnologias digitais nos acervos e a partir deste entendimento poderá trazer um novo olhar sobre o contexto atual da biblioteca universitária no ensino, na pesquisa e na extensão, capaz de potencializar a troca e a construção de novos conhecimentos.
6. **Retirada do Consentimento:** O participante pode decidir desistir da pesquisa em qualquer tempo.
7. **Garantia do Sigilo:** O pesquisador é responsável por manter em sigilo os dados relatados pelo entrevistado.
8. **Local da Pesquisa:** Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, da Universidade de São Paulo – Rua: do Lago, 717 - Butantã, São Paulo - SP, 05508-090 – São

Paulo.

9. Contato do pesquisador: Luís Carlos Pereira (Orientando)

Profa. Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida (Orientadora)

10. Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____,
Após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a realização do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos.

Local-----,data -----

Assinatura do Participante

Luís Carlos Pereira,
Pesquisador

ANEXO F - QUESTÕES DA ENTREVISTA

Esta entrevista faz parte da pesquisa de título “**A biblioteca na formação humana: permanência e metamorfose**”, que tem como objetivo principal verificar o uso do acervo em suas múltiplas possibilidades em uma sociedade hiperconectada, a partir da percepção dos profissionais das duas bibliotecas tem sobre o uso do acervo pelos usuários

PARTE I – Profissionais da biblioteca universitária

- 1) Você é bibliotecário? Sim () Não (). Se sim, há quanto tempo? _____
- 2) Há quantos anos você trabalha nesta biblioteca? _____
- 3) Qual sua faixa etária () 18 a 28 () 29 a 39 () 40 a 50 () 51 a 61 () acima de 62
- 4) Você fez ou está fazendo algum curso? Sim () Não ()

Qual curso? _____

Qual instituição? _____

- 5) Você teve a oportunidade de cursar alguma pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado)? Não () Sim () Em qual área? _____

Se respondeu sim à questão 5, passe à questão 6:

- 6) Acha que o curso de pós-graduação que fez teve algum impacto em seu desempenho profissional? Não () Sim () Qual? _____

PARTE II – Impacto das Tecnologias Digitais

- 1) Houve alguma mudança no perfil dos profissionais no âmbito das bibliotecas universitárias?
- 2) Qual o público que frequenta essa Biblioteca?
- 3) Que tipo de material compõe o seu acervo?
- 4) A instituição usa plataformas digitais de pesquisa científica? Quais?
- 5) As plataformas digitais são amigáveis para os usuários? Eles tecem comentários sobre isso?
- 6) Você observa se existe alguma preferência no uso do acervo impresso e digital entre alunos de graduação e pós-graduação?

- 7) Você observa se existe alguma preferência no uso do acervo impresso e digital entre os docentes?
- 8) Você saberia esclarecer se os alunos que têm muitas dificuldades em manusear o computador, também têm dificuldade no acesso digital? Em mexer nas plataformas digitais?
- 9) Como se comportam os alunos dessa Faculdade com relação ao acesso virtual e ao acesso físico?
- 10) De modo geral o público que frequenta essa biblioteca é mais voltado para o impresso ou digital? Você escuta algum comentário deles?
- 11) Você oferece algum treinamento para os usuários acessarem todas essas tecnologias, todas essas bases de dados?
- 12) Você recebeu/recebe algum treinamento para auxiliar esses alunos no uso dos acervos digitais?